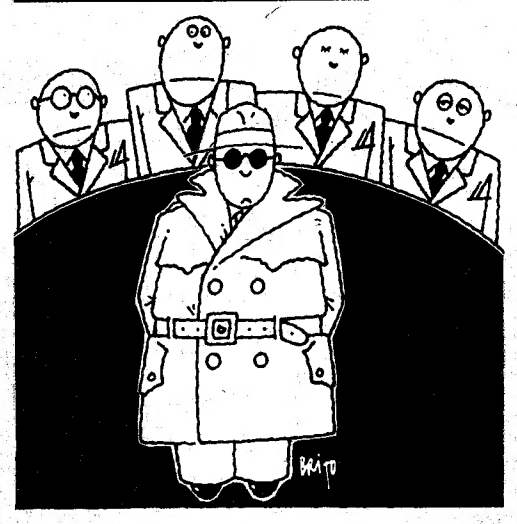
Diário de Lisboa

ANO 68 N.º 22 638 Quinta-feira, 14 de Abril de 1988 Preço 50$00

Mapa português do séc. XVII adquirido em Londres por 75 mil contos

Pág.24

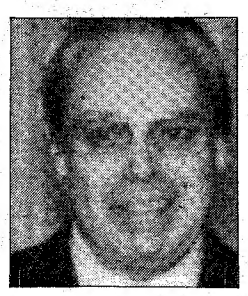
SEGURANÇA INTERNA

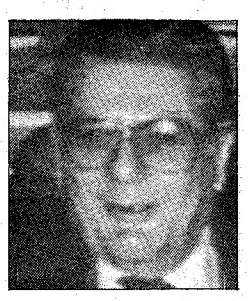


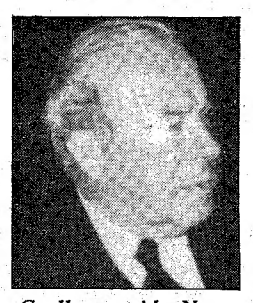
«SUPER» CONSELHO ASSESSORA CAVACO

Reunirá, obrigatoriamente, todos os seis meses, e, extraordinariamente, sempre que o Primeiro-Ministro o entender. Trata-se do Conselho Superior de Segurança Interna, cujo regimento é hoje publicado no «Diário da República». Cabe-lhe pronunciar-se sobre todas as questões de segurança interna, ainda que com competência meramente consultiva.

Pág.4







Cuellar preside. Noorani, Paquistão, Shultz, EUA, Shevardnazde, URSS, são signatários em conjunto com Wakil, Afeganistão.

AFEGANISTÃO

Acordo ao fim de seis anos

Afeganistão, Paquistão, Estados Unidos e União Soviética assinaram hoje, em Genebra, um acordo visando pôr termo ao conflito naquele país. Embora existam dúvidas quanto ao futuro, a URSS garante já que não voltará (militarmente) ao Afeganistão. **Págs. 12 e 13**

Pacote Laboral no Parlamento

"NO STOP DEBATE-SHOW"

... com protestos sindicais nas galerias e no exterior

O PSD deverá impor esta noite mais uma maratona para debate do chamado «pacote laboral», sendo certo que fará funcionar a sua maioria para que se chegue ao final com um «sim» à revisão proposta pelo Governo no que se refere às «leis do trabalho». Sendo admissível, como disse o próprio Cavaco Silva, que surjam ainda algumas propostas de alterações — a partir da bancada social-democrata — no sentido de limar algumas «arestas» mais salientes, a verdade é que os problemas se põem neste partido, de forma pouco pacífica: dois dos seus deputados mais ligados à actividade sindical pediram a suspensão de mandato para evitarem ter que votar favoravelmente o «pacote laboral», por via da disciplina partidária. Mas a contestação é esperada não só a partir dos deputados da oposição — que certamente procurarão demonstrar os inconvenientes da proposta governamental e até a sua inconstitucionalidade em vários pontos. Sindicalistas deverão comparecer de gravata preta no hemiciclo, em sinal de protesto, enquanto uma manifestação, no exterior, trará à rua o descontentamento generalizado dos trabalhadores. **Pág. 5**

Hoje, nos hospitais de Lisboa

GREVE DOS MÉDICOS À VOLTA DOS 100%

A adesão à greve dos médicos no distrito de Lisboa variou entre 97 e 100 por cento, nas primeiras horas, na maioria dos hospitais da capital e da região, segundo números divulgados pelo Sindicato dos Médicos da Zona Sul, pouco antes do meio-dia. A tendência era para subir, em relação à última greve nacional, no dia 8, declarou o dirigente sindical Mário Jorge, ao «DL». O aumento de adesões à greve dos hospitais D. Estefânia (de 98 por cento, no dia 8, para 99,6, hoje), Desterro (99/100 por cento), Cascais (96/100 por cento), e Curry Cabral (99/99,6 por cento) revela uma tendência que poderá levar à paralisação de todos os serviços e centros de saúde no dia 6 de Maio, salvo as «urgências» e os cuidados intensivos. Os hospitais distritais de Torres Vedras e Vila Franca de Xira mantiveram os 100 por cento do dia 8, do mesmo modo que os hospitais de Santa Maria (97 por cento) e o IPO (98 por cento). Na Maternidade Magalhães Coutinho, os níveis de adesão subiram também à totalidade dos médicos, bem como no Hospital Ortopédico José de Almeida, de Carcavelos. Relativamente aos centros de saúde, a tendência era hoje para se manter aos níveis das adesões do dia 8, sendo possível que em alguns casos se verifique uma subida. Apesar de tudo, os serviços de urgência dos hospitais funcionaram em pleno nos dois distritos (Lisboa e Viana do Castelo) onde tinham sido decretadas greves. **Pág. 6**

Por esta via de conceder espaço a um militante destacado que por razões compreensíveis adopta um pseudónimo, entra o «DL» na polémica interna de um partido político? Não é essa a nossa intenção. Mas, como jornal livre e independente, entendemos que não devemos recusar espaço para exprimir opiniões, apresentar críticas, fazer sugestões, ou em legítima defesa da dignidade individual e política, da autenticidade de uma militância, do empenho de uma vida. É natural que as pessoas procurem dar conhecimento da verdade a que têm direito. Nas nossas colunas não abriremos crédito a diatribes, intrigas, intoxicações. Privilegiaremos o debate de ideias, a objectividade crítica, o esclarecimento de situações. Não é a primeira vez que o fazemos, nem o PCP o primeiro partido cujas questões internas têm eco nas nossas páginas.

Sobre o uso de um pseudónimo, uma palavra apenas: a pessoa que escreve tem responsabilidade, a sua identidade não é condição de avaliação dos seus argumentos. Eles aí estão à consideração dos leitores. O debate abraça a realidade política nesta fase da democracia portuguesa.

BASTA!

«Das pequenas divergências e desacordos nasceram os grandes, como sempre acontece se se insiste num pequeno erro e se se resiste com todas as forças a corrigi-lo ou se pessoas que cometeram um erro grande se agarram a um pequeno erro cometido por uma ou algumas pessoas»

Lénine, A crise do Partido
Obras Escolhidas, vol. 5, p. 210

«Em relação às críticas, não temos uma posição fechada nem uma posição de ofendidos, como os ouriços que, quando lhes aparece o inimigo, ficam todos com os picos no ar. A reacção na política não deve ser essa. Não nos devemos ouriçar quando há uma crítica ou uma palavra desagradável. Devemos ter a serenidade bastante para considerar todas essas questões em termos políticos e darmos as respostas políticas que possam esclarecer os problemas».

Álvaro Cunhal, Discursos Políticos,
vol. 8, p. 206

Com uma funda amargura, vejo explodir — de semana para semana mais inquietantes! — os sinais exteriores do debate interno em curso no Partido. Rompo o silêncio para dizer: «basta!»

Aquilo que desencontradas manchetes jornalísticas deixam transparecer é de uma tal gravidade e tão prejudicial para o desenvolvimento da acção política, a influência de massas, unidade, combatividade, força e prestígio do PCP que o prolongamento (e agravamento!) do quadro interno assim revelado seria uma responsabilidade colectiva que os comunistas vindouros e o povo português não poderiam perdoar-nos.

1. Bastou na verdade um curto período para que uma funesta combinação de silêncios e acções estabelecesse de nós um público retrato em que certos traços só podem inspirar horror. Alguns são infelizmente verdadeiros. São incalculáveis os efeitos que podem produzir esses traços dolorosos.

O primeiro traço: a pública execração de destacados militantes e dirigentes do Partido cujas posições políticas, actuações e procedimentos são considerados condenáveis sem regular apuramento prévio de factos e responsabilidades (em violação do art.º 48.º dos estatutos) e com aplicação pública de uma sanção não admissível (a censura, diminuição de responsabilidades , interdição de exercício de funções directivas, suspensão e expulsão são as **únicas** sanções autorizadas, sempre com as garantias de defesa do art.º 51.º, e só o CC pode autorizar que as sanções sejam tornadas públicas, segundo o art.º 55.º).

O segundo: A transformação das posições desses militantes numa dramática «questão de quadros» tratada por «procedimentos de emergência» que reeditam erros gravíssimos cometidos noutras épocas (que tristes memórias acordam estes enxovalhamentos a que assistismos e este espantoso bloqueamento dos debates sobre as questões políticas suscitadas pelos camaradas!)

O terceiro: A revelação da existência de violentos conflitos nos organismos superiores do Partido e a aberta ultrapassagem das regras que os estatutos prevêem para essas situações, com debilitamento consequente da unidade de direcção.

O quarto: A perturbação crescente do grande colectivo partidário, sujeito — em momentos de aguda luta contra a direita — a campanhas de desinformação, afirmações logo desmentidas, silêncios corroboradores de enlameadoras falsidades produzidas por centrais de intoxicação.

O quinto: A debilidade do debate e da reflexão colectiva sobre as linhas de rumo e as propostas do Partido para os velhos e novos problemas da classe operária, das massas populares e do País. O Partido, que não pode (e não deveria) concentrar o grosso das suas energias no debate interno relativo à sua estratégia passada e futura, gasta hoje inumeráveis horas a discutir a vida privada de certos camaradas, a discernir se este ou aquele ambiente será «hostil» e susceptível, talvez, de gerar «crises de consciência comunista»... O que não se faz é a indispensável reflexão de fundo sobre qual deva ser a consciência comunista face à nova situação do País e do Mundo!

Urge pôr ponto final a este estado de coisas! Mas como?

2. Recuso-me a discutir publicamente as situações de facto que hoje trazem a nossa sigla a tristes primeiras páginas.

Não conheço esses factos. Choca-me que se difunda no Partido que afinal aqueles que escolhemos e anos a fio apresentámos ao povo como alguns dos melhores de nós seriam, afinal, dos piores, afinal réus das mais graves acusações que podem ser feitas a um comunista! Encontram-se, porventura, com mensageiros secretos do Cavaco? Lancham às escondidas com Gonelha, Gama ou Soares (João!)? Terão celebrado no Natal, Fim de Ano ou Páscoa um sinistro «pacto de acomodação» com a UGT?

Deixo de lado certas informações insultuosas que circulam violando os nossos estatutos. Sei, isso sim,Ky que existem (e por este caminho se avolumarão) diferenças de opinião e divergências entre camaradas. A metodologia brutal usada contra a c. Zita Seabra deixa entrever questões **políticas** cujo conteúdo é urgente que todos possamos conhecer e discutir **politicamente.**

Não pode esquecer-se, porém, que o partido tem uma vasta experiência que nos permite distinguir entre fenómenos destes e aqueles outros (desagregação, fraccionismo, provocação) que são incompatíveis com os nossos princípios. Ainda há poucos decénios combatemos com êxito desvios de direita persistentes (primeiro a «política de transição», depois o desvio dos anos 56/59) e tendências e desvios esquerdistas (nos anos 60 e 70).

Por força dos primeiros padecemos de «violentos e constantes conflitos de competência e autoridade nos organismos superiores do partido; perda de respeito e hostilidade permanente entre camaradas do CC; ausência de trabalho colectivo do CC; perda efectiva de unidade do CC e da sua Comissão Política; diminuição da autoridade dos organismos superiores do P, e em especial do Secretariado do CC; afrouxamento do controlo e relaxamento da disciplina; desrespeito pelas decisões e sobreposição a elas de hábitos individuais e de personalismos; infracções às regras maioritárias e de subordinação dos órgãos inferiores aos superiores, etc.

Na sequência, durante anos não tivemos estatutos. Embora em Março de 1961 o CC tivesse decidido submeter a revisão **imediata** os estatutos aprovados no V Congresso, influenciados pela tendência anarco-liberal, só em 1965 tal viria a ocorrer (V. Joaquim Gomes, **Relatório sobre organização,** V Congresso, ed. Avante!, 1965, p.41).

Mais tarde sofremos as consequências de haver camaradas que consideravam «ultrapassada» a luta reivindicativa económica e a luta legal e semilegal (p. ex. nos sindicatos), consumindo genica e talento obcecados por «acções especiais» em prejuízo do movimento de massas...

Muitos desses camaradas (de **uns** e **outros**) continuam hoje destacados membros de organismos superiores do P. sem anátemas nem conotações. Merecerão tratamento distinto os destacados militantes e dirigentes cujas divergências suscitam o quadro a que venho referindo **se aquilo em que incorrem é um desvio?** E como poderemos saber se o é? Não é hora de nos comportarmos como se não tivessemos (como em 1961!) estatutos em vigor ou como se houvesse razões legitimadoras de restrições à democracia interna (que no nosso regime de Abril seriam, além do mais, inconstitucionais).

3. Há uma solução! Há que seguir as lições e prevenções que colhemos ao longo de tantos decénios de luta e sofrimento!

Considero inexplicável que não tenham sido aplicados, antes violados repetidamente, os seis critérios que a nossa riquíssima experiência impõe aos organismos superiores: **o critério da verdade,** (que exige a verificação com rigor das informações, ouvindo os próprios, ouvindo outros, nunca tomando à partida como incontroversas as informações e opiniões dos organismos superiores ou de quem quer que seja), **o critério da objectividade** (dando valor reduzido a impressões e suposições e repelindo ideias feitas e o subjectivismo na apreciação), **o critério da serenidade** (não fazendo juízos sumários, examinando calma e fraternalmente os problemas, não precipitando opiniões nem decisões sem uma base sólida), **o critério do respeito** (não envergonhando nem ofendendo o quadro e evitando expô-lo a condenação geral dos outros) **o critério da celeridade** (não deixando nem deteriorar as situações nem arrastar o exame e as decisões e em qualquer caso ter por norma que «questão de quadros encetada deve necessariamente ser acabada»), **o critério da isenção** (orientando o trabalho com a preocupação de chegar a conclusões justas e de dar razão a quem tiver razão, independentemente das responsabilidades que tenha no partido).

Sendo estes critérios do mais fundo conhecimento da direcção do partido (vindo assim, letra por letra, expostos no «Partido com paredes de vidro» p.166) ficam-me irrespondidas duas interrogações finais:

A primeira: Como foi possível que organismos superiores tenham enveredado por critérios opostos a estes ou distintos deles?

A segunda: Ensinando-nos a nossa experiência, com rigor, **o que fazer,** quanto tempo útil ainda teremos para que seja feito o que sabemos?

DL POLITICA

Comunistas açorianos avançam para "Congresso" relegando para segundo plano a crise interna

Afonso Pimentel
Serviço Lusa/«DL»

Com eleições regionais à vista — Outubro é o mês provável da sua realização — os comunistas açorianos reúnem-se pela terceira vez em Congresso, de 16 a 17 deste mês, em Ponta Delgada, com uma agenda que relega para plano secundário os problemas internos atribuídos ao PCP a nível nacional.

Só de forma superficial, e para os negar, é que o texto base do Congresso, em apreciação nas estruturas do partido nas nove ilhas, se refere a essa problemática aflorada ultimamente pela Imprensa na esteira da «perestroika» soviética.

«Pretensos 'juízes' (julgando pretensos 'réus') consideram que o PCP só pode ser tolerado na sociedade se modificar a sua 'linguagem' e o seu posicionamento político, mas de acordo com os clichés 'europeus' ou de 'modernidade'», comenta a direcção regional do PCP que subscreve o documento em debate.

Ora — refere — «do alto dos seus 'poleiros', conquistados de forma pouco clara no aparelho do Estado e no aparelho regional, esta gente o que pretende é calar a voz daqueles que mais firme e consequentemente se insurgem contra a actual situação, ao lado dos que trabalham e vivem em condições menos dignas.»

O documento base para a III Assembleia do PCP/Açores — designação estatutária do congresso regional — tem por objectivo subjacente a comprovação do alegado agravamento da situação económica e social das ilhas em virtude da governação social-democrata (o PSD conclui, em Outubro, três mandatos com maiorias absolutas), e a defesa da necessidade de transformação em voto do «descontentamento popular crescente».

Os deputados ao Parlamento açoriano, órgão máximo do sistema autonómico regional, são eleitos em círculos eleitorais a nível das nove ilhas, tendo o PCP conseguido o seu primeiro mandanto em S. Miguel, a mais populosa delas.

A actualização do recenseamento, a partir de Abril, é tida pelo PCP, cuja candidatura em coligação na CDU vai ser ratificada na sua terceira assembleia, como favorável porque perspectiva uma melhoria de votação junto dos novos recenseados, os jovens.

José Decq Mota, o líder comunista açoriano que é também deputado regional, pretende que a CDU se apresente às eleições regionais de Outubro como uma coligação «alargada» pela integração de independentes.

Por isso, o documento sobre eleições, a submeter ao congresso, realça a conveniência de um trabalho tendente a divulgar «o carácter aberto e amplo da CDU.»

Decq Mota. que deverá ser reconduzido na III Assembleia do PCP como líder dos comunistas açorianos, diz estar já em curso o processo conduzente ao alargamento da CDU, por forma a abranger «a grande riqueza dos independentes».

Meses antes das últimas eleições regionais, na segunda Assembleia, realizada em Abril, em Ponta Delgada, com a presença do secretário-geral, Álvaro Cunhal, os comunistas açorianos reivindicaram a eleição de pelo menos um deputado, meta que obtiveram coligados na APU.

Para as eleições de Outubro, colocam a «fasquia» um pouco acima, pretendendo obter mais que um mandato, com o argumento de que «não é possível imaginar-se a Assembleia Regional dos Açores sem o PCP e os seus aliados da CDU.»

Alegre critica centralismo dos partidos

«O PS não pode ter o culto do chefe nem pode querer ter chefezinhos». É uma afirmação feita por Manuel Alegre numa entrevista ao «Diário de Coimbra», em que aquele ex-dirigente socialista, e agora simples militante, criticou o comportamento dos partidos, dizendo que «é preocupante para a democracia portuguesa».

«Os três principais partidos portugueses estão ao arrepio das perestroikas de Oeste e de Leste», afirmou Manuel Alegre, que sublinhou assistir-se hoje «a um preocupante regresso ao centralismo» e que «a lógica do PS não pode ser essa».

Sobre o Congresso da Federação de Coimbra, que se realiza de 21 a 23 de Maio, salientou que a moção por si subscrita tem uma base diversificada de apoios.

«É apoiada por militantes que no último Congresso apoiaram Vítor Constâncio, por outros que apoiaram a «Carta Aberta» e por militantes que não apoiaram qualquer destas soluções», disse Alegre, salientando ao mesmo tempo que a sua moção «não quer exportar este Congresso para fora da Federação de Coimbra e, se outros o quizerem fazer, a responsabilidade é deles».

A moção encabeçada por Fernando Vale é ainda apoiada por Fausto Correia, António Campos, Aguiar de carvalho, António Portugal e Santana Maia, para além de Manuel Alegre.

A outra lista concorrente é encabeçada pelo autarca Manuel Machado e conta com os apoios de Luís Marinho, João Rui Almeida, Osório Gomes e Horácio Antunes.

Assembleia da República exausta por noitadas

UMA VIGÍLIA DIRECTA AO PACOTE LABORAL

Daniel Reis

O plenário da Assembleia da República encerrou às 4.08 desta madrugada, na primeira das suas três noitadas consecutivas de debates, dedicada esta a meras questões processuais e à discussão do Regimento interno do Parlamento.

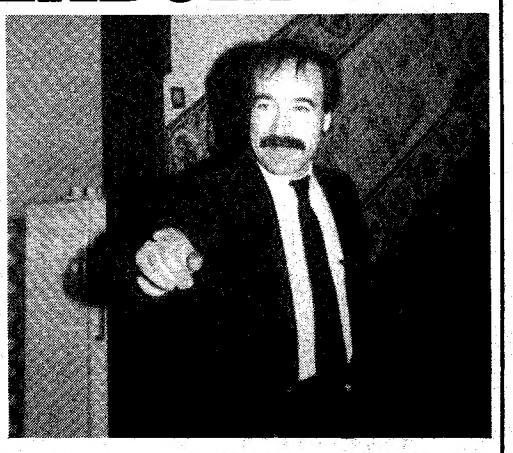
Deputados foram ouvidos a pedir pijamas, para não sairem da directa que os havia de conduzir à decisiva sessão de hoje, também com noitada e reservada exclusivamente ao pacote laboral. E amanhã há mais, com o trabalho, presumivelmente a entrar pela madrugada.

Outros parlamentares seguiram a correr para casa, que o Parlamento ainda não tem chuveiros para o banho nem barbeiro para os escanhoar: às dez da manhã, o mais tardar, esperavam-nos em S. Bento reuniões de Comissões ou sessões de trabalho internas nos Grupos partidários para preparar as estratégias e a logística dos confrontos verbais acumulados no horizonte.

Alguns deputados exaustos atingiram, lá para o interior da madrugada e após três sessões num dia só, o limiar da histeria, fornecendo indícios de que o massacre a que estão a ser sujeitos é pressionado, insensatamente, por algum louco ou duende, e não conduz a nada a não ser ao desprestígio do Parlamento e ao aviltamento dos debates.

Outros conseguiram—oh milagre !—preservar uns resquícios de humor. Mas já se ouviram ameaças de bordoada, à italiana, em diálogos cruzados no hemiciclo.

Para uns e outros, o risco de a histeria se generalizar num Parlamento mal dormido e mal comido é latente: sabe-se lá o que poderá acontecer como saldo desta infeliz e absolutamente despropositada maratona, que já perdeu o senso da medida, da racionalidade e, obviamente, da eficácia, em nome da qual foi programada.



Silva Marques revelou resistência. Às tantas da manhã ain,da desafiava, sozinho, a argumentação da bancada comunista, de pois de Jorge Le mos o apontar como exemplo da histeria e lhe gri tar que «isto (o Parlamento) não é uma clínica psiquiátrica».

PSD de bancada repleta

Quem tivesse seguido com um mínimo de atenção a evolução dos acontecimentos recentes na Assembleia, com o seu zénite na noite da segunda falta de quorum imputável à Maioria (na quinta-feira passada), poderia facilmente prever algo de aproximado ao que está a passar-se neste densissimo final de semana.

A campainha de aviso soou pela última vez no interior do Grupo Parlamentar social-democrata—há quem veja no aviso mais um valentíssimo puxão de orelhas—e o seu lider, Correia Afonso, passou a ser intransigente: as discussões das alterações do Regimento que falta fazer teriam de ser completadas em três sessões de cinco horas cada de debate útil.

Assim se fez já ontem. E como a essas cinco horas de tempo útil corresponde, regra geral, o dobro do tempo gasto efetivamente pelo plenário, os deputados entraram em «regime de clausura», como a Oposição sublinhou, ontem. Até estar pronta a discussão do Regimento da Assembleia da República, tê-los-emos em S. Bento como reféns de quem programou este massacre, para mostar serviço ao chefe.

A segunda maratona regimental está marcada para amanhã e, como hoje se debate o pacote liberal, sujeito por decisão da conferência de lideres a discussão na especialidade no plenário, numa só sessão, a estes deputados portugueses, principalmente aos que têm de intervir no debate, passou a exigir-se resistência de maratonista, quiçá superior à do próprio Carlos Lopes.

Só que os autores desta programacão esquecem regras básicas da corrida da Maratona como seja a de que, quando se ultrapassa a barreira dos 30 quilómetros, deixa de funcionar o raciocínio e o mecanismo fisiológico do atleta passa a ficar ligado ao piloto automático. Aí, nomeadamente entre os 30 e os 35 quilómetros, todas as crises são possíveis, até a morte, se o piloto automático do organismo não travar imediatamente a tentativa de progressão do atleta.

Para quem não está preparado para uma corrida tão intensamente dramática e tão desgastante, física e psiquicamente, o melhor que pode então acontecer é sobrevir a chamada «dor de burro» que força à desistência. Na Assembleia, com mais duas maratonas à porta, uma colada à outra, muita gente haverá a pedir aos santinhos a benesse da dor de burro, para não ser obrigado a romper com o programado.

Então, na bancada do PSD, ninguém admite a ninguém esse rompimento. Ontem estavam lá todos os deputados da Maioria que não se encontram fora em missões oficiais ou oficiosas.

Por duas vezes, uma a meio da tarde e outra na entrada da madrugada foi pedida a verificação do quorum de funcionamento da Assembleia—126 deputados presentes—e em ambas o PSD se apresentou de bancada repleta e a impor a continuação da maratona até ao fim. O fim foi apenas às quatro da madrugada e várias vezes pudemos conferir que a bancada do PSD esteve regularmente povoada por cerca de uma centena de deputados, enquanto outros se revezaram no bar a meter combustível para a dura e fatigante jornada.

Provocação política

Quanto aos debates propriamente ditos, foram cinzentos e baços porque a matéria tratada é de índole processual e regimental.

Artigo a artigo, alínea a alínea, com a inverosímil discussão na especialidade em plenário, até a matéria importante para o futuro do regime de democracia parlamentar e a sua transparência, se perde no emaranhado das intervenções.

De modo que a discussão se prolongue e muitas vezes deliberadamente pelo uso da provocação política, que arrasta quase sempre o exercício do direito de defesa e outros direitos de intervencão cujos tempos de uso acrescem ao tempo útil de debate.

Então entre o PSD—quase sempre Silva Marques, a lebre de serviço à frente do pelotão de maratonistas—e o PCP, mormente José Magalhães, mas também Jorge Lemos, esses diálogos cruzados à margem do processo atingiram o intolerável ao longo da noite.

Um exemplo apenas:

Silva Marques dirigindo-se à bancada do PCP:

«Vocês só se auto-elogiam mas mal o dr. Álvaro Cunhal fala, amouxam, alinham, nem tugem nem mugem. Façam qualquer coisa: ao menos uma dissidência !».

Resposta de José Magalhães, do Partido Comunista:

«Estamos dispostos a discutir o Regimento, mas não estamos para peixeiradas. Aqui no edifício há um lugar adequado para essa conversa do deputado Silva Marques: o mictório. Que o senhor deputado grite, como o porco grita por bolota, não nos incomoda. Mas recusamo-nos a rastejar ao seu nível».

Com isto tudo, foi votado um que outro artigo do Regimento da Assembleia da República, mas a maratona continua. Hoje com o pacote laboral, amanhã com mais Regimento. Num e noutro caso, com noitada garantida, em regime de clausura.

Tony Coelho defende criação de "lobby" português nos EUA

O Governo português tem de começar a trabalhar mais com o Congresso norte-americano e não se limitar às autoridades de Washington, considera o representante democrático Tony Coelho.

«Hoje, mais do que nunca, o Senado e a Câmara dos Representantes desempenham um papel activo e decisivo na condução dos destinos do país. É um processo que se tem vindo a desenvolver e que não volta atrás», acrescentou.

Tony Coelho, que falava na Câmara dos Representantes, em Washington, a um grupo de jornalistas portugueses, sublinhou que actualmente «não é só o Departamento de Estado quem dirige a política externa dos Estados Unidos».

«Por isso o Governo de Lisboa tem de se aperceber de que tem de trabalhar não só com a Casa Branca e os Departamentos de Estado e da Defesa, mas também com o Congresso», disse Tony Coelho.

«Os governos estrangeiros não se limitam actualmente à acção dos seus embaixadores em Washington», indicou Tony Coelho, sublinhando a necessidade de Portugal possuir, em Washington, profissionais contratados para pressionar os pontos de vista de Lisboa junto dos responsáveis norte-americanos, «ou seja possuir um lobby».

O representante democrata pela Califórnia, de ascendência portuguesa, actual número três do Congresso, declarou-se disponível para fazer chegar até este órgão os pontos de vista de Portugal, mas acrescentou que, para isso, é necessário ter «instrumentos de trabalho».

«A Embaixada portuguesa teria de ser reforçada e dispor de meios fundamentais para fazer passar a mensagem do Governo de Lisboa», sublinhou.

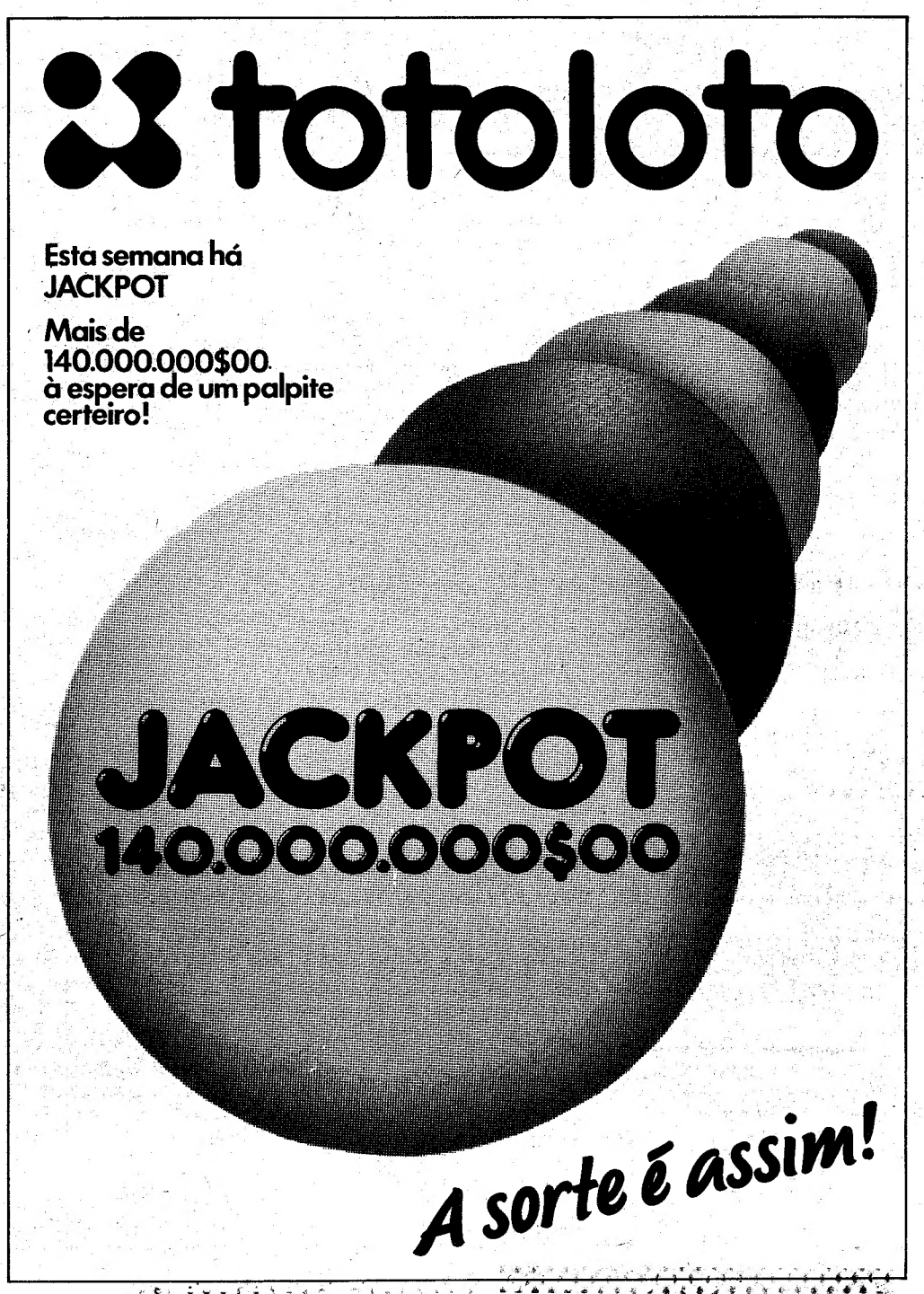
Tony Coelho disse que, depois da sua recente visita a Portugal, constituiu um grupo informal de contacto com responsáveis dos Departamentos de Estado e da Defesa para encontrar novos meios de melhorar as relações entre os dois países.

Disse que em breve vão ser conhecidas algumas novas propostas nesse âmbito, escusando-se a divulgar pormenores.

Quanto à nova lei sobre emigração defendeu-a pela necessidade de reduzir a emigração e de combater com maior eficácia as situações de ilegalidade.

Referindo-se às queixas de jornais portugueses, nos Estados Unidos, segundo as quais a nova lei vai prejudicar a reunião de família de emigrantes, Tony Coelho disse que é impossível permitir o estabelecimento de todos os membros das famílias.

«É natural que quando um emigrante se estabelece num país pretenda ter junto de si os seus familiares mais próximos. Ora o que já não é possível é permitir que para além desses familiares emigrem também outros elementos da família, com graus de parentesco muito afastados», declarou.



Melancia em Lisboa

O Governador de Macau, Carlos Melancia, inicia hoje uma visita de duas semanas a Lisboa, durante as quais manterá contactos com o Presidente da República, o Primeiro-Ministro e o ministro dos Negócios Estrangeiros.

Com o Presidente Mário Soares debaterá a actual situação em Macau, à luz da declaração conjunta luso-chinesa sobre o futuro daquele território.

Um dos temas a abordar com Cavaco Silva será o capacidade legislativa do território neste período de transição.

Com João de Deus Pinheiro deverão ser debatidos aspectos relacionados com os trabalhos dos grupos de ligação luso--chinês e o de terras. As visitas do ministro português à China, em meado deste ano, e a de Carlos Melancia, já em Maio, serão igualmente abordadas.

Está ainda previsto um encontro com o ministro das Obras Públicas, Oliveira Martins, para exame da participação de empresas portuguesas em projectos macaenses.

Carrington despede-se

O secretário-geral cessante da NATO, lord Carrington, desloca-se a Lisboa, em 30 de Maio, para apresentar as suas despedidas às autoridades portuguesas, antes de abandonar o cargo.

Lord Carrington, que cumpriu um mandato à frente da Organização do Atlântico Norte, terá encontros, em Lisboa, com o Presidente Mário Soares, o Primeiro-Ministro Aníbal Cavaco Silva e os ministros dos Negócios Estrangeiros e da Defesa, João de Deus Pinheiro e Eurico de Melo.

A substituição no cargo de secretário-geral da NATO ocorrerá em 1 de Julho, passando o mesmo a ser ocupado pelo actual ministro alemão-federal da Defesa, Manfred Woerner.

Lord Carrington, que iniciou hoje, na Turquia, as suas visitas de despedida às capitais dos 16 Estados membros da NATO, terá o seu último grande acto oficial em 9 e 10 de Junho, quando presidir, em Madrid, aos trabalhos da reunião da Primavera da Aliança, em que participam os ministros dos Negócios Estrangeiros.

CONSELHO SUPERIOR DE SEGURANÇA VAI ENTRAR EM FUNCIONAMENTO

O Conselho Superior de Segurança Interna, orgão máximo do Estado em matéria de segurança interna, presidido pelo Primeiro–Ministro e com a participação dos responsáveis de todas as forças de segurança do país, tem a partir de hoje existência legal, com a publicação na folha oficial da resolução 12/88 do Conselho de Ministros.

O CSSI, previsto na lei 20/87 de 12 de Junho como «orgão interministerial de auscultação e consulta em matéria de segurança interna, cabendo–lhe, nomeadamente, assistir o Primeiro–Ministro no exercício das suas competências naquele domínio», reune ordinariamente uma vez por semestre e extraordinariamente sempre que o presidente «o entender necessário».

Além do Primeiro–Ministro, que preside, integram o CSSI os vice–primeiros–ministros e os ministros de Estado, se os houver, os Ministros da Administração Interna, da Justiça e das Finanças, os comandantes–gerais da GNR, da Guarda Fiscal e da PSP, o director–geral da PJ, o director do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e o director do Serviço de Informações de Segurança (actualmente o general Pedro Cardoso), o responsável pelo sistema de autoridade marítima, o responsável pelo sistema de autoridade aeronáutica, o secretário–geral do Gabinete Coordenador de Segurança e o procurador–geral da República.

Os ministros da República para as regiões autónomas e os presidentes dos governos regionais poderão participar nas reuniões do CSSI que tratem de assuntos de interesse para as respectivas regiões.

A resolução do Governo estabelece ainda que o Primeiro–Ministro, pode, como presidente do CSSI, «quando o considerar conveniente», convidar a participar nas reuniões, sem direito a voto, outras entidades com «especiais responsabilidades na prevenção e repressão da criminalidade ou na pesquisa e produção de informações relevantes para a segurança interna».

Caberá ao CSSI a definição das linhas gerais da política de segurança interna, as bases gerais da organização, funcionamento e disciplina das forças e serviços de segurança e da delimitação das respectivas missões e competências.

Também será das atribuições do CSSI a emissão de pareceres sobre os projectos de diplomas que contenham «providências de carácter geral respeitantes às atribuições e competências das forças e serviços de segurança» e sobre as «grandes linhas de orientação a que deve obedecer a formação, especialização, actualização e aperfeiçoamento do pessoal das forças e serviços de segurança».

A fixação, nos termos das lei, das regras de classificação e controle da circulação de documentos oficiais classificados é outra das prerrogativas do CSSI no âmbito das suas funções de orgão consultor do Primeiro–Ministro.

Visita de Soares à RFA

Contactos com emigrantes privilegiados no programa

O Presidente da República, Mário Soares, que no domingo inicia uma visita de sete dias á República Federal da Alemanha, manterá conversações com o seu homólogo Von Weizaecker e com ochanceler federal, Helmut Khol. Mário Soares encontrar–se-á com Von Weizaecker logo na seghunda–feira de manhã, em Bona, durante cerca de uma hora, e no dia seguinte com Helmut Khol e com o ministro dos Negócios Estrangeiros Hans–Dietrich Genscher.

Estão previstas ainda reuniões com outros dirigentes alemães e líderes partidários e com responsáveis e agentes económicos, nomeadamente com representantes da Camara de Comércio de Hamburgo e da sociedade ibero--americana.

Ainda em Bona, o Presidente Mário Soares também se avistará com residentes portugueses e com os seus representantes, deixando a capital da RFA na quarta–feira. Visitará sucessivamente Berlim, Estugarda e Hamburgo, onde termina a viagem.

Um encontro com emigrantes portugueses domina o programa de Mário Soares em Hamburgo, última escala de uma viagem presidencial em que predominam os contactos com a emigração.

As questões de natureza política e económica terão igualmente uma relevância especial, tanto mais que a RFA ocupa actualmente a presidência da CEE e é o principal parceiro comercial de Portugal.

Admite–se que entre as autoridades dos dois países seja focada a Base militar de Beja, cuja renegociação estará nos objectivos imediatos do Governo português.

Em Berlim, Mário Soares visitará, na tarde de quarta--feira, uma exposição sobre os Descobrimentos portugueses, no Instituto Ibero–Americano. Em Hamburgo visitará o antigo navio–escola Sagres.

Do programa do Presidente português constam ainda a evocação das vítimas do nazismo, uma deslocação ao muro de Berlim e uma visita á casa de Beethoven.

Comemorações do 25 de Abril

O Presidente da Assembleia da República, Vítor Crespo, convidou ontem Mário Soares para estar presente no Parlamento nas comemorações oficiais do 25 de Abril.

Entretanto, foi ontem também confirmado que Mário Soares visitará oficialmente no dia 30, o concelho de Vila Nova de Famalicão.

Prorrogado prazo para imposto de indústria agrícola

Os prazos de entrega de declaração do imposto sobre a indústria agrícola foram prorrogados até a próxima sexta-feira, 15 de Maio, consoante a situação de contabilidade dos contribuintes.

A alteração do prazo foi ontem divlgada pelo Ministério das Finanças que refere igualmente a possibilidades dos contribuintes do Grupo B sem contabilidade organizada e sujeitos ao preenchimento da declaração modelo número três entregarem até sexta-feira, enquanto os de contabilidade devidamente organizada deverão entregat a declaração modelo número dois até 15 de Maio.

A autorização dada por despacho da secretaria de Estado dos Assuntos Fiscais incide sobre os contribuintes abrangidos pelo grupo B, coniderados como os que apresentam maiores dificuldades na escrituraçã

Bodas de Prata Sesimbra

Ilda Maria Felisberto Carvalho

José dos Santos Carvalho

1963 – 1988

Completam hoje 25 anos de casados, Ilda Maria Felisberto Carvalho e José dos Santos Carvalho.

Aos nossos pais desejamos as maiores felicidades.

Beijos das vossas filhas Maria José e Carla.

12.º ANO
ADMISSÃO
À UNIVERSIDADE
PREPARAÇÃO INTENSIVA
A PARTIR DE 18 DE ABRIL
EXT. SÉNECA
AV. ALMIRANTE REIS, 73-2.º
TELEFS. 52 00 92 – 54 05 26

ANTENAS PARABÓLICAS
Sinal
TV VIA SATÉLITE
Telef. 89 29 45 / 88 46 50

PSD impõe mais uma "maratona"

DEPUTADOS VOTAM ESTA NOITE O PACOTE LABORAL COM TRABALHADORES A MANIFESTAREM-SE NA RUA

Às 15 horas inicia-se a discussão na generalidade do pacote laboral na Assembleia da República, a cujo conteúdo apenas o partido do Governo é totalmente favorável. O CSD apoia-o condicionalmente e o PS, PCP e PRD são claramente contra. As propostas de alteração a apresentar separadamente pelos partidos da oposição atingem mais de meia centena, pelo que a discussão e votação se deve prolongar pela noite dentro. E enquanto os deputados discutem o diploma, a CGTP promove manifestações de rua que decorrerão em diversos pontos do país, mas espera-se particular expressão da que terá lugar frente ao Parlamento.

Uma longa maratona espera hoje os deputados da Assembleia da República, com a discussão do pacote laboral a ser feita na generalidade, especialidade e votação global final.

O PSD insistiu, na conferênmcia de líderes parlamentares de ontem, em concluir todo o processo da autorização legislativa sobre a cessação do contrato individual de trabalho numa só sessão de trabalhos.

Este processo divide-se, geralmente, numa sessão para o debate na generalidade, um ou mais meses na Comissão Parlamentar para debate na generalidade e regresso ao plenário para votação final global. No entanto, hoje todo o processo será feito de uma só vez, com a sessão a começar às 15 horas com o debate na generalidade, ao qual foi atribuído um tempo de discussão global de quatro horas e cinquenta minutos.

À hora do jantar reunirá a conferência de líderes parlamentares para atribuir os tempos de discussão e aprovação na especialidade e para a votação final global.

As propostas de alteração a apresentar separadamente pelo PCP, PS, PRD e CDS (este último partido dá o seu apoio condicional, dependendo de o Executivo aumentar, simultaneamente, o âmbito de aplicação e o montante do subsídio de desemprego) atingem mais de meia centena, pelo que se espera uma longa noite de trabalho no Parlamento.

Trabalhadores protestam frente ao Parlamento

A CGTP promove hoje manifestações de rua, a coincidir com a discussão na Assembelia da República do pedido de autorização legislativa relativo ao pacote laboral proposto pelo Governo.

Foram as Uniões sindicais de Lisboa e Setúbal, afectas à Intersindical, que convocaram para hoje, às 19 horas, em São Bento, uma concentração que exija a recusa da autorização legislativa solicitada pelo Governo.

A Confederação Geral dos Trabalhadores, por seu lado, pretende uma discussão pública do pacote laboral e da autorização legislativa.

Também os trabalhadores filiados no Sindicato das Indústrias Químicas do Centro e Ilhas numa tomada de posição contra o pacote laboral e a favor da Reforma Agrária e do sector empresarial do Estado, paralisam esta tarde, das 16 às 18 horas, nos concelhos da Amadora, Cascais, Torres Vedras, Oeiras, Sintra Loures e Vila Franca de Xira, e das 17 às 19 horas no concelho de Lisboa.

Os sindicatos de Metalurgia, Metalomecânica e da Construção, Mármores e Madeiras do distrito de Lisboa «sairão à rua para que o Primeiro-Minsitro veja o que no dia da greve geral não quis ver». Assim, convocaram greves para o fim da tarde de hoje, a fim de facilitar a participação dos seus associados na concentração frente à Assembleia da República.

Igualmente no Porto representantes das empresas e dos sindicatos da região se deslocarão ao Governo Civil «a fim de transmitirem ao representante do Executivo a expressão e o sentido da greve geral de 28 de Março no distrito» e a sua oposição ao pacote laboral, designadamente contra a lei da cessação do contrato individual de trabalho.

ASIRESD contra pacote laboral

Entretanto, a Associação Sindical Reformista Social Democrata (ASIRESD) afirmou esperar que os sindicalistas-deputados provem inequivocamente a sua postura na defesa dos trabalhadores votando contra a autorização legislativa referente ao pacote laboral.

«Se tal não suceder só têm um caminho: demitirem-se do sindicalismo e assumirem-se como quadros partidários», afirma em comunicado o secretariado da ASIRESD.

«Não é possível fazer-se sindicalismo subordinado a partidos políticos», acrescenta aquela estrutura, que critica o comportamento de «alguns sindicalistas que hoje tanto se arvoram em defensores dos trabalhadores, mas que ao longo dos tempos e consoante as diversas composições dos governos nem sempre tiveram a mesma firmeza».

CIP: «4ª versão é bastante má»

Também a Confederação Industrial Portuguesa (CIP) voltou ontem a pronunciar-se sobre o pacote laboral, desta vez numa reunião com o grupo parlamentar do CDS.

A modernização do país necessita de uma lei laboral semelhante à de qualquer outro país da Comunidade, defendeu o vice-presidente da CIP, Rui Simões. «O projecto inicial, apresentado pelo Governo, era um passo positivo, mas agora a sua quarta versão é bastante má», disse.

Segundo Rui Simões, a CIP «continua a afirmar a sua contestação aos problemas da reintegracão, causas objectivas, imperatividade de regime legal, despedimento colectivo, bem como do agravamento do contrato a prazo sem trazer quaisquer benefícios».

O vice-presidente da Confederação Industrial Portuguesa referiu ainda que associado à lei dos despedimentos deveria vir o seguro de emprego, salientando que «a lay-off nunca serviu para nada e vai ficar na mesma».

«A Espanha vai ser um país muito competitivo para Portugal, pelo que não perdiamos nada se tivessemos uma legislação do mesmo tipo», disse Rui Simões, acrescentando que «o Governo tinha vincado que não faria cedências aos sindicatos, mas após a greve geral começou a mostrar-se aberto a negociações».

Por sua vez, Nogueira de Brito afirmou que o CDS tem uma perspectiva crítica em relação à maneira como o processo tem sido conduzido, designadamente pela Assembleia da República, posição que irá defender durante a discussão do pacote laboral.

Reunião da UGT na 2.ª-feira para "marcar passo" até eleições nos bancários

Na próxima segunda-feira, dia 18, o Secretariado Nacional da UGT reúne, pela primeira vez depois da greve geral e da discussão do pacote laboral na Assembleia da República. Segundo Rui Oliveira e Costa afirmou ao «DL», na reunião será feita «a análise da situação político-sindical decorrente da greve geral e da discussão do pacote laboral, que engloba também o comportamento da central, dos sindicatos e dos seus dirigentes. Mediante essa análise serão tomadas medidas». Mas, segundo fontes contactadas pelo «DL», nada se irá alterar dentro da central, pois neste momento qualquer posição está dependente do resultado das eleições do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, onde as duas tendências da UGT — socialista e social democrata — disputam a mesma direcção.

Depois de todas as divergências e lutas internas que vieram a lume devido à posição assumida pelos TSD (Trabalhadores Social Democratas) aquando da greve geral, passado esse dia o ambiente na central esfriou.

Arménio Santos, líder dos TSD, membro do Secretariado Nacional da UGT e presidente do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas foi o primeiro a afirmar em público que a sua tendência não fazia tenção de abandonar a UGT e que a hipótese levantada pelo director do «Povo Livre», jornal do PSD, sobre a criação de uma terceira central sindical não tinha qualquer fundamento.

Por outro lado, Torres Couto, secretário-geral da UGT e o principal alvo das críticas dos TSD's, moderou também as suas críticas.

As poucas afirmações que fez depois de 28 de Março marcam um discurso muito mais comedido em relação aos ataques directos aos TSD's e ao seu líder por altura da greve geral.

Em declarações prestadas depois da audiência da semana passada com o Presidente da República, Torres Couto afirmou, a respeito da situação interna da UGT que «não se passa nada de excepcional», acrescentando, a respeito da posição assumida pelos TSD relativamente à greve geral: «Houve de facto uma crise, mas estou convencido de que vamos mais uma vez ultrapassar os obstáculos». O secretário-geral da central reconheceu, no entanto, que aquela posição provocou uma situação melindrosa.

No entanto acrescentou que decorre na UGT um debate interno «vivo», onde os responsáveis máximos dos TSD «manifestaram a sua indisponibilidade para a constituição de uma nova central».

Segundo o «DL» conseguiu apurar, este «esfriar» nas relações deve-se à expectativa que se vive na central em relação ao resultados das eleições do Sindicatos dos Bancários do Sul.

Recorde-se que se trata do maior e mais forte sindicato da central, que tem um orçamento superior ao de qualquer das centrais sindicais. Foi através dele que Arménio Santos foi eleito para o Secretariado Nacional da UGT e a sua importância, em termos estratégicos de equilíbrio de forças dentro da central é tal, que o líder dos TSD tentou, em vésperas da greve geral, «negociar» a adesão da sua tendência à greve em troca da ruptura da coligação que socialistas e comunistas fizeram para concorrer às eleições dos bancários, contra a sua lista.

Do resultado destas eleições depende a futura posição da UGT. Segundo fontes contactadas pelo «DL», caso a lista composta por socialistas e comunistas vença as eleições de 28 de Abril, o poder dos TSD dentro da central sofre um rude golpe. A UGT tornar-se-á assim uma central sindical mais liberta e aguerrida face ao Governo, sem se preocupar tanto em «agradar» aos dirigentes social-democratas.

Além disso, várias são as vozes dentro da UGT que afirmam estar Arménio Santos a servir-se do sindicato a que preside para ser um contra-poder ao próprio secretário-geral, Torres Couto. O Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas tem dado força aos dirigentes dos TSD para aquietar a central nas suas posições.

Por outro lado, caso a lista de Arménio Santos saia vencedora das eleições, o poder dos social-democratas é enormemente reforçado, pois ao contrário do que tem sucedido nos últimos nove anos, a minoria socialista que estava na direcção desaparece, e aquela tendência fica sozinha à frente do sindicato. E quando se chegar ao próximo Congresso da central, os TSD têm hipóteses de eleger mais representantes para o Secretariado Nacional.

Este quadro explica a posição tomada pela UGT há dias, quando veio a lume a notícia de que a CGTP teria apelado a que as duas centrais se unissem nas comemorações do 1º de Maio. Escusando-se atrás do facto de que não ter sido feito nenhum convite formal, a UGT não teve sequer que dar uma resposta.

E chegar a uma resposta não seria discussão pacífica. Os TSD's não aceitariam mais uma vez a convergência de esforços entre as duas centrais. O próprio Arménio Santos afirmou que tal seria «ainda muito pior que a greve geral». E neste momento não convém criar mais melindres entre as duas tendências. Pelo menos até 28 de Abril. Nessa data se definirá a futura estratégia político-sindical da UGT.

Elsa Andrade

Médicos de Lisboa e Viana hoje em greve

ADESÕES TÊM VINDO A AUMENTAR E PROMETEM "CAOS" EM 6 DE MAIO

São cada vez mais os médicos em greve, a avaliar pelos primeiros resultados tornados públicos pela Coordenadora Nacional, Sindicato dos Médicos da Zona Sul e Sindicato Independente dos Médicos sobre as paralisações distritais, rotativas, de Portalegre e Coimbra (ontem), e Lisboa e Viana do Castelo (hoje). As percentagens dos médicos dos dois últimos distritos são ainda parciais, mas revelam que, também em qualquer deles, o número de aderentes subiu visivelmente.
Perspectiva-se, aliás, uma segunda greve nacional, em menos de um mês, de que não há memória em Portugal. Tudo indica que a paralisação será total, a rondar os cem por cento, se a esse número retirarmos alguns tarefeiros.

Os médicos dos distritos de Lisboa e Viana estão hoje em greve, decretada pelos cinco sindicatos, de acordo com um programa de paralisações que toca a todos os distritos do Continente e das Regiões Autónomas e que amanhã abrange os profissionais de Castelo Branco e Porto. A degradação das condições de trabalho dos médicos, a manutenção das actuais condições remuneratórias, as ameaças de ataque às carreiras médicas e a completa ausência de diálogo por parte do Ministério da Saúde são, de acordo com a Coordenadora Sindical dos médicos, as razões deste ciclo de paralisações.

Note-se que mesmo entre os tarefeiros há muitos que, arrostando com as ameaças que pesam sobre a precariedade do seu «vínculo» ao Ministério da Saúde, anuirão à greve de 6 de Maio próximo.

Aliás, isso aconteceu já na paralisação distrital de ontem, de Portalegre, concretamente no Centro de Saúde de Marvão, em que um dos quatro médicos aderiu à greve, razão por que esta atingiu 25 % naquele posto.

A subida mais espectacular verificou-se no Hospital Distrital de Elvas, cujo índice subiu de 60 para 90 por cento, se bem que também no de Portalegre (86 %) se constate um ligeiro acréscimo. Nos Hospitais da Zona Centro, a subida, sem ter sido espectacular, foi igualmente notória. Os 96,7 por cento nos HUC e os 99,2 no Hospital dos Covões são números que impressionam, do mesmo modo que os do Hospital Pediátrico (98,6 %) e do Hospital da Figueira da Foz (94,3) são importantes.

No tocante aos Centros de Saúde, as subidas são também espectaculares no distrito de Portalegre, como se poderá ver: Arronches, Montargil, Gavião, Cristo, Campo Maior, Nisa, Ponte de Sor e Sousel (100 %), Elvas e Alter do Chão (40 %), Marvão (25 %) e Portalegre (81,2 %).

SMZS apela à população

O Sindicato dos Médicos da Zona Sul apelou entretanto à população para que não se dirija hoje às consultas externas nos hospitais e Centros de Saúde, devendo ir apenas aos serviços de urgência em casos de «extrema necessidade».

O Sindicato Independente dos Médicos (SIM) distribuiu entretanto um comunicado em que considera uma violação aos deveres de solidariedade que constam do Código Deontológico dos Médicos estes «aceitarem cargos que resultem de convites, designações ou nomeações da equipa ministerial e traduzam confiança pessoal da ministra». Um dos seus dirigentes — Pedro Nunes — disse mesmo que «a classe está a ser agredida por uma pessoa estranha a ela».

Por seu turno, o Conselho Nacional Executivo da Ordem dos Médicos congratula-se, em comunicado, que «a classe tenha sabido unir-se como um todo e num gesto nacional de repúdio uníssono à ausência de uma verdadeira política de saúde». Considera incorrectas as afirmações proferidas por representantes do MS sobre o diálogo (que não houve) com a Ordem e contesta a acusação da greve ser de «natureza política». Insurge-se ainda contra os supostos «salários médicos muito elevados», segundo os quais — disse durante a primeira greve geral um responsável do Ministério da Saúde — seriam de várias centenas de contos. «Mas a infeliz verdade é que a questão não é dos vencimentos que alguns médicos ganham, mas, sim, das condições que estão na base dos 'trabalhos forçados' que conduzem à necessidade real de horas extraordinárias, pois esses serviços são efectivamente necessários e são prestados.»

Doenças reumáticas custam 50 milhões de contos ao País

O director-geral dos hospitais abriu hoje as VIII Jornadas de Reumatologia no Hotel Penta, em Lisboa, subordinadas à actualização e avanços no seu combate. O caso não é para menos: as doenças reumáticas custam cerca de 50 milhões de contos, por ano, ao País.

Organizadas pelo jornal «Notícias Médicas» e sob a coordenação científica da unidade de reumatologia do Hospital de S. João do Porto, as jornadas visam proporcionar ao médico de família, ao clínico geral, ao generalista e ao internista uma actualização rápida sobre os novos conceitos patogénicos e as novas técnicas de diagnóstico e terapêutica das doenças reumáticas.

Em Portugal, as doenças reumáticas são das mais frequentes da prática clínica, sendo que 20 a 25 por cento dos doentes que acorrem ao clínico geral fazem-no por queixas do foro reumatológico.

No Forum Picoas

Livros e Artes Gráficas da República Popular da China

Na sequência de um protocolo de colaboração estabelecido entre a **Chinese International Book Trading Corporation,** com sede em Pequim, e a editorial portuguesa Publicações Europa-América, foi programada a realização em Lisboa de uma Exposição-Venda destinada a proporcionar um melhor conhecimento, em Portugal, da produção gráfica da República Popular da China.

Além dos artigos gráficos, serão apresentadas obras sobre arte chinesa, culinária, artes marciais, acupunctura e contos tradicionais, entre outros temas, bem como reproduções de pintura chinesa antiga e moderna, pinturas em seda, «posters» pequenas peças de artesanato em palha de arroz e colecções de selos diversificadas.

A exposição-venda é inaugurada hoje, 14 de Abril às 18h 30m, no Forum Picoas e poderá ser visitada até 17 de Abril, entre as 10 e as 23 horas.

Um lançamento da Fenprof

Lei de Bases do Sistema Educativo: livro sobre posição dos partidos

A Lei de Bases do Sistema Educativo tem «uma importância muito grande», entre outras razões, porque, «veio consignar muitas das propostas da Federação Nacional de Professores» (Fenprof), disse o secretário-geral, António Teodoro, ao intervir na sessão de apresentação do livro «Posição dos partidos parlamentares perante a Lei de Bases do Sistema Educativo» (Lei 46/86), escrito por José Salvado Sampaio, a pedido expresso da Federação, que o publicou na colecção «Cadernos Fenprof».

Lembrando que a lei foi aprovada por uma «larguíssima maioria de deputados», com voto contrário do CDS e abstenção do MDP, o secretário-geral da Fenprof frisou que essa aprovação foi possível graças, nomeadamente, a «enorme vitalidade do movimento sindical».

No prefácio ao livro, António Teodoro assinala que a obra agora editada tem o mérito de «permitir a um público muito vasto conhecer não apenas a Lei de Bases mas, com igual destaque, o trajecto e as posições de cada partido relativamente a cada artigo e a cada matéria» da referida lei.

«Mas é igualmente possível — acrescenta — destacar um outro importante e significativo mérito: o de comparar a posição dos partidos com a posição da Fenprof, através da resolução aprovada no segundo Congresso Nacional dos Professores (Maio, 1986), permitindo a constatação, por aqueles que ainda poderiam ter dúvidas do carácter independente, face aos partidos políticos, e não aos professores, da intervenção da Fenprof e do seu enorme peso político na adopção de soluções que a simples aritmética dos votos resultantes da representação parlamentar de cada partido mais faria prever.»

Intervindo a seguir, Salvado Sampaio, dirigente da Fenprof e estudioso de questões ligadas ao ensino, augurou que da aplicação da Lei de bases venham a «resultar benefícios para um sistema escolar que se tem degradado em aspectos fundamentais, desde o primeiro Governo Constitucional».

Historiando o processo que conduziu à aprovação da lei, o investigador observou que «as opções dos intervenientes superaram os projectos partidários, alguns deles altamente lesivos da qualidade do ensino e dos direitos dos professores».

Na avaliação de Salvado Sampaio, «embora o décimo Governo não tenha fomentado o debate sobre a Lei de Bases do Sistema Educativo, a discussão travada veio a alcançar grande amplidão, para o que contribuiu, principalmente, a actuação dos professores».

Nesta actuação, os professores «superaram — esclareceu — uma posição de índole meramente profissional, sem a omitir, como é lógico, e colocaram-se num plano nacional».

Salvado Sampaio caracterizou a intervenção da Fenprof no processo como «esclarecida e decidida» e acção da subcomissão da Comissão de Educação, Ciência e Cultura, que elaborou a proposta ao plenário da AR, como «acessível a manifestações da opinião pública, dos professores e da Federação Nacional dos Professores».

«Encontramo-nos de novo, e sempre — disse noutro passo —, num momento em que a acção dos professores é decisiva, sendo necessário robustecer a convicção do seu próprio poder e que, numa democracia participativa, como constitucionalmente é a portuguesa, os cidadãos têm de intervir no quotidiano e não se restringir ao acto de votar.»

Reconhecendo na Fenprof a capacidade de «defender a qualidade do ensino e os direitos dos professores», sublinhou que a acção da mesma será «tanto mais forte e válida quanto maior a participação dos professores».

Para o autor, a execução da Lei de Bases do Sistema Educativo «constitui uma tarefa árdua que foi agravada pela deficiente intervenção da Comissão da Reforma do Sistema Educativo».

Concretizando, acusou a Comissão de não ter conseguido «delinear um processo eficaz e coerente».

FUNDO DE FIGO ARTIGO

Mário Castrim

UMA vez mais veio a Televisão portuguesa debruçar-se para um tema tão complexo como é o da migração. Gastou nisso para cima de meia hora o que, em termos de tempo de antena, julgamos considerável. Eu sei que nestas coisas há sempre versões actualizadas do menino, do velho e do burro.

Pessoalmente, acho que a RTP faz bem levantando, agitando, discutindo ou, sequer ao menos, recordando o problema. Sim, porque nisto como em todas as coisas, há os eternos esquecidos ou os autodenominados «não me chateies futebol clube».

Os portugueses, essa é pelo menos a minha opinião livremente e democraticamente expressa, não devem fechar os olhos à realidade, porque a realidade, essa, não se compadece com mais ou menos olhos. De pé, de pé, não mais, senhores!

Aliás, no extenso programa, a RTP fez-se eco das preocupações que lá fora também se manifestam. Porque a questão ultrapassa o nosso território, engloba muitos outros países, envolve múltiplas actividades, suscita naturais e comuns anseios.

Podemos mesmo adiantar que o nosso país, estando embora no fulcro da atenção, é o que menos atenção tem prestado ao fulcro. Notam-se alguns sinais de mudança? Sem dúvida nenhuma, como costuma dizer o Eusébio, mas estamos ainda muito, muito longe de.

Já não faço comparações com a nossa vizinha Espanha que ao debate das migrações tanto se tem dedicado, quer oficial quer em privado. Vamos mais longe, vejamos o que se passa em países como a Noruega, a Suécia e a Dinamarca, com destaque para a segunda, embora a primeira não lhe fique muito atrás e a terceira idem, sem falar na quarta, ou seja, a Finlândia que, por acaso, vem logo a seguir a essas três.

De facto, o maior número de anilhas tem origem nesses países, era lá que estavam recenseados os **patos torquezes** de passagem pela bacia do Tejo, no caminho da sua emigração.

Há quem acuse Portugal de não proteger as aves migradoras. Infelizmente, assim será. A eterna concorrência entre os patos bravos...

Morte ao silêncio

Não aprecio as suas ideias, os seus valores, as suas crenças. Não posso, todavia, negar a João Coito, um dos mais antigos e qualificados jornalistas portugueses, a coragem, a força e a frontalidade de quem, apesar de grandes tempestadas ou súbitas marés, foi incapaz de quebrar ou ceder no caminho da difícil, perigosa, mas fundamental coerência.

Forçado, pelos ventos da História, a envolver–se na aventura de um outro jornal, depois de largos anos de labor e responsabilidade num dos mais importantes diários do país, João Coito deparou anteontem, subitamente e a frio, com a selagem das instalações do «O Dia». É um jornal, já o escrevi algures, que leio apenas por obrigação e cujo entendimento da democracia está nos antípodas do que perfilho. Dito isto, para esclarecimento das eventuais e tortuosas dúvidas dos mais distraídos, tenho que reconhecer, e dizê–lo em voz alta, que no seu natural e eloquente desespero contra alguns cangalheiros da Imprensa portuguesa, João Coito assinala cruéis mas universais verdades que os jornalistas portugueses geralmente esquecem.

Esses «cangalheiros», grita–nos João Coito, são «desalmados, frios, incapazes de dialogar». E não são poucos, os que entendem os jornalistas como escribas fáceis, de uso rápido, imediato e para lançar fora na primeira encruzilhada.

O jornal de João Coito servíu senhores, ricos e fartos, que às primeiras tempestades deram «corda aos sapatos», receosos das liberdades tanto tempo vigiadas. «Esses estranhos personagens, opulentos como Cresos e inteligentes como galinhas» não vão gostar (como se denunciava, na primeira edição do «novo» título, alternativo ao agora selado) do «soberano desprezo pelas suas fortunas, pelas suas influências, pelas suas jogadas de maquiavéis do Cais do Sodré», revelado por Coito e pelos jornalistas que o acompanharam na resistência ao silenciamento.

«Não apresentamos a factura dos enormes, gigantescos serviços prestados a muitos que hoje fingem ignorar–nos, nos voltam as costas e que só tornarão a lembrar–se de nós se algum dia tornar a aparecer alguém a perturbar–lhes as digestões...», recorda o director do «ressuscitado» matutino.

Aconteceu agora com João Coito. Acontecerá, já aconteceu, aliás, com outros jornalistas. A indiferença é fácil e até compensa. O silêncio também.

Morte ao silêncio!

Eugénio Alves

Falta despedir 88 trabalhadores da empresa

Tratamento de lixos de Lisboa: liquidação até ao fim de Abril

O Ministério das Finanças anunciou hoje que a Comissão Liquidatária da Estação de Tratamento de Lixos de Lisboa (ETLL) concluirá até ao fim de Abril o processo de pagamento das indemnizações por despedimento colectivo a 88 trabalhadores da empresa.

O comunicado refere que a Comissão Liquidatária deu por concluída a sua missão, indicando que decorrem ainda alguns pagamentos, e que este processo, bem como o fecho de contas, estarão completos até 30 de Abril.

Os pagamentos efectuados pela Comissão Liquidatária ascendem a 326 mil contos.

O processo de despedimento colectivo foi negociado individualmente e consistiu no pagamento aos 88 trabalhadores de remunerações e demais subsídios complementares até 19 de Novembro de 1987 e à respectiva indemnização por despedimento.

A comissão indicou que o processo de negociação com os trabalhadores e com os respectivos sindicatos, designadamente o das indústrias químicas, decorreu «num clima de bom relacionamento e sem confrontos».

Com este processo, considera a Comissão Liquidatária, pôs-se fim «definitivamente» ao diferendo existente entre a ETLL e a Câmara Municipal de Lisboa (CML) sobre a revisão do contrato de concessão, a propriedade das instalações e equipamentos e a situação dos trabalhadores.

Assim, está acordada a transferência para a CML da propriedade dos imóveis e equipamentos nelas incorporados e a transferência de 22 trabalhadores da ETLL que a autarquia admitira anteriormente em regime eventual e aos quais consagrou efectividade.

Para os restantes 66 trabalhadores, a CML aceitou garantir-lhes a preferência nas admissões em curso e nas futuras.

A ETLL foi criada, em 1971 na sequência de um acordo entre a CML e a Federação dos Grémios da Lavoura da província da Estremadura para o tratamento dos lixos da cidade.

Segundo o acordo então firmado, a Federação obrigava-se a construir instalações adequadas, com o objectivo de produzir um composto enriquecedor de adubos.

Um decreto-lei de Setembro de 1974 extinguiu a Federação de que é mais tarde — em 1986 — desanexada a ETLL, passando esta a constituir uma unidade transitoriamente autónoma.

Previa-se então a integração da ETLL na Empresa Pública de Saneamento Básico de Lisboa, organismo que não chegou a ser criado.

Demolições na Fonte da Telha

"AMIGOS DA TERRA" E UGT APOIAM OPERAÇÃO QUE ARRANCARÁ ESTE MÊS

A Associação Ecologista «Os Amigos da Terra» e o Departamento de Ambiente, Condições de Vida e Trabalho da UGT apoiam as demolições de clandestinos da Fonte da Telha, que não começaram hoje apesar de ter ontem expirado o prazo concedido pela Câmara Municipal no seu edital de 29 de Fevereiro. O secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais, esta manhã de visita ao Outão e à Arrábida, garantiu que o Governo não cederá a chantagens e que as demolições se processarão, sem adiantar a sua data de início.

Outras fontes asseguraram ao «DL» que deverão começar ainda este mês, embora o advogado Fernando Luso Soares tenha apresentado um pedido de suspensão das demolições da Fonte da Telha no Tribunal Administrativo do Círculo de Lisboa, que oficiou já do facto as partes interessadas, desde a CM de Almada e a SEARN à Direcção-Geral dos Portos e o Serviço Nacional de Parques.

Aquele advogado disse entretanto no «DL» que o art.º 80 da Lei de Processo dos Tribunais é muito clara sobre os efeitos suspensivos da operação anunciada para ontem na Fonte da Telha e que, a arrancar, destruiria cerca de oitocentas habitações de uma zona em que apenas 80 são consideradas primeira casa e setenta se encontram em estudo.

«Autoridade administrativa, recebido o duplicado do requerimento de suspensão, só pode iniciar ou prosseguir a execução do acto, antes do trânsito em julgado da decisão do pedido, quando em resolução fundamental reconheça grave urgência para o interesse público da imediata execução», afirmou Luso Soares ao «Diário de Lisboa».

Se ainda não há projecto aprovado, nem sequer aprovado está o plano de ordenamento da região, nada justificará a imediata demolição dos «clandestinos» da Fonte da Telha, acrescentou aquele advogado, segundo o qual os benefícios de tal acção recairão sobre os proprietários dos terrenos em volta, um dos quais é Duque Neto.

Luso Soares acusou também as partes interessadas nas demolições, Câmara Municipal de Almada e Secretaria de Estado do Ambiente, de tentarem criar uma zona verde na Fonte da Telha, separando os ricos dos pobres, numa prática política contrária à que qualquer uma das entidades diz defender.

«Amigos da Terra» ameçam com CEE

«Os Amigos da Terras» ameçaram, ontem, em Lisboa, que recorreriam para as estruturas comunitárias caso fosse erguido um complexo turístico no local das casas e barracas a demolir na Fonte da Telha.

Aquela associação ecologista apoia as demolições anunciadas, como o fez, de resto, na Arrábida, defendendo aquilo que o seu presidente António Eloy classificou como «reposição da legalidade».

Durante um encontro com jornalistas, António Eloy frisou que «a construção de clandestinos é uma acção ilegal, em relação à qual o Estado português tem sido permissivo».

Sobre o anunciado recurso dos moradores ao Supremo Tribunal Administrativo, aquele ecologista sublinhou ver «com grande apreensão qualquer inversão no processo em curso».

António Eloy admitiu ainda ser uma «manobra de contra-informação» a notícia de que estaria previsto para o local um complexo turístico, reafirmando que se tal viesse a suceder, recorreria para as estruturas europeias.

Por seu turno, o Departamento de Ambiente e Condições de Vida e Trabalho da UGT considera a contestação gerada em torno das demolições anunciadas para a Fonte da Telha como «mais um meio de manutenção dos que à custa da ignorância, enriquecem sem olhar a quem», numa aparente alusão aos proprietários «clandestinos» que ergueram casas para as alugar no Verão.

Aquele departamento da UGT apoia a «solução casuística» do Serviço de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, que contempla os casos de primeira habitação e reafirma publicamente o seu «apoio às demolições definidas para a zona da Fonte da Telha».

Rio Sado

Recuperação e despoluição na agenda de Macário Correia

O secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais inaugurou esta tarde a sede da Reserva Natural do Estuário do Sado, depois de se haver reunido com industriais na Câmara Municipal de Setúbal e ter visitado as indústrias Sapec e Portucel. Macário Correia debateu com os responsáveis destas duas unidades industriais — as mais poluentes da região — o problema da despoluição e recuperação do Rio Sado.

O secretário de Estado do Ambiente deslocou-se, esta manhã, ao local da futura Estação de Tratamento de Águas Residuais, mas antes analisou com representantes da edilidade sadina a estratégia para o ordenamento do litoral da Arrábida, com a construção de equipamento social e infra-estruturas, nomeadamente o Parque de Campismo de Outão.

Aquele governante visitou ainda o litoral do concelho , a começar pelo Parque Natural da Arrábida, tendo passado pela Figueirinha, Outão, Comenda e Alfarquel.

Primeiras habitações não chegam a seis por cento

Demolições de Outono são na Marinha Grande

O litoral da Marinha Grande vai ser a próxima área de demolição de construções clandestinas em zonas de paisagem protegida, devendo os trabalhos iniciar–se depois do Verão, segundo revelou ao «DL» o presidente do Serviço Nacional de Parques Reservas e Conservação da Natureza, Marques Ferreira. A zona tem cerca de 750 edificações, das quais, segundo o SNPRCN, menos de 10 serão de primeira habitação.

O Serviço Nacional de Parques, já mandou destruir, até ao momento, 2511 das 2666 habitações e edificações que se encontravam nas nove áreas de paisagem protegida em que já foram levadas a cabo demolições. As casas que não foram deitadas abaixo, por serem primeiras habitações, representam 5,8 por cento.

Os números, para cada uma das áreas, são os seguintes: Portinho da Arrábida — 650 demolidas, quatro não demolidas; Caparica — 225 demolidas, seis não demolidas; Alcobaça — 508 demolidas, não havia primeiras habitações; Magoito, Sintra — 131 demolidas, uma não demolida; Ria Formosa — 204 demolidas, 132 não demolidas; Nave de Santo António, Serra da Estrela — 47 demolidas; Albarquel, Arrábida — 150 demolidas, duas não demolidas; Lagoa de Albufeira — 500 demolidas, 10 não demolidas; Baleal — 100 demolidas, não havia primeiras habitações.

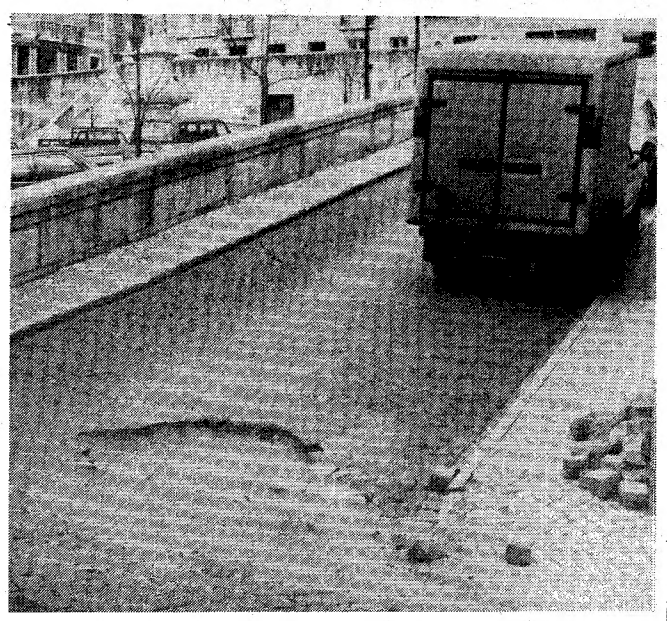
Quanto à Fonte da Telha, onde ainda não houve demolições, há 800 edificações, das quais 80 são primeiras habitacões, e estão em estudo 70 casos, número que aliás já divulgamos ontem.

O processo que permite decidir se as construções são habitações principais ou secundárias é estabelecido pelos organismos locias do Serviço de Parques e feito com base em informacões recolhidas juntos das Capitanias dos Portos, das Câmaras Municipais e das Juntas de Freguesia e também por um processo documental que inclui a certidão de eleitor, o local de morada fornecido à Segurança Social e um atestado de residência passado pela Junta de Freguesia.

O Serviço de Parques tem por princípio que «ninguém fica sem tecto» e «procura sempre negociar» com os municípios.

JVM

PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL



Um buraco candidato ao Museu de Arte Antiga?

Ameaça eternizar-se o enorme buraco (foto de José Tavares) que, há meses, constitui um autêntico suplício para os automobilistas que diariamente têm de passar pela Rua José Figueiredo, às Janelas Verdes. Mas dado que no passeio anexo existem vários armazéns de cargas e descargas também os transeuntes são vítimas da existência de tão inestético, quão inómodo, «mamarracho», atormentados ao serem atingidos pelas «esguichadelas» de água nos períodos de chuva mais intensa.

Como nas proximidades do local fica instalado o Museu de Arte Antiga será que os responsáveis camarários pensam vir a integrar o buraco no espólio do vetusto organismo?

Ainda em Lisboa, um autocarro da Carris avariou esta manhã, entre as sete e as oito horas, complicando o trânsito no percurso que liga a Cidade Universitária ao Campo Grande. Cerca da mesma hora, na já fatídica curva do restaurante Mónaco, em Caxias, verificaram-se oito feridos no choque em cadeia de cinco veículos. Os sinistrados foram assitidos no Hospital de São Francisco Xavier, ao Restelo.

Em Manique de Baixo, no concelho de Cascais, uma criança de três anos, filha de emigrantes de Cabo Verde, foi mortalmente atropelada por um camião, quando brincava junto à residência de uma sua tia.

No entroncamento da Estrada Nacional n.º 1, em Vale de Grou, Águeda um camião foi embater numa furgoneta de caixa aberta, tendo provocado ferimentos graves no condutor deste último veículo, Manuel Rato de Oliveira, de 43 anos residente em Oliveira do Bairro, e a morte da sua mulher, Ana Rosa Ferreira dos Reis, de 63 anos. O motorista do camião, José Gomes dos Santos, de 41 anos, saiu ileso do acidente, enquanto Manuel Rato de Oliveira seguiu para os Hospitais da Universidade de Coimbra, onde ficou internado.

Grave acidente com Mercúrio/88

O exercício militar Mercúrio/88, a decorrer desde o passado dia 12 na área de Penamacor – Meimoa, no distrito de Castelo Branco, já esteve na origem de um grave acidente quando um veículo do Regimento de Infantaria 14, de Viseu, que seguia em coluna, se dispistou por rebentamento de um dos pneus, indo abalroar um automóvel, cujo condutor, José Manuel Correia Pascoal, de 34 anos, natural da Covilhã, teve morte imediata.

No embate ficaram ainda feridos o motorista do veículo militar, Lucindo José Sousa Rocha Santos Gaio, de 21 anos, soldado de Matosinhos, e o furriel António Avelino Martins Sequeira dos Santos, de 22 anos, de Santiago de Cassurrães, Mangualde.

GALP
DINAMIC
Gasóleo

DL NACIONAL

Escutas telefónicas são base de prova na "Aveiro Connection"

CARLOS CANDAL AFIRMA ACREDITAR NA INOCÊNCIA DE PESSOA BRANDÃO

Manuel Geraldo

O dr. Carlos Candal, que tal como o «DL» noticiou há dias em primeira mão, assumiu a defesa do comandante da Capitania do porto de Aveiro, acusado de envolvimento na importante rede de contrabando Aveiro Connection, disse estar convencido da inocência do seu constituinte, pois de contrário não assumiria essa responsabilidade.

Carlos Candal, o advogado socialista que assumiu a defesa do comandante do Porto de Aveiro

Para Carlos Candal, a alegada culpabilidade do capitão-de-fragata Luís Pessoa Brandão apenas se filia, ao que lhe foi dado saber até agora, na gravação pelos investigadores da Polícia Judiciária de telefonemas que aquele oficial superior da Armada teria efectuado, ou recebido, de outros arguidos no processo despoletado pela operação Águas Turvas.

Referindo-se depois às polémicas declarações do comandante-geral da Guarda Fiscal, general Hugo dos Santos, ao denunciar «as tentativas de pessoas altamente colocadas, inclusive do Corpo Diplomático» para que as investigações não avancem, Carlos Candal considerou que esse facto não deverá constituir impedimento para que o processo, «ainda em segredo de justiça», avance em termos jurídicos, mesmo para julgamento a partir do núcleo primitivo, o que até nem é inédito, independentemente da rede estar ou não estar de todo desmantelada.

Ainda que detido na Base Naval do Alfeite, o comandante Pessoa Brandão, que foi subsecretário de Estado do Comércio Interno nos IV e V Governos Provisaórios, mantém-se oficialmente em funções, pois ao que nos foi garantido junto de fonte oficial, «a Marinha continua a fazer fé na palavra de um oficial que é íntegro».

Capitão Rodrigues e Pereira Teotónio

Mas a culpabilidade criminal de um cidadão através de provas conseguidas por meio de escutas telefónicas continua a não ser um problema pacífico a nível forense, tal como, aliás, concluiu recentemente o Supremo Tribunal de Justiça, ao emitir um acórdão, a que fizemos referência, relacionado com o processo do capitão da GNR, Leite Rodrigues, detido há dois anos na cadeia de Custóias, sob a acusação de rapto na pessoa de uma senhora da alta sociedade do Porto.

O Supremo considerou as gravações obtidas como nulas, pelo que sem qualquer valor processual, dado «não ser possível reeditar, hoje, a tese de Goldschmidt que não reconhecia quaisquer limites à busca da verdade e até concebia essa tarefa à margem de toda a moral».

De notar que, face à legislação em vigor, a intercepção e a gravação de conversações ou comunicações telefónicas só pode ser ordenada ou autorizada, por despacho do juiz, quanto a crimes puníveis com penas de prisão superiores a três anos, relativos ao tráfico de estupefacientes de armas e contrabando, ou à prática de injúrias, de ameaças, de coacção e de intromissão na vida privada, desde que cometidas através do telefone.

Soubemos, entretanto, e ainda relativamente à Aveiro Connection, em cujas investigações esteve empenhado desde o início, que o dr. Pereira Teotónio, antigo superintendente da Direcção Central de Prevenção e Investigação da PJ, não assistiu à tomada de posse do seu sucessor, dr. José Gonçalves de Carvalho. Pereira Teotónio demitiu-se do cargo na sequência de desinteligências sucessivamente agravadas com o director-geral daquela instituição, dr. Marques Vidal.

Pastor que matou a mulher foi condenado em 15 anos de prisão

Um pastor de 56 anos, Francisco de Azevedo, foi ontem condenado em 15 anos de prisão no Tribunal de Vila Real, pelo assassínio de sua mulher, Ana da Conceição Santos, de 51 anos, que foi atingida na cabeça com três golpes de machado, quando se encontrava deitada na cama.

O crime foi cometido em Outubro de 1987, na aldeia de Lordelo, na sequência de frequentes discussões entre o casal e, na altura, após Ana da Conceição ter recusado fazer o almoço ao marido.

O réu foi ainda condenado ao pagamento de uma indemnização de 1000 contos aos familiares da vítima, que a tal se julgam com direito.

Indemnização devido a morte por acidente

Família de operário português recebe 150 mil contos nos EUA

Cento e cinquenta mil contos foi o valor da indemnização recebida pela família de um operário português, Arnaldo Gonçalves, vitimado na cidade norte-americana de Newark, ao ser colhido pelo cabo de um guindaste que se partiu.

A informação é divulgada pelo jornal «Luso-Americano» que refere ter a decisão sido tomada por um júri do Supremo Tribunal de Nova Jérsia. De acordo com a mesma fonte, a mulher e os três filhos do operário, falecido em 1982, moveram a acção contra a empresa Elizabeth River Floo Center Project, com base na falta de segurança do guindaste.

Brasileira ateou fogo em Bragança

Cigarro mal apagado vitimou octogenário

Um octogenário, Joaquim Peixoto, morreu anteontem à noite carbonizado num incêndio provocado no quarto que habitava sozinho, em Fafe, pelo cigarro mal apagado que deixou cair sobre a carpete. No mesmo período, em Bragança, um incêndio destruiu parcialmente um apartamento causando prejuízos avaliados em cerca de mil contos. O sinistro, segundo os bombeiros daquela cidade transmontana, teve origem numa braseira eléctrica que ateou fogo a peças de roupa deixadas nas proximidades pela locatária que, entretanto, se ausentara. Não se registaram vítimas.

Dono de café assassinado numa emboscada em Chaves

Uma «emboscada», na expressão da própria Polícia Judiciária de Chaves, esteve na origem do assassínio do comerciante Rogério Sobreira, de 40 anos, proprietário do café Tanque, localizado na aldeia de São Lourenço.

Casado, e com dois filhos menores, Rogério Sobreira foi alvejado à queima-roupa por dois tiros de espingarda caçadeira, estando a PJ, ao que apurámos, já na posse de elementos que poderão conduzir nas próximas horas à detenção dos autores do crime.

DL NACIONAL

Anunciado por Vasco Franco

Câmara de Lisboa fiscaliza obras com brigadas especiais

A Câmara Municipal de Lisboa vai iniciar ainda este mês uma fiscalização global e permanente das obras clandestinas e da utilização indevida de edifícios, através de brigadas mistas móveis compostas pela Polícia Municipal e fiscais da Câmara, segundo informou o vereador do pelouro de Obras, Vasco Franco.

As brigadas têm capacidade para embargarem obras ou instalações, imediatamente a seguir à detecção das ilegalidades e estarão equipadas com viaturas próprias e rádio-telefones e dividirão a cidade ao meio.

O vereador Vasco Franco explicou que esta medida é «necessária para pôr cobro ao alastramento tanto de barracas como de obras clandestinas sem autorização respectiva e ainda pelo uso abusivo dado a instalações previstas para fins diferentes em mutios edifícios».

Por outro lado, Vasco Franco revelou alguns números sobre os níveis de degradação de certas zonas da cidade, recordando que a autarquia vai gastar um milhão de contos na recuperação de imóveis degradados, no âmbito de vários programas de que destacou o Recria, para o qual o orçamento do município prevê 100 mil contosa conceder a fundo perdido e que conta com contribuição da Administração Central de 39 por cento, em regime de bonificação máxima, também a fundo perdido.

«Lisboa tem uma carência de 700 mil fogos novos, mas o parque habitacional está tão degradado que só na área das Avenidas Novas 40 por cento dos fogos precisa de obrtas de vulto», disse Vasco Franco que acrescentou: «em Alfama e Mouraria a situação é mais dramática e está já em curso um programa de recuperação orçado em 900 mil contos; no Bairro Alto a degradação atinge os 80 por cento e na área da freguesia dos Anjos julga-se que os níveis de habitações a precisarem de obras profundas também serão elevados».

O programa de recuperação da CML passa por obrigar os proprietários a cumprir a legislação sobre conservação de imóveis e quando tal não acontecer, o município procederá às obras e fará os proprietários comparticipar dos custos.

Outro problrma grave na área da edilidade lisboeta, disse o vereador, é a existência de 11 a 15 mil barracas, número que não está a crescer devido à acção da Câmara para alojar os moradores das barracas.

Vasco Franco apontou ainda o facto de, no âmbito dos seus serviços, estarem a ser feitas obras no sistema de intercepção de esgotos da capital, obras que são as maiores em engenharia sanitária na Europa e cujos custos globais chegam aos 10 milhões de contos. Neste campo, as finanças da autarquia estão equilibradas, já que os munícipes pagam de taxas para esgotos e salubridade cerca dc 1,5 milhões de contos por ano.

Anunciado em debate sobre "Lisboa-anos 90"

"CÂMARA" ALTERNATIVA DA CDU REÚNE HOJE PELA PRIMEIRA VEZ

Realiza-se hoje a primeira reunião da câmara alternativa da CDU, com um total de 17 vereadores e alguns pelouros novos, respeitando à saúde, ambiente, juventude e relações institucionais. A informação foi dada ontem, por Rui Godinho quando decorria um debate dedicado à Lisboa dos anos 90, num restaurante de Alcântara, uma zona da cidade das mais características e mais necessitadas de preservação. Dessa equipa, disse por sua vez Anselmo Aníbal, sairá o rosto que protagonizará a candidatura da CDU para as próximas eleições autárquicas.

Presente ainda no colóquio o historiador António Borges Coelho, que falou do passado da cidade tal como se apresenta no seu presente e se projecta para o futuro que aí vem. A identidade de Lisboa, este aglomerado urbano que «continua arredado do Tejo», não são só os seus monumentos, acentuou, mas também os homens e as mulheres que viveram e vivem nestes bairros e ruas.

Rui Godinho foi muito crítico quanto à gestão de Lisboa logo nos primeiros momentos deste debate organizado pelo jornal «Viva Lisboa», próximo do Partido Comunista. Instado sobre o «estado de espírito» de Nuno Abecasis o vereador, irónico, cometou que há uma «proporcionalidade inversa entre o bem-estar do presidente da Câmara e o mal-estar de Lisboa». Isto para dizer que a cidade está a degradar-se e a descaracterizar-se, apesar de ela dever ser entendida como um corpo vivo, com uma dinâmica própria.

E deu exemplos: o que se passa nas Avenidas Novas e sobretudo no Saldanha, no centro histórico, no Parque Eduardo VII. Mas se um variado tipo de erros de gestão urbana foram apontados, os três participantes do encontro moderado por António Sancho realçaram os problemas de miséria instalada na cidade, sobretudo nos bairros de lata e nos prédios degradados da velha Lisboa. Anselmo Aníbal, por exemplo, referiu que a matriz histórica da capital é claramente sentida pelos utilizadores e pelos residentes, devendo as cidades (esta cidade) renovar-se sim, mas mantendo-se-lhes a identidade que transportam até nós.

Anfiteatro romano escondido com prédios de fora

Lisboa, hoje — comentou — «é um anfiteatro romano escondido com prédios de fora», o que prova, caso não houvesse muitos mais exemplos, que «o bom senso não gere a cidade». Lisboa está a ser «percorrida pelo desmazelo, reflecte o desleixo municipal». A Câmara, com os seus 10 000 funcionários e os 300 mil contos de orçamento de que dispõe «é grande, menos na capacidade e rigor da intervenção».

«Lisboa-Anos 90», assim se chamou o debate, que era ainda para contar com as presenças do arquitecto Hestnes Ferreira e o ensaísta Vítor Matias Ferreira, ambos no entanto ausentes. Os vereadores comunistas da Câmara de Lisboa propuseram-se precisamente delinear o espaço urbano que desejam para a década que se avizinha, com a erradicação das «zonas de miséria», como o Casal do Pinto ou dos Machados, o Bairro Chinês, as Musgueiras, a Quinta Grande.

A CDU autárquica convida a participar na recuperação da cidade todos os seus habitantes ou utilizadores. Disse ainda Anselmo Aníbal que a Câmara Municipal deverá proceder, nesse futuro próximo, a acordos de cooperação com os pequenos e médios senhorios. Mas também, acrescentou, «os condomínios têm de ser chamados», assim como as associações patrimoniais e de moradores, para a tarefa que urge iniciar. Para tal, os eleitos comunistas na Câmara de Lisboa defendem que podem ser desviadas verbas do Orçamento nacional e do autárquico: «A miséria é tão insuportável que é preciso desenvolver uma operação de choque», disse, afirmando ainda que é preciso recorrer da melhor maneira aos créditos internacionais, nomeadamente os que chegarão da CEE.

Para os comunistas e independentes da CDU, este é «um projecto colectivo e até nacional», justificando cabalmente que se assumam «os interesses da maioria da população». E sublinhou que não importa recuperar por recuperar: tal medida deverá servir, pelo contrário, «para fixar as populações nas zonas antigas da cidade», e para trazer de novo ao centro de Lisboa a população jovem que se deslocou para a periferia.

A propósito, Borges Coelho — o menos político dos intervenientes, e talvez o que insistiu mais na vertente cultural — considerou que «a perda de Alfama seria uma catástrofe, tal e qual como se perdêssemos alguns dos grandes monumentos de Lisboa», porque Alfama foi cidade medieval, concentrou a presença mourisca, em suma, tem muito da nossa história guardada nas suas paredes.

Considerando que para o respeito da nossa cidade antiga não só os técnicos ou até os políticos têm uma palavra a dizer, o historiador defendeu a existência na Câmara de equipas de trabalho pluridisciplinares, juntando diversas formas de observar a realidade lisboeta. A sua perspectiva foi reforçada por Rui Godinho que, criticando de novo o autoritarismo e a «megalomania» de Krus Abecasis, afirmou que Lisboa deve ser gerida por uma equipa, precisamente, e não por um homem: «O 'eu' não cabe na nossa maneira de participar», disse o autarca comunista, coerente com a sua idelogia.

«Precisamente de ter a capacidade de mobilizar as freguesias, as colectividades recreativas, as organizações do património. Este não é um discurso culturalista, mas também é cultural, mas de uma cultura baseada nas vivências dos bairros de Lisboa, de bairros como os Olivais», acrescentou.

Quanto ao gabinete autárquico alternativo, é objectivo dos autarcas da CDU de Lisboa uma intensificação da sua participação nas actividades municipais. Resposta à recusa de Abecasis de conceder pelouros aos eleitos da extinta APU. Para já, têm uma reivindicação maior: a elaboração de um plano director, que organize cada zona de Lisboa segundo as suas próprias características. O alcance: «Criar uma cidade menos injusta, já que é difícil termos uma cidade justa», revelou Rui Godinho.

Apresentada pelos Amigos da Terra

Auto-estrada Lisboa-Cascais tem queixa na CE

Os Amigos da Terra vão apresentar queixa contra o Estado português no caso do projecto da auto-estrada Lisboa-Cascais junto da Comissão Europeia, segundo anunciou ontem o presidente da associação ecologista, António Eloy. A queixa deverá estar entregue até ao fim do mês em Bruxelas e baseia-se na alegada violação de directivas comunitárias sobre estudos de impacto ambiental e águas subterrâneas.

A Directiva sobre estudos de impacto, referiu Eloy, prevê que as populações afectadas pela obra e as associações ambientais sejam ouvidas antes de serem apresentadas as conclusões. «No caso deste projecto tal não aconteceu», sublinhou.

A outra razão de queixa tem a ver com o facto de a construção da auto-estrada atingir veios de água subterrâneos considerados fundamentais para algumas zonas agrícolas entre Lisboa e Cascais.

Um outro caso apontado por António Eloy foi o do Parque Eduardo VII, que está «em vias de desaparecer». A construção prevista de courts privados de ténis, a par da «especulação» com terrenos devem constituir motivo de «grande inquietação».

A solução encontrada para o Parque, com a construção de uma grande unidade hoteleira, choca os Amigos da Terra por ser «mais uma política cauística, sem obedecer a um plano de conjunto para a cidade», ao contrário do que deveria ser uma política municipal correcta: «capaz de conjugar áreas de conservação e modernidade, lazer e cultura».

Recuperação de edifícios na capital

Câmara poderá atribuir prémio segundo proposta feita pelo PS

A Câmara Municipal de Lisboa poderá criar, a curto prazo, um prémio no valor de milhar e meio de contos, denominado «Eugénio dos Santos», a atribuir a proprietários e autores de projectos de recuperação de edifícios da capital. Foi nesse sentido que um vereador socialista ontem apresentou à Câmara Municipal uma proposta, preconizando que tal distinção se processe de dois em dois anos.

O prémio «Eugénio dos Santos», segundo os termos da proposta do vereador Vasco Franco, aponta para que a sua atribuição seja bienal e distinga proprietários e autores de porjectos de recuperação. Explicitando: um, a recuperação de edifícios em que sejam mantidas as características exteriores originárias (secção «A»); e outro, no mesmo valor, as obras de recuperação onde se conciliem linguagens actuais com preexistentes (secção «B»).

A necessidade de sensibilizar todas as entidades para a importância das acções de recuperação de edifícios e para as exigências de qualidade das mesmas é a justificação dada por aquele vereador para tal iniciativa, na qual a CML tem «um importante papel a desempenhar como dinamizadora e protagonista em acções de certa envergadura».

Adverte Vasco Franco: «Mas não bastará recuperar. É preciso muito cuidado em certas intervenções e é preciso assegurar que a recuperação seja feita segundo padrões de qualidade e sob orientação de técnicos competentes.» Vasco Franco cita Manuel da Maia – que indicou o então capitão Eugénio dos Santos de Carvalho para encetar a renovação de Lisboa nos anos 50 do século XVIII, com Carlos Mardel – na sua «Dissertação»: «Não posso deixar de acrescentar aqui ser muito precisa uma especial atenção na eleição das pessoas que hão-de ter por sua conta a execução desta difícil obra de renovação de Lisboa.»

MDP contra auto-estrada Lisboa-Cascais

O MDP tomou posição contra a anunciada construção da auto-estrada Lisboa-Cascais, na reunião de ontem da Câmara Municipal.

Segundo um comunicado daquele agrupamento, a sua concepção e programação está «inteiramente desligada» da realização da CRIL e da CREL, bem como da intervenção pelos poderes públicos em toda a rede de circulação actual, no sentido de garantir a fluidez do tráfego.

O MDP lamenta que a CML se não empenhe na reivindicação da necessidade do poder central atender à postura do poder local e à existência de um Plano de Ordenamento do Território da Área Metropolitana de Lisboa e este, por seu turno, reclame a existência da Região Administrativa de Lisboa, «sob pena de falhar ao Plano autoridade que se responsabilize pela sua efectivação e meios financeiros e técnicos».

O MDP critica a autarquia de Lisboa caso esta se não empenhe na defesa da habitabilidade do seu território, «em que se inscreve uma circulação de pessoas e de bens que não prive cidadãos de grande parte do seu tempo disponível».

Lisboa-1988 bolsas de estudo

A Câmara Municipal de Lisboa atribui este ano uma bolsa de estudo a Paula Alexandra Santana para a realização de um estudo intitulado «Azulejos: Arte Nova em Lisboa».

As bolsas da Câmara de Lisboa são concedidas anualmente pelo Município com vista a «incrementar o interesse para o estudo dos problemas da cidade».

PELO MUNDO

• **A Merrill Lynch and Co. Inc.**, uma das maiores firmas norte-mericanas de investimento, anunciou lucros de 68,3 milhões de dólares, no primeiro trimestre de 1988, ou seja, uma baixa de 37,1 por cento em relação ao mesmo período do ano anterior. O volume de negócios da Merrill Lynch baixou 5 por cento para 2.400 milhões de dólares.

• **O First Chicago Corp.**, segundo maior banco dos Estados Unidos, anunciou que os seus lucros mais do que duplicaram no primeiro trimestre deste ano, apesar de um aumento de provisões para créditos duvidosos. Os lucros do banco ascenderam a 141,5 milhões de dólares, nos primeiros três meses de 1988, contra 63,8 milhões no mesmo período do ano anterior. No primeiro trimestre deste ano, o First Chicago aumentou as suas provisões para créditos duvidosos em cerca de 100 milhões de dólares, contra 74 milhões anteriormente.

• **O Manufacturesr Hanover Corp.**, sexto banco dos Estados Unidos, anunciou que vai vender a sua filial de crédito ao consumo, Manufacturers Hanover Consumer Services Inc., ao grupo de serviços financeiros American General Corp. Segundo o acordo concluído entre ambos os grupos, o montante da venda ascenderá a 685 milhões de dólares, valor ao qual será adicionada a quantia de 20 milhões de dólares, que será paga com os lucros da filial desde 1 de Janeiro até à data da transacção.

• O grupo farmacêutico francês «**Sanofi**» informou que adquiriu 30 por cento do capital da casa de perfumes Nina Ricci Paris, elevando a sua participação para 38 por cento.

• As Companhias japonesas de seguros Yasuda Mine-Insurance e Sumitomo Marine-Fire vão abrir brevemente sucursais em Barcelona. A sociedade japonesa Kajima (construção de imóveis e engenharia civil) vai também abrir uma sucursal na capital catalã.

• Um consórcio franco-japones de estabelecimentos financeiros e de bancos vai criar, na China, uma joint-venture destinada à concessão de empréstimos a empresas chinesas. O consórcio integra as sociedades japonesas C. Itoh and Co., Dai-Ichi Kangyo Bank e a Century Leasing System Co., e o banco francês Crédit Lyonnais.

Depois de um mês de campanha

ESTADO SÓ RECUPERA UM POR CENTO DAS DÍVIDAS EM TRIBUNAIS FISCAIS

O Estado recuperou apenas um por cento das dívidas fiscais em tribunais tributários, no âmbito da campanha de regularização em vigor desde 29 de Fevereiro e que se estende até finais de Maio.

Assim, e segundo uma fonte da secretaria de Estado dos Assuntos Fiscais, no primeiro dos três meses de aplicação das novas disposições — que visam facilitar a liquidação das numerosas e avultadas dívidas ao fisco — obteve–se uma receita aproximada de um milhão de contos quando o montante global das dívidas fiscais se cifra ao redor dos 100 milhões de contos.

«Obviamente que não esperamos recuperar durante esta campanha o total da dívida», sublinhou a fonte oficial contactada, acrescentando que, apesar disso, os responsáveis daquele organismo esperam «com optimismo» o balanço final da iniciativa.

Recorde–se que a campanha em curso estabelece diferentes situações de regularização das dívidas consoante os montantes em causa, prevendo–se, inclusivamente, a possibilidade de desfasamentos temporais diferenciados a negociar com os faltosos.

De acordo com a mesma fonte, no primeiro dos meses foram enviadas 150 mil cartas num total das 600 mil que serão distribuídas até final do corrente mês, estando a secretaria de Estado confiante que «muitos contribuintes venham a regularizar a sua situação, uma vez que está constitui a derradeira possibilidade» antes de se iniciar o processo de recuperação «de modo coercivo», com todos os encargos decorrentes da aplicação dos juros de mora e custas afins.

Os cerca de cem milhões de contos pendentes em tribunais fiscais não corresponde, contudo, ao total das dívidas ao Estado. Segundo o secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, Oliveira e Costa, em declarações feitas ao «DL», em Janeiro passado, só dos casos que se encontravam em tribunais fiscais, o Estado era credor de cerca de 180 milhões de contos, entre impostos, cobrança de créditos da Caixa Geral de Depósitos, parte das dívidas à Segurança Social, infracções de Trânsito ou taxas de Televisão.

Dívidas à Previdência cobradas pelos bancos

As dívidas das empresas à Segurança Social, avaliadas em mais de 140 milhões de contos, poderão ser liquidadas, a partir de Maio, em qualquer dependência bancária.

A informação foi dada pelo secretário de Estado da Segurança Social, Luís Filipe Pereira, durante a inauguração de um lar para a terceira idade em Seixas, no concelho de Caminha (Viana do Castelo), com capacidade, respectivamente, para 50 e 25 utentes em regime de internato e flutuante, tendo custado cerca de 67 mil contos.

Luís Filipe Pereira anunciou ainda a criação de um serviço de emergência social, a funcionar 24 horas por dia, com características semelhantes àquilo a que denominou um «115 social».

Segundo previsões do INE para 1988

Menos investidores, mas mais investimento

O número de intenções de investimento poderá diminuir este ano, apesar de, comparativamente a 1987, se evidencie ainda um acréscimo dos montantes investidos.

De acordo com os resultados do inquérito de conjuntura ao investimento do Instituto Nacional de Estatística, relativo a Outubro de 1987, os empresários inquiridos revelam uma diminuição do número de empresas que tenciona investir durante o ano em curso. Assim, das empresas inquiridas 63,8 por cento tencionam realizar investimentos até ao final do ano, mas a evolução do número de empresários nessa disposição tem diminuído gradualmente, tendo no ano passado abrangido 70,8 por cento dos casos.

Apesar disso, prevê–se que os montantes a investir permitam ultrapassar os efectuados o ano passado, aumentando a um ritmo superior ao registado nesse período. Deste modo, espera–se uma taxa de variação a nível global e em termos reais de 17,5 por cento para 1987, sobre a qual recai ainda, na globalidades dos sectores de actividade, um acréscimo de 22,8 por cento neste ano.

Internacionalização do mercado financeiro ibérico em debate

Técnicos portugueses e espanhóis irão debater, no final de Maio, as implicações no sector financeiro da criação em 1992 do mercado interno comunitário.

No debate organizado pelo Centro de Investigação sobre Economia Financeira do Instituto Superior de Economia, a decorrer nos dias 27 e 28 de Maio e subordinado ao tema «Desenvolvimento e internacionalização dos mercados finaneiros de Espanha e Portugal entre 1988 e 1992», procurar–se-à, como o afirmam os seus promotores, abordar temas que, até agora, pouca importância têm recebido. Assim, entre outros, discutir–se–ão temas como o sistema financeiro português e a sua adaptação às normas comunitárias até ao final de 1992 e a desregulamentação do sistema financeiro, liberalização das taxas de juro, supressão dos limites quantitativos de crédito e desenvolvimento de novos produtos e serviços financeiros em Portugal.

Os assuntos, tal como o diz um dos organizadores, Luís Barata, assumem–se como da máxima relevância, dado tratar–se de um dos pontos da próxima cimeira do Conselho Europeu marcada para Hannover. «Portugal ainda não tomou uma posição na discussão do sistema monetário europeu», rematou Luís Barata, «mas vai ter de defini–la».

EMPRESAS

SONAE entra no comércio mobiliário

A SONAE e a empresa francesa Conforama vão estabelecer em Portugal, uma cadeia de distribuição e comercialização, em grandes superfícies, de mobiliário, electrodomésticos e outros equipamentos de interior e decoração. A primeira grande unidade, em estilo hipermercado, vai ficar instalada em Cascais e será inaugurada possivelmente ainda este ano. A médio prazo está prevista a abertura de outras grandes unidades no Porto e em Lisboa. A presença da Conforama em Portugal resulta de uma joint-venture com a SONAE.

CGD: 20,7 milhões de contos de lucros

A Caixa Geral de Depósitos obteve, em 1987, lucros de 20,7 milhões de contos, mais 60,5 por cento que no ano anterior. No final do ano passado, os depósitos somavam 1.474,3 milhões de contos, registando um aumento de 172,3 milhões relativamente a 1986, a que correspondeu um crescimento de 13,2 por cento. Indicadores da actividade da CGD em 1987, em valores não consolidados, mostram que a sua situação líquida atingiu 118,7 milhões de contos, mais 20,4 por cento que em 1986. Em bases consolidadas, ou seja, incluindo o Banco Financial Português, no Brasil, e a sucursal da Caixa em Paris, os lucros foram de 21 milhões de contos e a sua situação líquida de 121,9 milhões de contos. Embora esta instituição especial de crédito reconheça ter-se registado «um ritmo de crescimento mais lento» do que o verificado no ano anterior, a administração alega que a quota de mercado detida pela CGD melhorou, situando-se em 26,3 por cento. O «cash flow» do exercício ascendeu a 56,2 milhões de contos, tendo aumentado em 64,3 por cento face a 1986, dos quais o montante das dotações para provisões cresceu 70 por cento, para um total de 34 milhões de contos.

BESCL adere ao grupo bancário Inter Alpha

O Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa aderiu ao grupo bancário Inter Alpha, do qual fazem parte oito dos maiores bancos da Comunidade Economica Europeia. O grupo bancário Inter Alpha é constituído pelo Banco de Bilbao, Espanha, o Berliner Handels - Und Frankfurter Bank, Alemanha Federal, o Crédit Commercial de France, o Instituto Bancário San Paolo Torino, Itália, o Kredietbank, Bélgica, o NMB Bank, Holanda, o Privatbanken, Dinamarca e o Royal Bank of Scotland, Grã-Bretanha. A integração do banco nesta associação permitirá um intercâmbio regular de experiências ao nível europeu, no domínio financeiro internacional.

BPA lança novo serviço electrónico

Os clientes do Banco Português do Atlântico detentores da Conta Multi-Serviços vão passar a dispor, dentro em breve, de mais um serviço electrónico - o «ALO BPA» -, que lhes permitirá aceder aos saldos disponíveis nas suas contas de depósitos à ordem, através do telefone. Para obter o saldo, o cliente deverá marcar o número de telefone indicado pelo Banco e aguardar as instruções, fornecidas verbalmente pelo sistema, ligado directamente ao computador. A confidencialidade está assegurada, recebendo cada cliente um número pessoal, sem o qual não é possível aceder às informações fornecidas pelo novo Serviço.

SICEL: lucros líquidos quase triplicaram

A SICEL, Sociedade Industrial de Cereais, SA, obteve, em 1987, lucros líquidos no valor de 37.841 contos, quase o triplo dos registados no exercício anterior. O volume de negócios cresceu de 1,6 milhões de contos, em 1986, para 1,673 milhões no ano passado. O aumento observado nas vendas em 1987 foi de 4,4 pontos percentuais em relação ao ano anterior.

Exportações da Crisal aumentou 250 mil contos

A Crisal, Cristais de Alcobaça, SA, exportou, em 1987, produtos no valor de 1,6 milhões de contos, mais 250 mil contos do que no ano anterior. Segundo a mesma fonte, o cash-flow da Crisal, em 1987, foi de 550 mil contos, após deduções de provisão para impostos sobre lucros, e numa previsão para 1988, a administração da empresa acredita que os meios libertos venham a aumentar, dado que em Janeiro a facturação foi superior em 14 por cento a igual período de 1987. Quanto ao capital social, a Crisal aumentou-o em 1987 de 675 mil contos para 1,5 milhões de contos.

Mercado adiado

ACÇÕES DE NOVO EM QUEDA

A manhã de hoje na Bolsa de Lisboa ficou marcada pelo retomar da tendência de queda no segmento oficial accionista, mercado que continua a caracterizar–se por uma grande falta de liquidez. Quando estavam negociadas 135 das 148 espécies admitidas à cotação, registavam–se 18 subidas, 24 descidas e 35 preços repetidos, enquanto as restantes 58 não tinham sido alvo de qualquer transacção. Menos de uma semana depois de ter sido invertida a tendência, volta a assistir–se a um maior número de descidas que de subidas.

O elevado número de espécies accionistas que não lograram efectuar qualquer transacção, é sinal da crise de liquidez que afecta o mercado, e que constitui o principal óbice à sua reanimação.

A falta de liquidez reflete–se também no volume atingido pelos negócios bolsistas, que ontem sofreu um forte recuo, anulando o também forte aumento que tinha sido registado na sessão de terça–feira. Os montantes movimentados na sessão de ontem aproximam–se assim dos valores do fim da semana passada, tanto na sua globalidade como na vertente accionista.

O cômputo global da actividade da bolsa lisboeta foi ontem inferior a 323 mil contos, tendo o mercado oficial de acções sido responsável por perto de 223 mil contos - aproximadamente 69% do movimento total. Recorde–se que na sessão de terça–feira os valores atingidos pelo total bolsista e pelo segmento accionista oficial tinham sido, respectivamente, 672,5 e 354,4 mil contos.

A decepção causada por este declínio de actividade tende a ser atribuída à expectativa em redor da legislação anunciada para Maio, que volta assim a ser apontada como «desculpa» para a relativa estagnação do mercado. A sua reanimação passa assim a ser tida como uma mera questão de tempo, e desse modo se entendem notícias (rumores será o termo mais adequado) que dão a entender que o interesse realmente suscitado pelo mercado é maior do que os números poderiam fazer pensar. É o caso, por exemplo, de eventuais tentativas de «aquisição» de empresas subavaliadas e com o capital relativamente disperso. É também o caso da constituição, por parte da britânica Shearson Lehman Hutton, de um fundo de investimento destinado a actuar no mercado nacional. Ou ainda do regresso de investidores estrangeiros ao nosso mercado, nos últimos dias. Tudo a fazer crer que o mercado vai bem; apenas continua adiado. Até quando?

Subidas

ALCO - 730$ (transaccionadas 50 unidades; cotação anterior: 700$); NOVOPAN - 4.120$ (580; 4.100$); PROADEC - 3.300$ (200; 3.280$); CIRES - 7.550$ (20; 7.500$); INDASA - 5.100$ (115; 5.000$); F. RAMADA - 2.000$ (220; 1.900$); C. P. COBRE - 14.950$ (705; 14.900$); NOVEMBAL - 3.800$ (145; 3.600$); LITHO FORMAS - 3.980$ (100; 3.900$); MAGUE - 3.800$ (540; 3.700$); MOTA E Cª - 7.500$ (50; 7.350$); TÂMEGA - 5.900$ (20; 5.800$); PENINA - 2.500$ (70; 2.400$); OREY ANTUNES - 1.890$ (200; 1.880$); MARCONI (nom.) - 12.300$ (105; 12.200$); B. C. P. (nom.) - 97.000$ (78; 96.200$); GARANTIA - 9.000$ (20; 8.500$); S. P. SEGUROS - 16.250$ (65; 16.100$).

Descidas

G. A. P. - 1.900$ (transaccionadas 1.230 unidades; cotação anterior: 2.000$); SICEL - 2.900$ (10; 3.000$); TRIUNFO - 1.350$ (115; 1.380$); MADEIRENSE TABACOS - 5.100$ (580; 5.200$); MABOR - 4.980$ (510; 5.000$); FISIPE - 6.900$ (310; 7.100$); SONAE - 12.800$ (410; 13.000$); POLIMAIA - 2.500$ (20; 2.560$); CRISAL - 4.000$ (1.031; 4.200$); TORRES NOVAS - 3.020$ (30; 3.100$); SOMEC - 2.900$ (90; 3.000$); ENGIL - 2.740$ (50; 2.900$); SOMAGUE - 6.200$ (300; 6.300$); PAPELARIA FERNANDES - 2.420$ (8; 2.560$); TUROPA - 1.500$ (10; 1.600$); MARCONI (port.) - 16.050$ (730; 16.400$); B. P. I. (port.) - 12.000$ (1.068; 12.500$); SOFINLOC - 14.950$ (95; 15.000$); CISF - 69.500$ (255; 71.500$); LUSOLEASING - 18.800$ (60; 18.850$); MANUFACTURERS HANOVER (port.) - 7.200$ (1.480; 7.250$); B. C. P. (port.) - 128.900$ (74; 129.000$); EUROLEASING - 11.700$ (45; 11.900$); LEASINVEST - 18.800$ (150; 19.000$).

Preços repetidos

FINAGRA - 2.300$ (transaccionadas 90 unidades); VIDAGO - 3.100$ (53); PROALIMENTAR - 3.100$ (260); MACEDO COELHO - 2.500$ (181); F. N. MARGARINAS - 5.500$ (300); SOJA - 7.100$ (194); SOPRAGOL - 3.900$ (70); PRAZOL - 3.940$ (140); AVEIRENSE MOAGENS - 2.500$ (30); ARBORFIL - 18.000$ (60); FITOR - 2.400$ (433); CAIMA - 27.300$ (539); ISAR RAKOLL - 4.600$ (120); CIPAN - 4.200$ (65); LUZOS - TELA - 2.800$ (100); EFACEC - 5.250$ (450); INAPA - 19.000$ (211); COPIDATA - 4.000$ (40); EMPOR - 2.440$ (20); INÔ - 3.200$ (110); D. PEDRO - 2.500$ (180); ORBITUR - 2.600$ (50); LISNAVE - 2.900$ (100); HOTELAGOS - 1.800$ (100); TRANSBEL - 1.720$ (50); CEL–CAT - 3.100$ (860); TERTIR - 2.800$ (1.330); IMOLEASING - 7.200$ (400); B. P. I. (nom.) - 10.950$ (1.844); HELLER - 9.600$ (40); ESPÍRITO SANTO - 8.950$ (1322); O TRABALHO - 18.600$ (70); COTAPO - 1.300$ (20); SONAGI - 3.000$ (80); GRÃO PARÁ - 3.000$ (118).

Não transaccionadas

CURIA, H. SERRANO, REFRIGE, COFACO, VASCO DA GAMA, RAÇÕES VALOURO, CARNES NOBRE, EMASA, PERSUÍNOS, SUMOLIS, GREGÓRIO, MOURA MATOS, BORDALIMA, ESTAMPARIA IMPÉRIO, LAMEIRINHO, FIACO, LUÍS CORREIA, SIAF, HIGIENE, CINCA, VISTA ALEGRE, CEREXPORT, FERREIRINHAS, VILA FRANCA, COPAM, PROEMBA, PORTO CAVALEIROS, AMIEIROS VERDES, FEPSA, VELDEC, SOPOL, ERG, A. GAUDÊNCIO, SOARES COSTA, SABEL, S. G. O., INFORGAL, J. S. CORREIA, MUNDINTER, SOMIL, A. C. SANTOS, TRANSMOTOR, JÚPITER, P. M. ALFA, CABELTE, SOLIDAL, S. CAETANO, S. T. E., ARISTON, CONTENTORES, TERNOR, TRANSINSULAR (port.), TRANSINSULAR (nom.), MANUFACTURERS HANOVER (nom.), B. C. I. (port.), B. C. I. (nom.), MUNDICENTER, FENALU.

Estamos inundados de calçado espanhol

Cada família portuguesa poderá ter adquirido no ano passado, em média, um par de sapatos espanhol, quando em 1986 as suas compras se ficaram possivelmente cerca de quatro vezes abaixo do valor agora registado.

Segundo os dados da Federação de Industriais de Calçado Espanhol, Portugal terá importado em 1987 2 547 834 pares de sapatos de fabrico espanhol contra a exportação de fabrico nacional de 447 730 pares quando, no ano anterior, a diferença comercial entre os dois países se apresentava muito mais comedida.

Em 1986, Portugal vendeu ao país vizinho cerca de 335 630 pares de sapatos e acabou por receber uma quantidade que, já nessa altura, se situava próxima da do dobro - perto de 688 600 pares. O «boom» do ano passado, com um salto de 270 por cento, em nada se compara, assim, com o mínimo acréscimo nacional que ficou na ordem um terço.

Esta informação foi prestada durante o curso do Terceiro Salão Nacional de Calçado que abriu durante três dias na capital espanhola e no qual participaram 21 empresas portuguesas

Contudo, os números agora divulgados apenas vêm confirmar as análises entretanto feitas sobre a capacidade de penetração no mercado espanhol. Iniciado depois da adesão às comunidades europeias, a presença portuguesa no ramo de calçado - apesar de ter aumentado significativamente - ainda não consolidou posições nem possui estruturas comerciais capazes de inverter a tendência que os valores apresentados demonstram. Com efeito, dos 21 participantes no certame 18 não têm qualquer agente distribuidor nem representantes em território espanhol, não se encontrando os produtores virados para um contacto individual - para o qual até aqui têm estado habituados -, o único possível quando não existem estruturas de distribuição, nem estratégia de exportação ou redes de promoção e comercialização. Um produtor representado no salão afirmou mesmo que que não lhe convinha o mercado espanhol por estar habituado a receber encomendas de um mínimo de dois mil pares de calçado.

Sintomático e, talvez preocupante, foi o fenómeno recentemente observado no mercado espanhol de um acréscimo espectacular de vendas de sapatos provenientes da China, Brasil, Formosa, Coreia do Sul, Hong Kong, Estados Unidos e Jugoslávia.

E, no sentido contrário, se Portugal ainda é o terceiro fornecedor de calçado para Espanha, depois da Itália e da França com respectivamente cinco e três vezes mais pares exportados, a sua presença em pouco se compara com a dos espanhóis em Portugal, assumindo-se o nosso país apenas como o seu oitavo importador de calçado.

EMPRESAS

SPS: Lucros de 308 mil em 1987

A Sociedade Portuguesa de Seguros, SA, (SPS) alcançou, em 1987, lucros no valor de 308 mil contos, mais 148 mil contos do que no ano anterior. O volume de negócios da SPS atingiu, em 1987, cerca de 3,2 milhões de contos, contra 2,45 em 1986, o que representa um acréscimo de 29,9 por cento. A Assembleia geral da SPS decidiu aumentar o capital social da empresa de 1,2 milhões de contos para 1,8 milhões, em 1988, por incorporação de reservas.

Comtramar compra Graneleiros no Extremo Oriente

A Comtramar adquiriu dois graneleiros «handy size» autodescarregadores no Extremo Oriente. Trata-se dos navios «Saga C» e «Maria C», devendo o primeiro chegar a Portugal em Maio. A Comtramar - Companhia de Transportes Marítimos SA, iniciou a actividade em 1985. Com cem mil contos de capital social exclusivamente nacional, a empresa tem todos os navios a operar no mercado internacional. A frota é constituida por sete navios com um porte bruto total de 136.000 toneladas, pelo que neste momento a Comtramar é o terceiro maior armador português e o principal armador privado. Além de três graneleiros «handy size» e três cargueiros «SD 14», de 14.900 toneladas, a Comtramar é proprietária do único paquete português, o «Ponta Delgada», actualmente em Moçambique.

Realti e Octo lançam Urbanização no Algarve

A Realti e a Octo, duas mediadoras imobiliárias portuguesas, vão promover, no mercado nacional e no estrangeiro, a Urbanização dos Salgados, situada junto à Praia da Galé, no Algarve, ao longo da orla marítima. A Urbanização dos Salgados, implantada num terreno com uma área de 1,5 milhões de metros quadrados, e com 1.500 metros de frente junto ao mar, tem praticamente concluídas as infraestruturas da primeira fase de construção. Nesta fase ficarão concluídos 400 apartamentos T0 e TD+1. No plano da nova urbanização algarvia está prevista a construção de dois hoteis, um campo de golf com 18 buracos e 13 courts de ténis. Antes do Verão estará concluído o loteamento de uma zona junto ao mar compreendendo 200 lotes para casas unifamiliares, com áreas compreendidas entre 1.500 e 2.500 metros cada.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51$50	57$50
ALEMANHA FED. (marco)	80$70	81$90
ÁUSTRIA (xelim)	11$45	11$75
BÉLGICA (franco)	3$660	3$910
BRASIL (cruzado)	$634	1$084
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	110$20	112$70
(notas de 5 a 1000)	110$70	113$20
DINAMARCA (coroa)	21$05	21$45
ESPANHA (peseta)	1$186	1$306
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	136$50	140$00
(notas de 5 a 1000)	137$00	140$50
FINLÂNDIA (marka)	33$75	34$35
FRANÇA (franco)	23$80	24$50
HOLANDA (florim)	71$90	73$00
IRLANDA (libra)	216$80	220$80
ITÁLIA (lira)	$099	$114
JAPÃO (iene)	1$041	1$096
NORUEGA (coroa)	21$75	22$25
REINO UNIDO (libra)	252$75	257$25
SUÉCIA (coroa)	22$95	23$45
SUÍÇA (franco)	97$45	98$95
VENEZUELA (bolívar)	3$961	4$961

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Angola rejeita solução idêntica à do Afeganistão

O MPLA-Partido do Trabalho e o governo angolano rejeitam uma solução semelhante à do Afeganistão, afirma hoje em editorial, a agência oficial ANGOP.

A agência considera que só por «engano, falta de vigilância ou má-fé» alguns analistas poderão «pretender transpor, a papel químico, a bem sucedida experiência afegã para a República Popular de Angola e a África Austral».

O editorial recorda que o presidente José Eduardo dos Santos disse, em 10 de Dezembro, que qualquer solução dos conflitos na África Austral exige a clara demarcação entre «o agressor e os seus instrumentos e os agredidos».

A ANGOP recorda igualmente que o plano de paz do governo angolano inclui a oferta de clemência aos «angolanos que se libertem da tutela da África do Sul».

Sem prejuízo de rejeitar uma solução idêntica à do Afeganistão, o editorial diz que «o MPLA-Partido do Trabalho e o governo da República Popular de Angola congratulam-se com a iminente e justa resolução de um conflito regional fomentado pelo imperialismo».

Tony Coelho aposta em Dukakis como candidato democrata

A nomeação de Michael Dukakis para presidente e de Sam Nunn para vice-presidente pode ser a proposta dos democratas norte-americanos para as eleições de Novembro nos Estados Unidos.

A previsão foi feita por Tony Coelho, líder da maioria democrata da Câmara dos Representantes, que pensa que Dukakis vencerá as primárias de Nova Iorque, na próxima semana.

Com essa vitória prevista, o governador do estado do Massachusetts teria o impulso necessário para vencer as restantes primárias e apresentar-se no Convenção de Atlanta, na Górgia, em meados de Junho, como o candidato à nomeação para presidente pelos democratas.

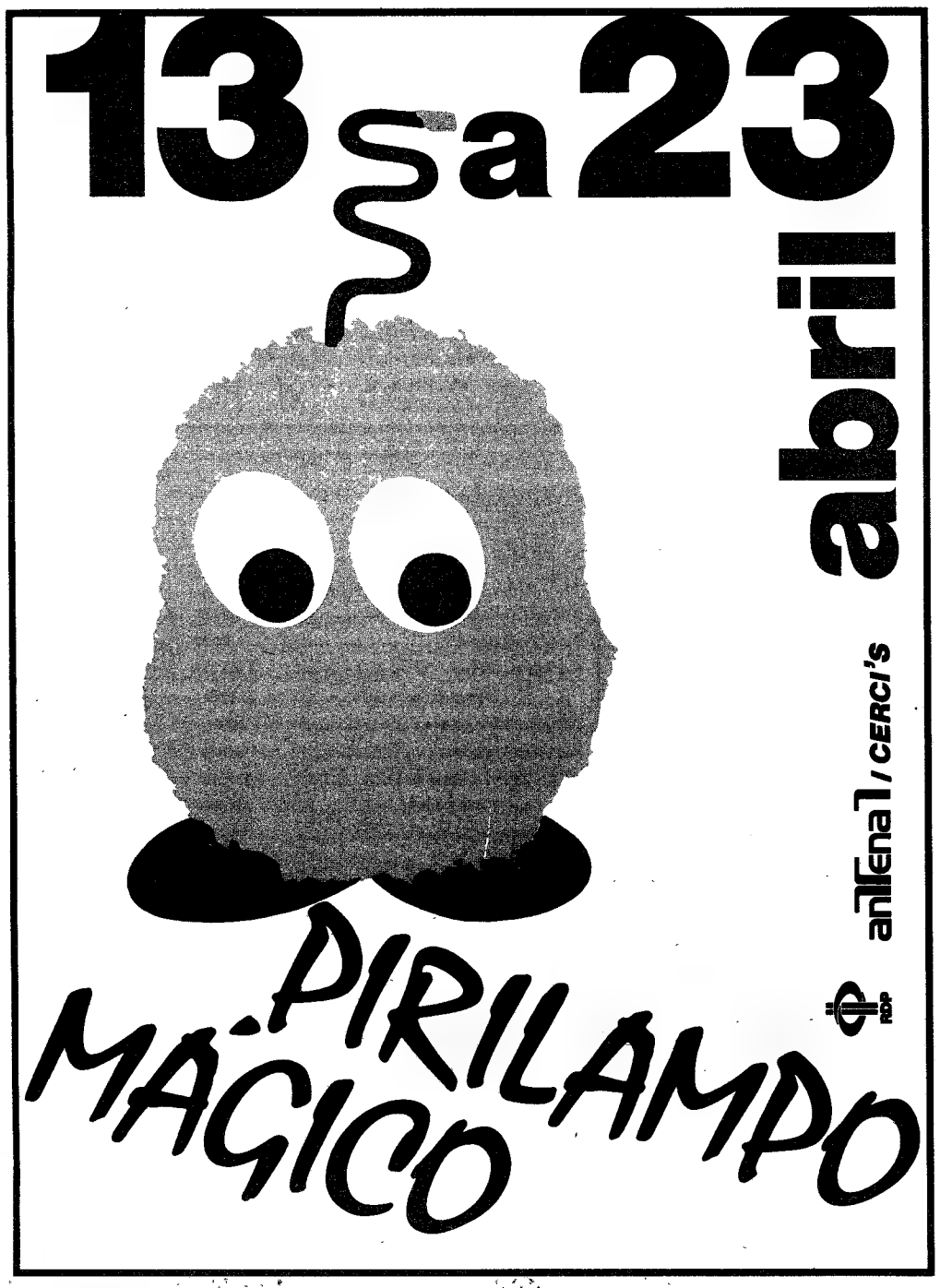
Para Tony Coelho, Jesse Jackson não tem hipóteses depois das derrotas nas primárias do Wisconsin. Quanto a Albert Gore, Tony Coelho pensa que ele desistirá depois de Nova Iorque ou se manterá na corrida, mas sem hipóteses de prejudicar a candidatura de Dukakis.

Fuzileiros dos EUA dispararam sobre intrusos na Cidade do Panamá

Fuzileiros norte-americanos trocaram disparos esporádicos durante duas horas, na noite de terça-feira, com 40 a 50 intrusos não identificados, em instalações de armazenamento de combustível no Panamá.

Cerca de 100 fuzileiros estiveram envolvidos no incidente só agora conhecido. Não se registaram baixas em nenhum dos lados.

O incidente teve lugar nos depósitos de combustíveis conhecidos por «Arraijan Tank Farm» e situados nas proximidades da base aérea norte-americana de Howard, nos arredores da Cidade do Panamá.



QUATRO NAÇÕES ASSINAM
ACORDO DE PAZ PARA O AF

Quatro nações assinam hoje em Genebra um acordo mediado pelas Nações Unidas para a retirada militar soviética do Afeganistão. Subscrevem o acordo, por um lado o Afeganistão e o Paquistão, e, por outro, os Estados Unidos e a União Soviética, que aceitaram o papel de «garantes» internacionais.

O acordo é o resultado de seis anos de vai-vem diplomático mantido pelo medianeiro da ONU, Diego Cordovez, entre o governo paquistanês que, em teoria, representa os guerrilheiros muçulmanos,, e o governo afegão, e entre os Estados Unidos e a União Soviética, e de 12 sessões de negociações indirectas em Genebra.

Iniciadas em 1982, as conversações mantiveram-se durante anos bloqueadas pela recusa soviética em retirar as suas tropas doAafeganistão num prazo considerado aceitável pelas partes envolvidas. No entanto, em Fevereiro deste ano, Mikhail Gorbachev anunciou que a URSS estava disposta a retirar os seus homens num prazo de dez meses a contar da assinatura do acordo em Genebra e avançou com uma data precisa para o início da retirada: 15 de Maio. O prazo seria depois reduzido a nove meses.

Participam na cerimónia de asinatura a decorrer hoje em Genebra os ministros dos Negócios Estrangeiros do Afeganistão, Abdul Wakil, do Paquistão, Zain Noorani, e da URSS, Eduard Shevardnadze, e o secretário de Estado norte-americano George Shultz. A cerimónia é presidida pelo secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar.

O acordo prevê a retirada dos cerca de 115.000 soldados soviéticos que se encontram no Afeganistão, garantias mútuas de não inferência pelo Paquistão e pelo Afeganistão, o regresso volantário e seguro de cerca de 5 milhes de refugiados afegãos, a maioria dos quais se encontra no Paquistão e no Irão, e ainda a constituição de um governo de coligação formado por comunistas e representantes dos rebeles. No entanto, os movimentos da guerrilha afegã têm rejeitado o acordo que hoje é asindo em Genebra, afirmandoque continuarão a guerra contra o governo de Cabul.

Pela primeira vez, em seis anos de negociações, as delegações paquistanesa e afegã estão hoje sentadas na mesma sala para a cerimónia de assinatura do acordo de paz. Islamabad não reconhece o governo pró-soviético de Cabul e, por isso, ao longo das conversações mediadas pelas Nações Unidas, os

Reféns entram no 10.º dia de cativeiro

Não há progressos nas negociações entre os piratas do ar e o governo de Argel

Os piratas do ar que mantêm um boeing 747 do Kuwait com 32 reféns a bordo no aeroporto de Argel concordaram em afastar o aparelho um quilómetro para permitir a chegada do presidente zambiano, Kenneth Kaunda, que hoje chega à Argélia em visita de Estado. Apesar do acordo acerca desta pequena manobra, não há indícios de progressos nas negociações para a libertação dos reféns, que entram hoje no décimo dia de cativeiro.

A última ronda de negociações directas entre os mediadores argelinios e os piratas do ar decorreu ontem à noite e não se sabe quando prosseguirão. Os contactos rádio entre a torre de controlo do aerporto de Argel e o avião, interrompidos durante a noite, recomeçaram às 6h30m de hoje com uma mensagem dos controlodores aéreos: «bom dia, avião dos mártires, esperamos que tenham dormido bem». Recorde-se qie antes de partir de Larnaca, Chipre, na terça-feira à noire, os sequestradores rebaptizaram o jumbo das linhas aéreas do Kuwait com o nome de «avião dos grandes mártires».

Os piratas do ar aparentemente em número de oito, desviaram o avião no dia 5 para exigir a libertação de 17 extremistas xiitas presos no Kuwait por acções terroristas em 1983, tendo até agora abatido a tiro dois reféns.

Foram liberatdos 57 passageiros não kuwaitis na primeira escala do avião em Mashad, no Irão, e outros 13 foram libertados no Chipre. Entre os 32 reféns a bordo estão três parantes da família real do kuwait.Um jornal kuwaiti, o «Al-Watan», afirma hoje sem citar fontes que os piratas do ar desistiram, de pedir a libertação dos 17 extremistas, mas pretendem um comunicado oficial do Kuwait garantindo que não tentará persegui-los após a resoluçaop da presente crise e querem a comutação das sentenças de morte a que foram condenados três presos.

Um dos reféns libvertados terça-feira à noite no Chipre disse,entretanto, que dois piratas do ar entraram a bordo do avião durante a sua permanência no aeroporto de Mashad, no Irão. Um jornal kuwaiti tinha ontem afirmado que o «cérebro» das acções terroristas nas Europa e no Líbano se encontrava a bordo do avião desvaudo, tendo embarcado no aeroporto iraniano.

Região das Cara
num depósito de

**As nações das Caraíbas, com sério
e ansiosas por atrair investidores,
vo das empresas norte-americanas
gar no Terceiro Mundo onde depos**

Num espaço de poucos meses, a Guiana recebeu duas propostas de empresários norte-americanos para reciclar resíduos líquidos provenientes dos Estados Unidos através de fábricas a construir naquele país.

Como subproduto, as frábricas gerariam electricidade, a qual seria vendida ao governo.

No Haiti, e até que o governo de Leslie Manigat interveio, toneladas de resíduos tóxicos transportadas em barcaças a partir dos Estados Unidos eram ali depositadas.

As ilhas Turcas e Caicos, um território britânico no norte das Caraíbas, estão a considerar um plano para utilização de resíduos dos Estados Unidos como fertilizantes.

A Jamaica chega a receber até quatro pedidos por semana de empresas norte-americanas que procuram encontrar um lugar onde deixar resíduos tóxicos, segundo declarou um funcionário do Departamento de Conservação de Recursos Naturais (NACD), da Jamaica.

Há alguns dias, grupos de defesa do meio ambiente e jornalistas seguiram o movimento de uma barcaça carregada com resíduos tóxicos provenientes de Filadélfia (Estados Unidos), que rumando inicialmente ao

M HOJE AFEGANISTÃO

representantes oficiais paquistaneses evitaram encontrar-se directamente com os representantes de Cabul. As posições de cada uma da sduas partes eram transmitidas à outra pelo medianeiro da ONU, Diego Cordovez.

Referindo-se ao acordo que hoje é assinado, Mikhail Gorbachev afirmou ontem, durante um jantar com empresários norte-americanos, que este poderá ter um efeito a nível mundial tão importante como o do tratado de eliminção dos mísseis nucleares de alcance ntermédio, assinado em Dezembro pelas duas superpotências. Um assessor do líder do Kremlin disse,entretanto, numa conferência de imprensa, que a União Soviética acompanhará atentamente a evolução do Afeganistão, após a retirada das suas tropas, mas não voltará a intervir militarmente.

Por seu lado, o secretário norte-americano da Defesa, Frank Carlucci, disse ontem que o actual governo afegão cairá depois da retirada das tropas sovietcias. «Não creio que um governo comunista fantoche psssa subsistir pelos seus próprios meios», afirmou.

EUA protestam contra suspensão de operações de auxílio na Etiópia

A decisão do governo etíope de suspender as operações de auxílio a mais de dois milhões de vítimas da fome, no norte do país, faz surgir o espectro de uma catástrofe humana, disse quarta-feira o Departamento de Estado norte-amerciano. Segundo o porta-voz Charles Redman, os Estados Unidos «deploram a decisão do governo de Adis Abeba que, perseguindo objectivos militares, prejudica ou sacrifica milhões de cidadãos».

Depois de exortar as forças governamentaos e rebeldes a respeitarem os trabalhadores que distribuem o auxílio às vitimas da fome na etiópia, Redman referiu que os EUA iam pedir à URSS que utilize a sua influência junto do governo etíope para que etre recoonsidere a medida.

Responsáveis etíopes reafirmaram, contudo, que as operações de distribuição de alimentos no norte da Etiópia só seriam retomadas depois de o governo derrotar as forças rebedes.

araíbas está a transformar-se o de resíduos tóxicos

Bert Wilkinsin - IPS

m sérios problemas de divisas tidores, converteram-se no alericanas que procuram um lude depositar os seus resíduos.

Haiti, acabou por ir para as Antilhas francesas.

Contudo, uma manifestação de alívio teve lugar quando o navio e a sua indesejável carga acabou por rumar para a África Ocidental, onde provavelmente se reproduzirá a situação das Caraíbas.

Um país do Este das Caraíbas recebeu uma oferta de 18 milhões de dólares por uma área de terreno superior a 40 000 hectares que seria destinada aos resíduos, segundo informações recentes da Imprensa, proposta que foi rejeitada.

Mike Connors, um homem de negócios norte-americano e a sua companhia, «Guiana Resources Corporation», assinaram um contrato com o governo da Guiana em Setembro de 1987 para depósitos naquele país de resíduos de óleo e solventes de pintura.

O governo recebeu a oferta de uma terça parte da propriedade da corporação, a qual possui um capital de participação de um milhão de dólares.

O presidente Hugh Desmond Hoyte insiste em que o projecto não será aprovado até que não sejam cuidadosamente analisados os problemas que o mesmo pode levantar em matéria de saúde e segurança.

Para os observadores em Georgetown, porém, o assunto está a ser analisado há tanto tempo que pode ser um sinal de que o governo está nitidamente sem interesse em disfrutar dos seus potenciais benefícios económicos.

Por outro lado, defensores do meio ambiente e políticos de oposição denunciaram o projecto, em virtude dos perigos potenciais que representa para o meio ambiente do país.

Um aumento acentuado da produção de perigosos resíduos nos Estados Unidos, de nove milhões de toneladas métricas em 1970 para cerca de 350 milhões de toneladas métricas na actualidade, criou uma escassez de onde depositar esses resíduos.

Noel Brown, director do programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), disse que as Caraíbas são «um enorme alvo», devido à proximidade com os Estados Unidos, o que torna mais barato o envio dos resíduos para essa região.

«Os transportadores independentes, uma vez fora das águas territoriais norte-americanas, dependem muito da sua própria iniciativa, e encontram governos que pelo menos estão preparados para falar com eles», disse o funcionário do PNUMA.

Os defensores do meio ambiente dizem que a matéria exportada como resíduos inclui resíduos de metal pesado e materiais contaminados com químicos.

O perigo principal dos resíduos é a contaminação dos cursos de água subterrâneos e das colheitas.

Naresh Singh, director executivo do Instituto de Saúde do Meio Ambiente das Caraíbas, uma instituição da comunidade caribenha sediada em Santa Lucia, diz que um dos problemas com que a região se enfrenta é a identificação dos tipos de resíduos.

«O que mais nos preocupa é talvez o facto de não sermos informados sobre a natureza dos resíduos e em consequência termos muito poucas bases sobre as quais formular uma decisão acerca dos seus perigos potenciais», explicou Singh em entrevista à IPS.

«Ainda que nos informassem... teríamos na mesma o problema da incapacidade de analisar e prever quais os efeitos que os resíduos teriam para o nosso meio ambiente», acrescentou Singh.

No caso da Guiana, as empresas norte-americanas interessadas na obtenção da autorização dizem que os resíduos que para ali levam não representam qualquer perigo, mas funcionários do governo dizem que a Guiana não tem capacidade para controlar adequadamente os níveis de toxicidade dos resíduos.

Os partidos da oposição, como a Aliança do Povo Trabalhador (WPA), defendem a rejeição de ambas as propostas, devido aos perigos que representam para o meio ambiente.

Corazón iniciou hoje uma visita à China deixando Filipinas em estado de alerta

A presidente filipina, Córazon Aquino, chegou hoje à China para uma visita oficial, deixando para trás uma nação em total alerta militar e novos receios de agitação política.

Antes de partir de Manila, Aquino rejeitou como «grande loucura» as sugestões da oposição para que cancelasse a visita à China devido aos problemas políticos nas Filipinas.

«A nossa visita à China mostrará ao nosso grande vizinho que conseguimos, pelo, menos, a estabelidade política interna e a paz necessárias para desempenhar o papel responsável e importante que é esperado de nós nos assuntos asiáticos», acrescentou a presidente.

Córazon Aquino passará três dias na China e um em Hong-Kong antes de regressar a Manila, no domingo.

É a sua primeira visita ao estrangeiro desde Novembro de 1986, data em que visitou o Japão, e a primeira visita de um presidente filipino à China desde a efectuada por Ferdinand Marcos em 1975.

Na véspera da partida da presidente, os responsáveis militares filipinos colocaram as forças armadas em total alerta nacional, para evitar tentativas de golpe de Estado durante a sua ausência.

Na quarta-feira, Aquino afirmou ao seu gabinete que foram tomadas medidas de segurança máxima para manter o país em segurança durante a sua estada na China. O secretário da Defesa, Fidel Ramos, disse, por seu lado, que as forças armadas esmagariam qualquer tentativa de golpe.

Os receios de um golpe de Estado aumentaram nos últimos dias nas Filipinas, na sequência da fuga da prisão do tenente-coronel Gregorio Honasan («Gringo»), líder de uma sangrenta tentativa de golpe, em Agosto passado.

Após a sua chegada a Xiamen, na província costeira de Fujian, a presidente, acompanhada por três das quatro filhas, deverá seguir para a aldeia vizinha de Hongjian, de onde sairam os seus antepassados há mais de 120 anos e onde tenciona encontrar-se com 40 familiares afastados.

C O M U N I C A D O

O Conselho Nacional Executivo da Ordem dos Médicos, face ao processo da greve que está a decorrer, torna público que:

1 — Se congratula que a classe médica tenha sabido unir-se como um todo e num gesto nacional de repúdio uníssono à ausência de uma verdadeira política de saúde.

2 — Congratula-se, e não esquecerá, a acção desenvolvida pelos sindicatos médicos ao promoverem uma greve de tal magnitude, sem quebra dos princípios éticos que devem reger o atendimento aos doentes e sem que se tenha registado qualquer falha neste campo.

3 — Considera incorrectas as afirmações proferidas pelos representantes do Ministério da Saúde, de que:

a) «Tem sido mantido o diálogo com a Ordem dos Médicos no que respeita às carreiras médicas.»
De facto, já em comunicado anterior foi demonstrado que embora parecesse existir tal declaração de intenções, ela não correspondia à prática pois se verificou objectivamente a publicação de legislação sobre a matéria à margem de qualquer negociação ou até mera consulta.

b) «A greve tinha natureza política.»
Tal opinião é insustentável face aos resultados negligíveis de greves anteriores convocadas por organizações médicas que a opinião geral conota partidariamente, em termos políticos.
O que aconteceu torna evidente que os membros desta Ordem colocam em primeiro lugar a sua condição de médico do que as suas ligações político-partidárias, seja qual for o seu cariz.

c) Falou-se em salários médicos muito elevados, até de várias centenas de contos. Mas a infeliz verdade é que a questão não é dos vencimentos que alguns médicos ganham mas sim das condições que estão na base dos «trabalhos forçados» que conduzem à necessidade real de horas extraordinárias pois esses serviços são efectivamente necessários e são prestados. E isto tudo é resultante de uma administração mal conduzida da responsabilidade do Ministério da Saúde.
Aliás, não é apenas por motivos financeiros que os médicos se dispõem a fazer greve. Há outros problemas profissionais em que sobressaem as más condições de assistência aos doentes e que prioritariamente preocupam os médicos.

4 — Afirma o Conselho Nacional Executivo que o processo presente continuará até que o Ministério possa dar provas da sua boa-fé e capacidade de diálogo construtivo e cesse as agressões insistentes à classe médica que redundam, conforme já publicamente se exprimiu, em grande prejuízo para os doentes. É esta a razão pela qual no primeiro comunicado, publicado em 21 de Março, o Conselho Nacional Executivo da Ordem dos Médicos declarou que a greve se justificava amplamente.

O CONSELHO NACIONAL EXECUTIVO
DA ORDEM DOS MÉDICOS

ELEIÇÕES NA COLÔMBIA: A MÁSCARA E O ROSTO

Álvaro Balseiro Amaro

Falar da Colômbia leva geralmente a discorrer a partir de duas palavras-chave: narco-tráfico e M-19. Esta insuficiência, resulta de um desconhecimento generalizado, por parte da opinião pública internacional, do que é a vida e a situação política colombiana. Convidado pela União Patriótica e pela Juco (Juventude Comunista Colombiana), na qualidade de observador internacional do acto eleitoral de 13 de Março, tive «o privilégio» de tomar contacto com a complexa situação deste país sul-americano e viver uma das experiências mais marcantes da minha existência.

Por detrás de uma capa de democracia institucionalizada, o povo colombiano vive momentos difíceis, enquanto não se concretizam as efectivas reformas de abertura democrática, que permitam, para já, os direitos mais elementares do ser humano: o direito à vida e à paz. Passados dois anos de acordo de tréguas com os grupos guerrilheiros, os núcleos governantes não se têm afirmado na verdadeira implementação dessas reformas democráticas, deixando impune um fenómeno desestabilizador da sociedade colombiana: a «guerra suja» contra os sectores de esquerda e partidários da democracia. Essa «guerra suja» consiste em atentados, sequestros, assassinatos, desaparecimentos, tortura, ... efectuados por sectores militaristas e direitistas (grupos-paramilitares) que têm em prática uma ofensiva de aniquilamento dos membros da UP (Partido Comunista Colombiano, Juco, Frente Popular, Farc, Nova Força Liberal), força que está a sofrer a mais cruel campanha de extermínio desenvolvida contra um grupo / partido político na Colômbia.

Oficialmente, não existe uma guerra interna declarada no território colombiano, todavia o massacre militarista que tem especial intensificação em épocas de lutas (reivindicativas) e eleitoral, merece sem dúvida a designação de «guerra suja», uma vez que põe em causa o direito à diferença, a coexistência pacífica e impede o verdadeiro pluralismo ideológico. Todos os partidos políticos têm pedido ao governo plenas garantias para a oposição revolucionária, o desmantelamento dos grupos paramilitares, uma «limpeza» de elementos fascistas das Forças Armadas e a investigação dos atentados e perseguições.

Entretanto, até hoje, o governo não teve uma atitude enérgica face aos sectores militaristas antidemocráticos e as autoridades investigadoras não apresentaram um só culpado, apesar do fornecimento por parte da UP, de provas concretas da implicação de militares nas centenas de assassinatos, sequestros, desaparecimentos de parlamentares, activistas, sindicalistas, camponeses, alcaides, estudantes, ex-guerrilheiros. Jaime Pardo Leal, figura de prestígio e presidente da UP, ao apresentar o «dossier» com a denúncia e respectivas provas, apontou o envolvimento da cúpula das Forças Armadas, sectores do capital, latifundiários, ganadeiros e alguns narco-traficantes em conivência com a missão militar norte-americana. Este acto corajoso valeu-lhe o seu assassinato em 11 de Outubro de 1987, por um grupo de «Sicarios». O procurador de Justiça Militar recusa as acusações, absolve os acusados e vai ao ponto de notificar o acusador (Jaime Pardo Leal). Entretanto, num acto de coragem, o procurador-geral da nação (civil), concorda com a UP, refere a falta de imparcialidade do procurador militar e determina que avancem as investigações. Esta atitude é bastante significativa e corajosa, numa nação onde os «civis são controlados pelos militares».

Foi neste contesto, temperado por um clima de medo e tensão à mistura com a alegria natural de poder eleger, pela 1.ª vez alcaides, que decorreram as eleições de 13 de Março, cujos resultados foram indiscutivelmente condicionados pelos acontecimentos violentos que as precederam e por outros motivos que oportunamente irei referir.

Em Bogotá, a experiência que vivi, para além do choque provocado pelas excepcionais medidas de segurança que rodeavam a minha presença, os activistas e dirigentes da UP (segurança do DAS, coletes à prova de bala...) da segurança oficial às sedes do PCC, da UP e da Juco (esta última em obras devido a parcial destruição provocada por atentado bombista), ficou marcada por uma ameaça hostil via telefone.

A cidade, embevecida a olhar Monsarrate, merecia ser livre, merecia um sorriso de Paz e de franca Liberdade, que respeitasse a vida. Mas toda a Colômbia ainda não tinha recuperado das trágicas notícias mais recentes:

4 Março — genocídio de 20 bananeiros em Urabá;

5 Março — 8 cadáveres abandonados em Chigorodó pelo Batalhão Voltigero;

6 Março — Elsy Rojas conselheira em Arauca — assassinada.

Enfim, assim se construía o clima das eleições.

A violência dos grupos paramilitares nos centros urbanos é um acontecimento que tem vindo a manifestar-se mais recentemente e em ritmo crescente. No entanto, as suas zonas de actuação privilegiadas são as da província, onde a UP e os sectores de esquerda possuem grande influência. Deste modo, era importante conhecer uma zona de perigo. Arauca, uma região muito rica (petróleo explorado pelos americanos) onde as populações vivem sem condições mínimas e os camponeses miseravelmente. Separada pelo rio, que lhe dá o nome, do território venezuelano, é uma região, que apesar do petróleo, continua a ser «campesina». Aí vivi três inéditas experiências: as eleições, a visita aos «cemitérios humanos» e a detenção (acusado de terrorista).

Eleições

O sistema eleitoral colombiano impressiona qualquer europeu pelo seu primitivismo, falta de garantias e de secretismo. Depois de um período pré-eleitoral de terror (assassinatos, atentados a candidatos da UP, desaparecidos, ...), em que militares fizeram campanha, a rádio apelava para que não se votasse na UP porque eram terroristas e narco-traficantes, os grupos paramilitares escreviam nas paredes que «Votar na UP é ser um homem morto», enfim, metade da campanha antidemocrática estava feita. Chegado o dia das eleições, o povo saiu à rua e gritava, apitava, aclamava os seus candidatos, manifestando assim a alegria de após muitos anos (mais de 35 de estado de sítio) poder eleger pela primeira vez alcaides. O que para nós tem de estranho, também tem de legítimo, e, assim, no próprio dia do acto, faz-se campanha, distribuem-se camisolas e as listas em que se vai votar.

No meio desta azáfama vê-se de tudo:

— votos «comprados» com dinheiro, contratos de trabalho, autorizações/licenças para construção (falsas);

— casos de latifundiários que transportam os seus trabalhadores, vestidos com as cores e camisolas do seu candidato e respectiva lista (boletim de voto);

— eleitores que, ao serem abordados por activistas da UP, não recebem as listas, respondendo: «Não obrigado, tenho mulher e filhos e... prefiro viver!»

E assim se faz a «festa».

Visita aos «Cemitérios humanos»

Nos campos de Claniretero, Pique y Tierra e Cañon Jesus, a escassos quilómetros de Arauca, o ar quente sufoca e a paisagem alterna:

pântano (zona ribeirinha do rio Arauca), zonas desérticas de uma secura agreste e algumas mais verdes que comparadas com a anterior constituem autênticos oásis.

Numa cadência morna, imposta pela estrada desbravada a custo, avançamos pelo interior. De tempos a tempos cabanas de camponeses que fazem um adeus envergonhado e temeroso. São alguns deles que nos vão levar ao encontro de dois cadáveres semi-sepultados. Uma camisola ensanguentada, o contorno de um corpo que estivera no leito seco de um riacho, mancha de sangue, mais além, pedaços de couro cabeludo... que revelação! Desta vez conseguiu-se levar o procurador de Arauca, que, em 5 anos de cargo, nunca se tinha levantado da secretária, apesar de conhecedor dos casos de desaparecimento, assassinato, e de confrontado com queixas, denúncias e testemunhos dos camponeses. Eu, o «delegado internacional», e a delegada presidencial para as eleições em Arauca, demorámos hora e meia para conseguirmos arrastar connosco o procurador nessa reveladora incursão ao «interior».

A passividade das autoridades é chocante; a títulos de curiosidade refira-se declarações desse procurador: «Assassinatos? ... Ah! sim! estou à espera das testemunhas ... elas que venham ao meu gabinete, depois logo inicio as investigações. Atentados? hum,... só faço investigações quando há mortos!»

Detido como «terrorista»

As revelações do dia anterior levaram-me a opinar e fazer declarações a órgãos de informação que se deslocaram a Arauca. Certamente que isto não agradou a alguns sectores, o que terá estado na base de uma provocação felizmente abortada.

São comuns as acções conjuntas da Polícia colombiana e venezuelana no pretenso combate ao terrorismo e ao narco-tráfico, assim como comum é o envolvimento de militares dos dois países nos grupos paramilitares que actuam nesta zona fronteiriça.

Quando me encontrava legalmente em Amparo (Venezuela), a 40 metros de Arauca (Colômbia), acompanhado pela «delegada presidencial» e por activistas da UP, fomos detidos com enorme aparato militar e depois de mais de 10 minutos prostrados contra a parede sem poder dizer algo, fomos levados para o comando venezuelano. Valeu-nos o facto de a cena ter sido presenciada por arauquianos, que de imediato avisaram o delegado governamental em Arauca, os eleitos da UP e o cônsul da Colômbia. Depois de identificados, fomos informados que estávamos detidos como terroristas, devido a uma **denúncia de autoridades militares colombianas.** Pouco tempo depois, eu e a delegada presidencial tínhamos autorização para partir, mas os venezuelanos insistiam em reter os companheiros da UP para investigações, visto que eram muito suspeitos. A nossa solidariedade, a intervenção do cônsul e de testemunhas de Arauca que reconheciam os companheiros da UP como «pessoas de bem», foram contributos indispensáveis para o fim deste pesadelo, que merece o seguinte aditamento.

Para os militares, quem é da UP é terrorista e narco-traficante; por outro lado, era conhecido que os companheiros detidos estão na lista negra do Grupo Armado Cívico Arauquiano (grupo paramilitar de ultradireita). Acrescente-se ainda que o percurso normal que se segue a detenções arbitrárias deste tipo é: detenção; tortura; desaparecimento e ... cadáveres abandonados em Pique y Tierra, Cañon Jesus e tantos outros «cemitérios humanos» que existem na Colômbia.

Não foi um pesadelo (?), foi uma experiência vivida, oito dias no «outro lado do mundo», que deixa qualquer um marcado por diversos sentimentos, dos quais um merece ser pronunciado: SOLIDARIEDADE.

A guerra-suja instalou-se no quotidiano dos colombianos, mas a vontade de pugnar por uma efectiva abertura democrática é mais forte. Assim, corajosamente, as forças de esquerda expõem-se com determinação, frontalidade e dignidade, nessa luta.

A luta do povo colombiano tem etapas análogas às de outros povos da América Latina, mas tem actualmente uma particularidade: evocar os direitos humanos e lutar pelos seus princípios mais elementares: **O DIREITO À VIDA E À PAZ.**

***Deputado (GP do PCP)**

Caso William: Nacional está tranquilo

O presidente do Nacional da Madeira, Nélio Mendonça, disse que a inscrição do futebolista brasileiro William foi feita «dentro dos trâmites legais», tendo acrescentado que o Nacional encara com «tranquilidade» toda a polémica surgida em torno da inscrição daquele futebolista, nomeadamente o processo de aquisição da dupla nacionalidade.

Nélio Mendonça referiu ainda que, até ao momento, o clube madeirense apenas tomou conhecimento da situação «através da Comunicação Social» não tendo sido enviada ao Nacional qualquer notificação oficial, nomeadamente da Federação Portuguesa de Futebol, ou solicitados eventuais esclarecimentos.

O dirigente alvi-negro disse que «há algum tempo» havia constado que a inscrição «de um nosso futebolista então não identificado» poderia ser impugnada, o que levou o clube, por mera prevenção, a rever todos os processos entregues na Federação, «os quais, como de resto teria de acontecer, estavam perfeitamente legalizados», acrescentou.

Relativamente ao defesa-médio brasileiro, William, o presidente do clube, citando notícias veiculadas por meios de Comunicação Social, recordou que o Louletano, actual terceiro classificado do campeonato, «parece alegar que o Nacional actuou com três estrangeiros quando na realidade apenas dois se encontram nessa situação, o canadiano Gleen MacNamara e o britânico Phil Murphy».

«O jogador William é um futebolista brasileiro com dupla nacionalidade e, como temos todos os documentos que o comprovam, encaramos com absoluta tranquilidade todo este processo», disse o dirigente madeirense.

Lunde mantém-se em "coma artificial"

O futebolista dinamarquês Lars Lunde, vítima terça-feira à noite de grave acidente de viação, está livre de perigo — disse o técnico do seu clube, o Aarau, da Suíça.

Lunde, 24 anos, sofreu ferimentos quando o seu automóvel foi colhido por um comboio numa passagem de nível, ao regressar a Aarau depois do encontro em que a sua equipa venceu por 2-1 o Young Boys em Berna.

Otmar Hitzfeld, treinador da equipa, actualmente no segundo lugar do campeonato helvético, disse que os médicos do hospital local, onde o jogador foi internado na unidade de cuidados intensivos, indicaram que Lunde sofreu um ferimento «relativamente pouco perigoso» na cabeça.

O futebolista será mantido em coma artificial durante três dias para acelerar a sua recuperação, acrescentou Hitzfeld.

Itália: "calcio" avança

A greve anunciada pelos futebolistas profissionais italianos, que impediria a realização dos jogos do fim-de-semana dos campeonatos da 1.ª e 2.ª divisões, foi cancelada após uma reunião com o presidente da Federação.

António Martarrese, presidente da Federação Italiana de Futebol, e o líder da Associação de Futebolistas, Sérgio Campana, estiveram reunidos em privado durante mais de uma hora nos arredores de Verona e mais tarde anunciaram a anulação da greve.

Cruyff faz ultimato ao "Barça"

Johan Cruyff advertiu o Barcelona de que deverá fazer-lhe uma «oferta firme» para treinar a equipa na próxima temporada, pois, caso contrário, porá termo às negociações com o clube catalão.

A minha paciência está a chegar ao fim. Não estou disposto a esperar mais. Ou o Barcelona põe o contrato ma mesa ou então está tudo acabado» — disse Cruyff, que no início da semana recebeu uma oferta milionária para orientar o FC Utrecht, da Holanda.

Benfica: "amadoras" em reflexão

Os elevados gastos das actividades amadoras do Benfica terão de ter uma gestão adequada, disse João Santos, sublinhando que o clube da Luz «quer viver num clima financeiro estável».

O presidente do Benfica, que falava durante uma conferência de imprensa no termo da visita do director-geral dos Desportos ao complexo do Estádio da Luz, acrescentou que a maioria das actividades amadoras do clube não têm rendimento próprio e vivem das quotizaçÕes dos sócios e das receitas do futebol.

«Há que definir o que deve ser a nossa actividade amadora e profissional, pois é assunto que merece ser reflectido e que deverá ter nova orientação», disse João Santos, para o qual qualquer solução passará pela aprovação dos sócios em assembleia geral.

João Santos referiu, ainda, a necessidade da construção de 14 novos ginásios e salientou que o anteprojecto para uma nova piscina está em estudo porque a actual terá de ser demolida para ser construída uma estação do metropolitano. **«Esperamos que a Câmara Municipal de Lisboa nos ceda o terreno para a construção da nova piscina»** sublinhou.

Sobre o Lar do Jogador para futebolistas jovens do clube, que será inaugurado no fim do corrente mês, João Santos referiu que há que rever os problemas de base cultural dos mais novos, o que levará a que os atletas tenham de aprender correctamente o português e uma língua estrangeira.

Por seu lado, Mirandela da Costa, disse que a Direcção-Geral dos Desportos vai apoiar tecnicamente o Sport Lisboa e Benfica tal como já o fez em relação a outros clubes.

FC Porto, 4 - "O Elvas", 0

BOM ENSAIO PARA O "TIRA-TEIMAS"

O FC Porto, com o brasileiro Raudnei a titular e com Jaime Magalhães a bisar, goleou, nas Antas, o Elvas por 4-0 em jogo antecipado da 30.ª jornada do campeonato.

O FC Porto começou por encontrar muitas dificuldades de penetração na área contrária, não só devido ao esquema altamente defensivo dos alentejanos, como também ao terreno que se encontrava bastante escorregadio.

Particularmente nos primeiros 15 minutos, os passes transviados foram uma constante no jogo dos portistas, inviabilizando a concretização das jogadas de perigo junto à baliza do guarda-redes Hugo.

Com excepção dos últimos 10 minutos, nos quais Jaime Magalhães (40) e Rui Barros (42) acertaram com o fundo das redes, o encontro foi monótono dada a escassez de oportunidades de golo para ambos os lados.

A resistência dos alentejanos terminou, aos 40 minutos, com um golo de **Jaime Magalhães,** que desviou de cabeça um cruzamento de João Pinto, com a bola a passar por cima do guarda-redes elvense, que se encontrava ligeiramente adiantado e, volvidos dois minutos, **Rui Barros** marcou o segundo golo, com um forte remate ao ângulo superior esquerdo da baliza de Hugo, sem hipóteses de defesa.

A segunda parte começou praticamente com o 3.º golo do FC Porto, obtido aos 49 minutos por intermédio de **Jaime Magalhães,** que aproveitou um bom passe de Rui Barros e a saída em falso do guardião Hugo, para atirar para a baliza deserta.

Com a vitória assegurada, o FC Porto passou a jogar com tranquilidade e a atenção do jogo centrou-se no jovem **Domingos,** que substituiu Raudnei e que confirmou as suas faculdades técnicas, rubricando uma boa exibição e apontando o quarto golo dos «dragões» a cinco minutos do fim, num remate à boca da baliza, após um passe oportuno de Rui Barros para o interior da pequena área.

Sem jogar bem, o FC Porto teve bons momentos de futebol, enquanto o Elvas foi sempre uma equipa inofensiva, tendo o jogo permitido aos «azuis e brancos» testar o seu futebol de ataque com vista ao encontro particular com o Peñarol (Uruguai), marcado para domingo em Newark (EUA).

Estádio das Antas.

Árbitro: Raul Ribeiro (Aveiro).

FC PORTO: Mlynarczyk; João Pinto, Eduardo Luís, Celso e Inácio: Jaime Magalhães, Rui Barros, Quim e Sousa; Gomes (Frasco 70) e Raudnei (Domingos 64).

ELVAS: Hugo; Castro, Soeiro, Buto e Simões; Mário Gomes, Horácio, Adérito e Edmilson (Alberto 54); Beto e Basaúla (Mofombo 36).

Golos: Jaime Magalhães (40 e 49 m), Rui Barros (42) e Domingos (85).

Acção disciplinar: Nada a assinalar.

Fotos de Bruno Neves Júnior

Rui Barros: mais uma ida ao «tapete»

Olímpicos perdem na RDA

A selecção olímpica portuguesa perdeu ontem, em Berlim, frente à sua congénere da RDA por 3-0 em encontro de qualificação para os Jogos de Seul mas que, para a nossa representação, se destinava somente a cumprir calendário já que estávamos arredados de assegurar o lugar cimeiro.

Integrado no mesmo grupo a Itália venceu, em Pádua, a Holanda por igual marca (3-0) pelo que tem praticamente assegurada a sua presença em Seul.

A turma portuguesa alinhou com: Alfredo; Crisanto, Miguel, Valério e Dimas; Hernâni (Aparício aos 68 m), Quinito, Teixeira e Skoda; Chico Faria e Maside (Vermelhinho aos (46 m).

Vejamos a classificação e os jogos que restam:

	JVED	G	P
Itália	7 4 3 0	8-1	11
RDA	7 3 3 1	9-5	9
PORTUGAL	7 1 4 2	3-6	6
Islândia	4 1 1 2	5-6	3
Holanda	7 0 3 4	5-12	3

Próximos jogos: 27 Abril: Holanda-Islândia; 30 Maio: RDA-Islândia; 24 Maio: Islândia-PORTUGAL e 29 Maio: Islândia-Itália.

Raudnei mostra talento para ficar

França «ajuda» Portugal no europeu de juniores

A França venceu, em Mulhouse, a RFA por tangencial 2-1 em encontro do grupo 1 da fase preliminar do europeu de juniores em futebol, deixando assim Portugal com todas as hipóteses de qualificação para a fase final da prova.

Se conseguir vencer (fora) a Suíça no dia 4 de Maio, a turma portuguesa fica apurada para a fase final da competição.

Após o jogo, a clssificação grupo 1 ficou assim ordenada:

	JVED	G	P
PORTUGAL	5 2 3 0	6-3	7
RFA	5 2 2 1	8-5	6
França	6 2 2 2	8-5	6
Suíça	4 – 1 3	1-8	1

Próximos jogos: Suíça-Portugal (4 Maio) e RFA-Suíça (11 Maio).

Outros jogos

• Para o europeu de «Esperanças», a França venceu a Inglaterra por 4-2 e a Grécia goleou a Holanda por 5-0 nos encontros da primeira «mão» das meias-finais.

• A contar para o torneio de qualificação para Seul, a turma olímpica da Grécia venceu (em Bucareste) a Roménia por 1-0 e após este encontro a RFA continua a liderar com 9 pontos seguindo-se a Dinamarca e a Polónia com 7, Grécia (4) e Roménia (3). Faltam realizar os seguintes confrontos: Dinamarca - Grécia, Polónia - RFA, Dinamarca - Polónia, Grécia - Roménia e RFA - Roménia.

• Para a Taça da RFA, o Eintracht venceu, ontem, o Werder Bremen por 1-0, enquanto o Bochum derrotou o Hamburgo por 2-0, pelo que, Eintracht e Bochum serão os finalistas da competição.

• O Ajax de Amesterdão foi afastado da Taça da Holanda ao perder por 2-1 com o RKC da 2.ª divisão.

Arbitragem em debate

Na sequência das louváveis iniciativas levadas a efeito pelo Conselho de Arbitragem da Associação de Futebol de Lisboa, vai realizar-se amanhã a partir das 21 horas nas instalações da AFL (Rua dos Fanqueiros, 150) um colóquio/debate que visará o tema **«Relações do árbitro com os outros intervenientes do futebol»** para o qual foram convidados o antigo árbitro Raul Martins (patrono do curso que oficialmente abre com aquela sessão), Nené (antigo futebolista e actual treinador), Sepa Santos (actual juiz do quadro principal) e o nosso companheiroo da Rádio Renascença e da RTP, Ribeiro Crsitóvão.

À semelhança de sessões anteriores, é de prever grande particioação de árbitros e bom será que os dirigentes do Conselho de Arbitragem saibam moderar o debate evitando os desvios do tema proposto, como tem sucedido noutras oportuniddes e que desvirtuam os preceitos anunciados.

APA reuniu com ministro

A direcção da Associação Portuguesa de Árbitros (APA) foi ontem recebida pelo ministro da Educação, ao qual expôs algumas preocupações do sector, nomeadamente no que se prende com a violência que vai alastrando nos recintos desportivos com maior incidência nos campos de futebol e ainda na «teimosia» de diversos organismos não reconhecerem aquela associação como órgão representativo de uma classe de agentes desportivos como são os árbitros.

Roberto Carneiro terá mostrado a maior receptividade às questões expostas pela APA e os dirigentes daquele sector convidaram-no a estar presente no «Congresso de Arbitragem» que terá lugar nos dias 9, 10 e 11 de Junho, em Lisboa.

Na reunião, esteve presente o professor João Boaventura em representação da Direcção-Geral dos Desportos.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

2.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário da 1.ªInstância de Lisboa, no dia 21 de Abril de 1988, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: ALBERTO DE CARVALHO, com sede na Rua Avenida Infante Santo, 368-4.º Esq. em Lisboa, no processo executivo n.º 1811/85, por dívida à Caixa Geral de Depósitos.

BENS PENHORADOS

Verba única — Fracção autónoma designada pela letra D-R/chão-loja, composta de divisão ampla, toda a cave ligada a esta interiormente c/sanitários e faz parte do prédio sito na Rua Bernardim Ribeiro, 79 e Rua Luciano Cordeiro, 58-58-B, 58-C e 58-D, freguesia do Coração de Jesus, inscrito na matriz predial urbana sob o art.º 723-D. Vai à praça pelo valor base de licitação de 4 048 630$00 (quatro milhões e quarenta e oito mil seiscentos e trinta escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada, bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 11 de Abril de 1988.

O Juiz de Direito
João Cordeiro Dias

O Liq. Trib.
F. Lopes

«DL» 14/4/1988

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

3.º JUÍZO

A N Ú N C I O

Pelo Tribunal de Família — 3.º Juízo — 2.ª Secção, da Comarca de Lisboa, no processo de Divórcio n.º 6468, em que é Autora — MARIA CRISTINA TEIXEIRA SAÚDE PALHINHAS SILVA COELHO, residente na Rua José Mergulhão, lote B, 6.º-G, Reboleira Sul, Amadora e Réu — CARLOS ALBERTO DA SILVA COELHO, com a última residência conhecida no lote 13, r/c-C, Reboleira Sul, Amadora, ora em parte incerta, correm éditos de TRINTA DIAS, contados da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando o referido réu para, no prazo de vinte dias, decorrido o dos éditos, contestar, querendo, o pedido de divórcio que lhe move a sua mencionada mulher, assim como pedido de assistência judiciária, pelos motivos constantes da petição inicial e cujo duplicado se encontra à sua disposição neste Juízo e Secção.

A Autora baseia o seu pedido de divórcio com fundamento nos art.os 1672.º e 1779.º n.º 1 do Código Civil.

Lisboa, 23 de Março de 1988

O JUIZ DE DIREITO,
Ass. ilegível

O ESCRIVÃO ADJUNTO,
Lourdes Direitinho

«DL» 14/4/88 — 2.ª pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução de Sentença n.º 9452-C, 3.ª Secção. Exequente João Norberto da Palma Carlos. Executados Joaquim Cádima Ferreira e mulher Hirondia Monteiro Moreira, residentes na Av.ª Fontes Pereira de Melo, n.º 3 — 1.º Esq. Lisboa.

Lisboa, 8 de Abril de 1988.

O Juiz de Direito,
(assi. ilegível)

O Escrivão Adjunto,
(assi. ilegível)

«DL» 14/4/88 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que na 2.ª Secção do 3.º Juízo do Tribunal Judicial de Sintra, nos Autos de Acção de Divórcio Litigioso, registado sob o n.º 192/86, que a Autora Maria do Rosário Marracho Pinto Silva move contra o Réu — JOÃO LAURENTINO DA SILVA, com última resiodência conhecida na Av.ª Cândido dos Reis, Viv.ª «Maria Amélia», n.º 14 em Belas, correm éditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando o referido réu para, no prazo de 20 dias, findo o dos éditos, contestar, querendo, a referida acção e deduzir oposição ao pedido de assistência judiciária, com a advertência de que a falta de contestação não importa a confissão dos factos articulados pela Autora.

Sintra, 11 de Março de 1988

O Juiz de Direito,
Olindo dos Santos Geraldes

O Escrivão Adjunto,
António José Santos

«DL» 14/4/88 — 1.ª Pub.

Informação

OPERÁRIOS SERRALHEIROS CIVIS

Os Caminhos de Ferro Portugueses, EP, pretendem admitir Serralheiros Civis para as áreas do Barreiro e Beja.

Exige-se:

— Idade: 21 anos, no mínimo
— Habilitações: 4.º ano de escolaridade no mínimo, dando-se preferência aos possuidores de curso industrial ou cursos de formação profissional da especialidade
— Situação militar regularizada
— Disponibilidade para deslocações

Oferece-se:

— Regalias de transporte em caminho-de-ferro
— Outras regalias sociais em vigor na empresa.

Os interessados poderão contactar, directamente ou por escrito até 22/04/88 e Serviço de Recrutamento da CP, Calçada do Duque n.º 20, 1294 LISBOA Codex.

Caminhos de Ferro Portugueses

Ciclismo: Volta ao Alentejo

JOALHEIRO "BRILHOU" EM ELVAS

António Araújo, da Garcia Joalheiro, venceu a 6.ª etapa da Volta ao Alentejo em bicicleta, disputada entre Moura e Elvas, na extensão de 176 quilómetros.

António Araújo, que gastou 4 horas, 34 minutos, 39 segundos, à média de 38,348 km/hora, bateu ao «sprint» cinco outros ciclistas de quatro equipas, que cortaram a meta com dois minutos e quatro segundos de vantagem sobre o pelotão.

Após esta etapa o jovem ciclista-estudante de engenharia Paulo Pinto, da Sicasal-Torreense, mantém a camisola amarela, com cinco segundos de vantagem sobre Luís Domingos, do Louletano.

Classificação da etapa (Moura-Elvas, 176 km):

1.º António Araújo, Garcia Joalheiro, 4:34.39 horas; 2.º José Leite, Sangalhos; 3.º Elias Castro, Vigor-Lousa; 4.º Carlos Coelho, Garcia Joalheiro; 5.º Sérgio Rodrigues, Tavora; 6.º António Santos, Cantanhede (todos com o mesmo tempo); 7.º Jorge Silva, Sicasal, 4:36.43; 8.º Pedro Silva, Vigor-Lousa, mt; 9.º Alexandre Rua, Sicasal, mt e 10.º Paulo Ernesto, Tavira, mt.

Por equipas venceu a Garcia-Joalheiro com 13:46.01 horas, seguindo-se o Lousa com 13:48.05 e o Sangalhos com o mesmo tempo.

Classificação geral individual: 1.º **Paulo Pinto,** Sicasal, 18:13.57 horas; 2.º Luís Domingos, Louletano, 18:14.02; 3.º Luís Sequeira, Tavira, mesmo tempo; 4.º João Santos, Sicasal, mt; 5.º Orlando Rodrigues, selecção Seniores, 18:14.06; 6.º Carlos Santos, Louletano, 18:14.11; 7.º Carlos Marta, Vigor Lousa, mt; 8.º Alexandre Rua, Sicasal, 18:14.13; 9.º Marco Chagas, Louletano, mt e 10.º Paulo Duque Silva, Tavira, mt.

Por equipas, a Sicasal-Torreense está em 1.º lugar com 58:08.03 horas, seguindo-se Louletano com 58:08.41 e Tavira 58:12.10 horas.

Hoje disputam-se duas etapas: Campo Maior e Castelo de Vide, (75 quilómetros) e um contra-relógio individual de 13,5 quilómetros entre Castelo de Vide e Marvão, largando o primeiro coclista às 15 horas.

Boavista na Volta ao Brasil

O Boavista será a única equipa europeia a participar na Volta ao Brasil que começará no próximo sábado terminando no dia 24 e que contará com a presença de mais de uma centena de ciclistas do Brasil, Venezuela, Chile, Colômbia, Argentina, Uruguai, Peru, EUA, Polónia e Checoslováquia.

Entretanto o dirigente José Luís da Silva (responsável pelo ciclismo dos boavisteiros) informou que o seu clube tem em mira um elemento brasileiro para reforçar o seu plantel.

O técnico José Santos leva os seguintes quatro atletas: Manuel Zeferino, Manuel Vilar, José Santiago e Carlos Moreira.

Badminton: triunfo luso

A selecção portuguesa de badminton venceu por 4-1 a sua congénere italiana, garantindo o 3.º lugar no grupo quatro do europeu de badminton, a decorrer em Kristiannsand, na Noruega.

Na 1.ª e 2.ª posições, terminaram, respectivamente, a Bulgária, que discutirá a promoção ao nível 3 com o último classificado deste agrupamento, e a França.

Atrás de Portugal, ficaram a Espanha, 4.ª classificada no agrupamento, e a Itália, 5.ª e última.

Resultados parciais do encontro Portugal-Itália: — singulares masculinos: **Manuel Machado** — Stefan Kantioler, 10-15 e 13-15; singulares femininos: **Margarida Cruz** — Claudia Nista, 11-0 e 11-2; — pares homens: **Jorge Azevedo/Vítor Lapa** — K. Salut/K. Freund, 15-5 e 15-9; — pares senhoras: **Paula Queluz/Yolanda Oliveira** — R. Klozmer/C. Nista, 15-5 e 18-13 e pares mistos: **José Nascimento-Margarida Cruz** — K. Freund/K. Klozmer, 15-0 e 15-8.

Microscópio

Rosa em Boston e outros em Londres

Seis portugueses participam domingo e segunda-feira em duas importantes maratonas, a de Londres e a de Boston — confirmou a Federação Portuguesa de Atletismo.

Rosa Mota defende segunda-feira o seu título da maratona de Boston, nos Estados Unidos e no domingo, cinco portugueses participam na maratona de Londres com alguns a pensarem nos mínimos olímpicos para Seul. Tratam-se de Conceição Ferreira e Manuela Machado, do Braga, Delfim Moreira e Cidálio Caetano, do Benfica e Gualdino Viegas, do Imortal.

Jogos da Cidade: imagem esclarecedora da farta concorrência nas provas de atletismo que, até Junho, irão animar os vários bairros lisboetas

Jogos Desportivos de Lisboa seguem em ritmo imparável

Após a pausa de uma semana, determinada pela quadra pascal, os II Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa prosseguem com total empenhamento de milhares de jovens que integram centenas de colectividades desportivas da larga maioria das freguesias do concelho de Lisboa, atráves de torneios de andebol, basquetebol, atletismo, natação, futebol de salão e ténis de mesa.

Esta iniciativa do dr. Victor Gonçalves (vereador dos Pelouros de Desporto e Turismo da CML) que este ano se realiza pela segunda vez, encontrou total adesão e a avaliar pelo elevado número de jovens inscritos tudo indica que estamos em presença de um acontecimento imparável e que se deseja cada vez mais participado e, se possível, alargado a outras modalidades.

Vejamos alguns resultados da última ronda:

Andebol: 2.º feminino: Escola Alemã, 2-Olivais e Moscavide, 5; 3.º feminino: Pedro Nunes, 8-Escola Alemã, 6; 2.º masculino: Passos Manuel, 21-Os Inoques, 13; Olivais e Moscavide, 21-Francisco Arruda, 5; 3.º masculino: Os Craques, 24-Pedro Nunes, 16; Escola Alemã, 22-SC Intendente, 12.

Basquetebol: 2.º escalão: Feminino: CCR/CCR, 66-CR Bela Vista, 11; 3.º escalão: Oe Penados-51-AZ,69, 2-46, 3.º escalão feminino: Blue Condor, 40-CJ Josefa Óbidos, 23; Escola Alemã, 13-GD Valentes, 12.

Futebol salão: 3.º escalão feminino: As Gracinhas, 5-Vitória do Lumiar, 0; GD Valentes, 4-Foot-Girls, 0; Clube A. Chelas, 4-As Peninhas, 1; 2.º escalão masculino: Clube Josefa de Óbidos, 3-CD Olivais e Moscavide, 4; Os Futebolistas I, 13-Leões de Arroios, 6; Mistral Clube, 1-Compadritos, 4; Ludoteca, 2-Os Craques da Francisco de Arruda, 15; CCR Coruchéus, 9-ATLAM, 4; Esc.Sec. D. Maria I, 1-Jovens Desportistas de Pedralvas, 4; São Vicente da Beira, 4-Magriços do Norte, 4; Esperança A. Clube, 1-Viva a Graça, 1; Os Galitos, 22-CR Anjos, 0; Os Pintassilgos do Palmeiras, 2-Os Cenáculos, 10; 3.º escalão masculino: Crakes de S. José, 4-SL Alcântara, 2; Xutos e Cabeçadas II, 0-Ac. Rec. Leais Amigos, 3; GD Os Valentes, 1-Os Verdes, 2; Centro Esc. Republicano, 0-União do Beato, 1; Totus Tuus, 1-SC Intendente, 4; Roma, 0-Estrelas do Parque, 4; GR Escorpiões, 2-CR Choke-Chokes, 4.

Entretanto nas modalidades de atletismo e natação as classificações estão assim ordenadas:

ATLETISMO: concluída a 4.ª prova são líderes: masc.: Nuno Borges (Asas de Campo de Ourique), José Marques (ACMS Os Musgueirenses) e Luís Libânio (Póvoa Móveis); femininos: Silvir Rodrigues (ACMS Os Musgueirenses), Ana Gouveia (ACMS Os Musgueirenses) e Ana Santos (Póvoa Móveis).

NATAÇÃO: masc.: Hugo João Vau (Penha de França), Pedro Manuel Sá Vieira (Belenenses) e José Coelho dos Santos (Clube TAP); fem.: Marina Teixeira Santana (Golfinhos, da Graça), Vanda Alexandra Carmelo (Golfinhos/Graça) e Ana Margarida Henriques (Adicense).

Os números da violência no futebol

INCIDENTES (26), E ÁRBITROS AGREDIDOS(8)

Os efectivos da Guarda Nacional Republicana em serviço de policiamento nos recintos desportivos, localizados na zona de acção do seu dispositivo, registaram 26 incidentes em 23 jogos de futebol que se disputaram no País durante o último fim-de-semana.

Como de costume, o tipo de incidente mais verificado é a agressão a árbitros e juízes de linha, o que, desta vez, somou 8 (um ficou-se pela tentativa por ter sido impedido por intervenção da força da Guarda). Seguem-se-lhe 7 casos de arremesso de objectos e 2 agressões a jogadores (uma não concretizada). A desordem entre espectadores, agressão a dirigentes, agressão a elementos da GNR, invasão de campo, insultos ao árbitro, desordem entre jogadores e danos em viatura, registou 1 caso cada. Encerram a conta 2 tipos de ocorrências de ordem variada.

Os campos dos distritos do Porto e Aveiro foram os que mais tiveram incidentes (5 cada). A seguir, Viseu e Braga (3 cada), Vila Real (2) e Guarda, Leiria, Castelo Branco, Santarém e Lisboa (1 cada).

As forças da Guarda em serviço, nos vários campos intervieram em todas as situações, tendo actuado para reposição da ordem e outras acções de identificação e noticiação de intervenientes para efeitos judiciais.

A seguir o resumo dos incidentes, por distritos.

Braga:

• Espectador (não identificado) do jogo FC Este S. Pedro-FC Maiques atirou uma pedra para o recinto, ferindo um jogador.

• Desordem entre as assistências afectas aos clubes do jogo Navarra-Sandinense, no final do encontro.

• Árbitro da partida Nine-Viatodos agredido a soco por indivíduo não identificado.

Vila Real:

• Agredida a equipa de arbitragem e 2 jogadores por público assistente ao jogo Bairro Latino-Ribeira de Pena.

• No final do encontro Constantim-Mondim de Basto, espectadores agrediram o árbitro.

Porto:

• Árbitro da partida Bagunte FC-Águas Santas agredido por jogador.

• Arremessada pela assistência para o interior do campo um paralelipípedo (pedra) durante o jogo FC Paços de Ferreira-Rio Ave FC (juniores), sem atingir ninguém.

• No final do encontro FCS Martinho-DC Leça do Balio houve tentativa de agressão à equipa de arbitragem, evitada por intervenção da força da Guarda que identificou o seu autor.

• Agredidos árbitro, fiscal de linha e dirigentes desportivos no final do jogo FC Cete-V. Boa Quires.

• Invadido o recinto de jogo no final do encontro FC Aparecida-UD Sousense com tentativa de agressão à equipa de arbitragem. O árbitro queixou-se de ter sido atingido com pontapé.

VISEU

• No intervalo do encontro S. Nelas e Benfica-Mortágua FC, um juiz de linha informou a Guarda ter sido atingido com uma pedra lançada pela assistência.

• Foi autuado, nos termos da Lei, um espectador que arremessou uma pedra para o recinto do jogo SC Cambres-GD Mundão sem contudo atingir qualquer elemento.

• O árbitro do encontro CD Cinfães-FC Maia foi atingido por um cigarro, arremessado por espectador desconhecido, quando se dirigia aos balneários.

AVEIRO

• Ao tentarem agredir o árbitro da partida Murtoense-Valonguense, espectadores não identificados atingiram um militar da força da Guarda.

• Tentativa de agressão aos jogadores por parte de assistentes ao jogo Recardães-Azenha, evitado por intervenção da força da GNR.

• No início da 2.ª parte do jogo Alquerubim-Mogofores, o árbitro resolveu dar o encontro por terminado alegando prever incidentes. A força da Guarda protegeu a equipa de arbitragem.

• Espectadores do jogo Oliveirense-Seia causaram ligeiros danos na viatura dos árbitros. A força da Guarda evitou maiores danos.

• Um juiz de linha do jogo Soutense-Bustelo foi atingido com **chá quente,** quando entrava nos balneários, proveniente das cabines dum dos clubes.

GUARDA

• No final da partida SC Gonçalense-SC Fornos de Algodres, parte da assistência aglomerou-se junto aos balneários. A força da Guarda interveio para evitar agressões. Os árbitros mantiveram-se nas cabines durante cerca de 15 minutos. À saída, alguns indivíduos deram murros na viatura dos árbitros que foi escoltada até cerca de 2 km fora da localidade.

CASTELO BRANCO

• No final do desafio de juniores CU Idanhense-Benfica C. Branco, foi agredido o árbitro. A Guarda identificou o agressor.

LEIRIA

• Por não ter comparecido a equipa de arbitragem nomeada para o jogo AC Geraldes-UDS Bernardino, foi designada outra escolhida entre os espectadores. Aos 30 minutos de jogo, o árbitro expulsou um dos jogadores o qual não acatou a ordem. Após os atletas se terem envolvido em desordem, o árbitro resolveu dar o jogo por terminado.

SANTARÉM

• Injuriado o árbitro da partida Vila Chã-Glória do Ribatejo pelo delegado dum dos clubes

LISBOA

• Quando a equipa de arbitragem do encontro Alenquer-Olivais abandonava o campo no final do jogo, foram arremessados objectos (terra e outros) para o interior da viatura.

Os quatro para a "Davis"

A dificuldade da Suécia em ultrapassar a Checoslováquia e a demasiada facilidade da França frente à Austrália foram as surpresas dos quartos-de-final da Taça Davis.

A Suécia, detentora do troféu, bateu por 3-2 a Checoslováquia, tendo conseguido o ponto vitorioso apenas no último jogo, arrancado a ferros ao fim de cinco longos «sets». Contando com Mats Wilander e Stefan Edberg, 2.º e 3.º melhores jogadores da tabela ATP, a armada «viking» apresentava-se como fortemente favorita. A equipa checoslovaca, por seu lado, apostava num Miloslav Mecir com uma certa tendência para eliminar suecos e numa dupla invencível nesta competição há seis jogos. A surpresa viria de Mats Wilander que, em grande forma neste início de temporada, não foi capaz de vencer nenhum dos seus encontros de singulares. Paradoxalmente, os escandinavos triunfariam nos pares, com uma dupla pouco rodada (só tinham jogado juntos duas vezes) já que Anders Jarryd se encontrava lesionado. Se Ivan Lendl não tivesse um litígio com a sua federação e não estivesse lesionado, tudo poderia ter sido diferente: Stefan Edberg - Tomas Smid, 6/3, 6/4 e 6/3; Miloslav Mecir - Mats Wilander, 13/11, 6/3 e 6/4; Edberg/Wilander - Mecir/Smid, 8/6, 6/4 e 8/6; Milan Srejbert - Mats Wilander, 3/6, 6/2, 6/4 e 6/3; e Stefan Edberg - Miloslav Mecir, 4/6, 6/1, 4/6, 6/4 e 9/7.

O outro grande embate desta jornada tenística desenrolou-se em Clermont-Ferrand e opunha a França à Austrália. Os novos três mosqueteiros franceses (Noah, Leconte e Forget) infligiram uma pesada derrota pela diferença máxima aos australianos. No entanto, a selecção das antípodas, constituída por Mark Woodford, Darren Cahill, Wally Masur e John Fitzgerald, teve como atenuantes a ausência do seu chefe-de-fila Pat Cash (a passar alguns dias na Noruega após o recente nascimento da sua filha) e a sempre incomodativa terra batida, demasiado lenta para os «aussies». Apresente-se como curiosidade o facto da «Maison des Sports» ter recebido o baptismo de fogo em provas oficiais de ténis uma vez que já assistira a um jogo-exibição entre Noah e Pernfors em Novembro de 1986.

Tal como a França, a RFA afastou a Dinamarca por um rotundo 5-0. O encontro que decorreu em Francoforte não teve história tal a superioridade de Boris Becker e Eric Jelen face a Michael Tawson e Morten Christiansen. Esta «zerada» deve ter tido um gosto amargo na boca de Tawson que afirmara após a vitória sobre a Espanha «se sentir capaz de bater qualquer um».

A Jugoslávia, que surpreendera ao eliminar a Índia (finalista do ano passado) na primeira volta, qualificou-se para as meias-finais da prova, ultrapassando a Itália de Paolo Cane. Bobo Zivojinovic e seus pares não sentiram grandes dificuldades tendo assegurado a vitória com 3-1 logo no segundo dia.

Nos jogos de permanência de divisão («barrage» entre os afastados na primeira ronda) ficaram apurados a Espanha e o Paraguai que derrotaram o Brasil e a Nova Zelândia, respectivamente. O encontro entre a Suíça e o México encontrava-se empatado a dois jogos.

RESULTADOS: Suécia - Checoslováquia, 3-2; França - Austrália, 5-0; RFA - Dinamarca, 5-0; Jugoslávia - Itália, 3-1; Espanha - Brasil, 4-0; Paraguai - Nova Zelândia, 3-0; e Suíça - México, 2-2.

Assunção Ribeiro

Na sua agenda

Atletismo: Grande Prémio das Mercês

Organizado pelo união Recreativa das Mercês, vai realizar-se o III Grande Prémio de Atletismo daquela localidade, numa distância de 12 200 metros e que terá lugar no próximo domingo a partir das 10 horas. Esta prova tem o apoio da Câmara Municipal de Sintra e é aberta a atletas federados e populares de todos os escalões etários.

As inscrições poderão efectuar-se na sede da URM-Rua João de Barros, 20 ou pelo telefone 9212660.

Regata de Abril na Moita

A Junta de Freguesia da Moita e o Centro Náutico Moitense vão levar a efeito, no próximo fim-de-semana, a Regata de Abril para barcos da classe «optimist». Nesta importante prova, que tem o apoio da Câmara Municipal, poderão participar todos os velejadores portugueses possuidores da licença desportiva emitida pela FPV. As inscrições encerrarão pelas 12 horas de sábado.

"Movimento Desportivo" reúne em Lisboa

O Movimento Desportivo Popular Europeu (MDPE), com sede em Madrid, tem no próximo sábado uma reunião de trabalho em Lisboa.

O anúncio foi feito pela Sociedade Portuguesa de Educação Física, representante em Portugal da Federação Europeia de titulados em educação física, organização que integra o MDPE.

O Movimento é uma organização de âmbito europeu, reconhecido pela CEE em Setembro de 1987

assim vai o

totobola

Penalti: 1X1 X22 111 1221; Jornal de Amarante: 111 1X2 111 X121; Jornal da Beira: 111 1X2 111 XX21; Cardeal Saraiva: 111 122 111 2X21; Comércio de Leixões: X1X 112 111 XX21; De Tudo Um Pouco: 111 1X2 111 XX21; Correio de Coimbra: 111 1XX 111 2X2X; Correio do Vouga: 111 1X2 111 X121; Defesa de Espinho: 1X1 122 11X 2X2X; Diário de Lisboa: 111 X1X 111 XX2X; Folha do Domingo: 1X1 112 111 2X21; Ecos de Cacia: 111 1X1 111 2X2X; Eu Sei Tudo: 111 122 XX1 X221; Jornal de Felgueiras: 111 112 111 XX21; Jornal do Fundão: 111 1XX 111 XX21; Jornal de Gaia: 1X1 X22 X11 X121; Gazeta das Caldas: 111 112 111 1X21; Linhas de Elvas: 1X1 112 X11 XX2X; Litoral: 1X1 1X2 11X 2X2X; Maria da Fonte: 111 1X2 11X XX21; O Mensageiro: X11 112 111 X221; No Estúdio e No Estádio: 111 1XX 121 2X2X; Notícias do Douro: 111 1X2 111 XX2X; Notícias de Felgueiras: 111 1X2 111 XX21; Notícias de Gouveia: 1X1 1X2 111 2X2X; Notícias de Guimarães: 111 1X2 1XX 11X2; Reconquista: 111 1X1 111 2221; Informação Desportiva/Rádio Altitude: 111 1X2 111 1X21; Bom-Dia: 111 122 X11 XX2X; Manhã, Manhã: 1X1 1X2 111 X121; Secção Desportiva/RDP Comercial: X1X 1XX 111 2221; Tempo de Desporto: 111 122 11X 2X2X; Jornal de Notícias: 111 1XX 111 XX21; Fora de Jogo: 111 11X 111 X1X1; Grande Sábado: 111 XXX 11X 2222; Ponto de Mira: XX1 X22 X1X XX2X; Sintonia Desportiva: 111 X22 11X XXX1; Fotogramas: XX1 XX2 X11 221X; Bola ao Centro: 11X 11X X1X 2221; Programa da Manhã: X11 X12 X1X XX22; Canal Mais: 1X1 X22 11X X2X1; Boomerangue: 111 122 111 X12X; Rádio Sports: 111 1X2 111 X2X1; Alvo Desportivo: 111 112 111 1111; Rádio Alvo: X11 1XX 111 1XXX; Alvo: 111 11X 111 1121; Alvo Suplemento: 111 1X2 111 11X2; Jornal 1X2: 111 1X2 111 XX21; A Voz do Domingo: 1X1 1X2 111 XX21; Voz de Lamego: 111 1X2 X11 X122; Quatro Linhas: 111 121 111 1121; Panorma Desportivo: 111 1X2 111 2X21; Rádio Guarda: 111 1XX 1XX 2XX1; Sons da Madrugada: 111 1X2 111 X1X2; Disco e Daquilo: 111 122 1X1 12X1; Tarde Desportiva: 111 XX2 1X1 X21X; Livre e Directo: 1X1 112 1X2 X11X; A Voz dos Ridículos: 111 112 111 1121; Jornal da Graça: 121 XX2 111 2X21; Primeiro de Janeiro: 111 XX2 111 1121; Diário de Coimbra: 111 1X2 111 X121; Rádio Totobola: 1X1 1X2 X11 X121; Jornal de Santo Tirso: 111 112 1XX 2121; Jornal de Sintra: 1X1 1X2 111 2XX1; Quadrante Norte: X11 1XX 1X1 2X21; Resenha Desportiva: 111 XX2 121 XX21; RR/Desporto: 1XX 122 111 X121; Bola Branca: 111 XX2 11X 2121; Frente Desportiva: 111 11X 11X XX2X.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 16/88 DE 17 DE ABRIL DE 1988

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Boavista-Salgueiros	61	8	0	11	1	1
2. Académica-Farense	52	16	1	9	2	1
3. Belenenses-Rio Ave	65	4	0	11	1	1
4. Guimarães-Penafiel	55	14	0	10	2	1
5. Varzim-Chaves	15	39	15	3	6	3
6. Covilhã-Sporting	2	14	53	1	2	9
7. Setúbal-Marítimo	59	10	0	10	2	1
8. Portimonense-Braga	59	8	2	10	1	1
9. Leixões-Fafe	53	15	1	9	2	1
10. Marinhense-A. Viseu	12	36	21	2	6	4
11. Mangualde-U. Leiria	22	36	11	4	5	3
12. Santa Clara-E. Amadora	3	11	55	1	2	9
13. Olhanense-Estoril	45	18	6	8	3	1

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
111 1X2 111 XX21

HÁ 20 ANOS

Hollywood mobilizou-se para a campanha eleitoral

Todas as estrelas de Hollywood se mobilizam febrilmente para tomar parte activa nas campanhas dos diversos candidatos democratas e republicanos às eleições presidenciais americanas.

O senador Robert Kennedy pode orgulhar-se de ter já atraído à sua causa um número impressionante de celebridades do mundo do espectáculo. Entre os seus apaniguados mais ardentes, contam-se as actrizes Julie Adams, Angie Dickison, Janet Leigh, Jean Simmons, Shirley McLaine, Connie Stevans e Nathalie Wood, os actores James Garner, Jack Lemmon e Rod Steiger, Sammy Davis Jr., os cantores Bobby Darin e Trini Lopez, a cantora negra Mahalia Jackson, o bailarino Gene Kelly e os realizadores George Cukor, Otto Preminger e John Frankenheimer. Outro «supporter» de peso na candidatura do jovem senador é o actor inglês Peter Lawford, que fez parte da família Kennedy, até se ter divorciado em Fevereiro de 1966 de Patrícia Kennedy.

Actores houve, também, que inicialmente atraídos pelo «charme» do senador Eugene McCarthy, mudaram de opinião quando foi anunciada a candidatura de Robert Kennedy. Estão neste caso Lauren Bacall, Marlon Brando, Tonny Curtis e Eddie Fischer, que entendem que o irmão do antigo presidente tem mais possibilidades de arrancar a investidura democrata na Convenção do Partido, em Agosto.

Paul Newmann e sua mulher, Joanne Woodward, continuam por seu lado a fazer campanha por Eugene McCarthy, de quem são os mais fervorosos adeptos. «McCarthy é um sujeito recto e com garra — declara o actor — Kennedy devia ter vergonha de lhe andar no encalço.» Robert Ryan e Tonny Randall são da mesma opinião, assim como o chefe de orquestra Leonard Bernstein. No mundo da canção, os populares «folk singers» Peter, Paul e Mary lançaram uma canção em homenagem ao rival de Kennedy, que já é entoada em todas as universidades dos Estados Unidos.

O corte do acesso a Berlim-Oeste

As embaixadas das três grandes potências ocidentais na Alemanha iniciaram consultas comuns relativas à decisão das autoridades orientais de proibir o acesso a Berlim aos ministros e altos funcionários de Bona. Segundo os meios diplomáticos, é provável que os ocidentais, agindo como altos comissários, tentem protestar contra o gesto do Governo Ulbricht, lembrando os acordos quadripartidos que garantem o livre acesso a Berlim.

O filho de Einstein

O filho único do famoso sábio Albert Einstein trabalha em Espanha. É engenheiro de hidráulica, considerado um dos maiores da especialidade e dirige, na Estremadura espanhola, a importante obra de aproveitamento dos caudais dos rios Alcollarin, Burdalo e Fresneda, afluentes do Guadiana.

EM PORTUGAL

	Máx.	Mín.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	12	12	0,0	Encob.
V. Castelo	14	14	0,0	Nevoeiro
Vila Real	12	12	0,0	Neblina
Porto	14	14	0,0	Nevoeiro
Coimbra	13	13	0,0	Nevoeiro
C. Carvoeiro	14	12	0,0	Nevoeiro
C. Branco	11	10	0,0	Neblina
Portalegre	14	10	0,0	Neblina
Lisboa	15	15	0,0	M. nub.
Évora	12	12	0,0	Neblina
Beja	12	11	0,0	P. nub.
Faro	15	15	0,0	P. nub.
Sagres	14	14	0,0	P.nub.
P. Delgada	16	16	0,0	Chuva
Funchal	14	13	0,0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 18, Porto 15, Faro 20, Ponta Delgada 17, Funchal, 22.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	Min.	Máx.	Às 18 h.
Madrid	9	9	Neblina
Londres	2	1	Pouco nub.
Paris	2	1	Pouco nub.
Bruxelas	2	1	Pouco nub.
Amesterdão	2	–1	Muito nub.
Genebra	5	3	Bruma
Roma	9	8	Pouco nub.
Oslo	–	–4	Pouco nub.
Copenhaga	2	–4	Pouco nub.
Estocolmo	–2	–	Limpo
Berlim	2	–2	Pouco nub.
Viena	2	2	Muito nub.
Varsóvia	1	0	Pouco nub.
Atenas	15	14	Encoberto
Moscovo	10	3	Encoberto

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	17	30	Nublado
Joanesburgo	14	23	Nublado
Los Angeles	16	30	Nublado
Montreal	1	13	Nublado
Nova Deli	22	40	Limpo
Nova Iorque	7	13	Limpo
R. de Janeiro	20	33	Nublado
S. Francisco	11	15	Limpo
São Paulo	16	27	Nublado
Tóquio	16	18	Chuva

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

TEMPO

HOJE

No Continente:

Regiões de Norte e Centro: Céu muito nublado. Vento fraco. Períodos de chuva em especial na região Norte e neblina ou nevoeiro. Mar encrespado e ondulação oeste de 1 a 2 metros.

Regiões do Sul: Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco. Neblina ou nevoeiro matinal no Alentejo. Mar encrespado e ondulação oeste de 1 a 2 metros na costa Ocidental e inferior a 1 metro na costa Sul.

Nos Açores:

Grupo Ocidental e Central: Céu muito nublado e vento muito fresco a forte de sul, tornando muito fresco de sudoeste a partir da tarde. Períodos de chuva.

Estado do Mar: Mar cavado a grosso. Ondulação de sudoeste de três a cinco metros.

Grupo Oriental: Céu muito nublado. Vento sul fresco a muito fresco. Períodos de chuva.

Estado do mar: Mar cavado. Ondulação de sudoeste de três a quatro metros.

Na Madeira:

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de nordeste. Aguaceiros fracos.

Estado do mar: Costa Norte: Mar de pequena vaga. Ondulação noroeste de dois metros.

Costa Sul: Mar encrespado. Ondulação inferior a um metro.

Funchal: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco.

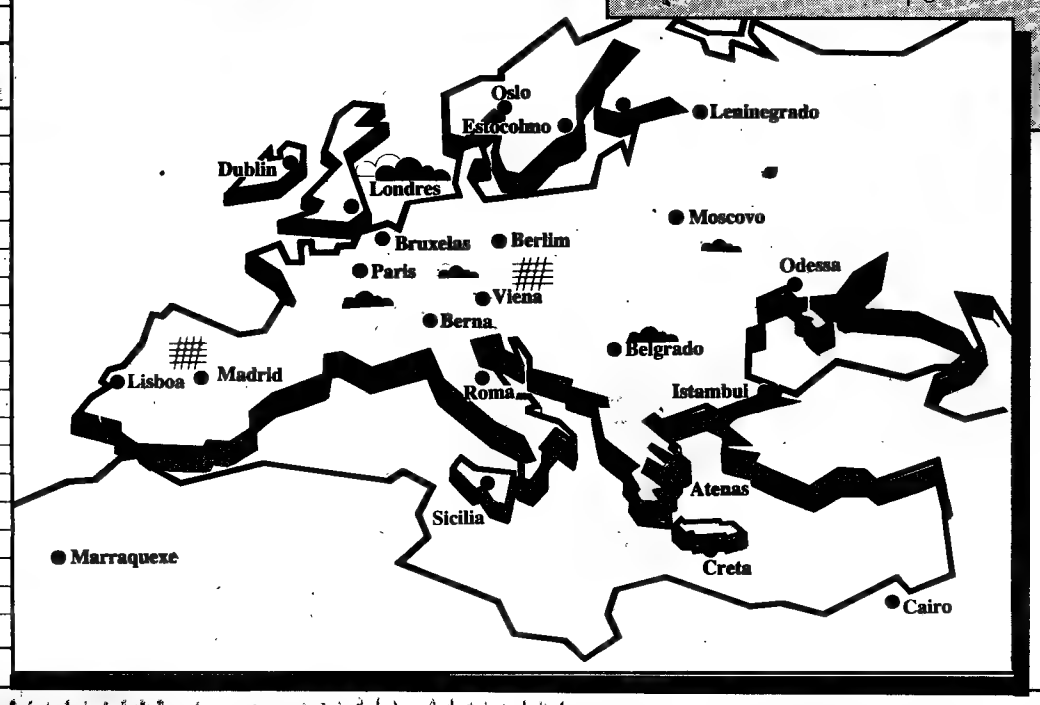
AMANHÃ

Céu muito nublado. Vento fraco. Períodos de chuva fraca na região Norte e neblina ou nevoeiro durante a madrugada e manhã.

DEPOIS

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Oeste. Períodos de chuva especialmente nas regiões do Norte e Centro.

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.



• Informação da agência Lusa

EFEMÉRIDES

1846 Começa, no Minho, a revolta conhecida pelo nome de «Maria da Fonte».

1891 Em Portugal, é aprovado, como documento legal, o primeiro regulamento do trabalho de menores em estabelecimentos fabris portugueses.

1909 Nasce Soeiro Pereira Gomes, escritor iniciador do neo-realismo na literatura portuguesa.

1912 O paquete «Titanic», o maior da sua época, ao efectuar a viagem inaugural, embate num iceberg e afunda-se rapidamente, provocando 1.513 mortos.

1917 Morre Luis Lazarro Zamenhof, criador da língua universal conhecida por «Esperanto».

1926 O Vaticano cria o «Dia Mundial das Missões», que se celebra todos os anos no último Domingo de Outubro.

1931 É proclamada a Segunda República em Espanha.

1934 É inaugurado, em Lisboa, o monumento dedicado ao Marquês de Pombal.

1945 Bombardeiros norte-americanos atacam Tóquio e atingem o Palácio Imperial japonês, no decurso da Segunda Guerra Mundial.

1947 O general de Gaulle funda o partido RPF (Rassemblement du Peuple Français).

1952 Salazar e Franco reunem-se em Ciudad Rodrigo (Espanha) a fim de tratarem de questões relativas à defesa da Península Ibérica.

1975 Israel anuncia a produção de um novo caça supersónico, o «Kfir».

1977 A União Soviética ordena à sua frota pesqueira para cumprir estritamente os novos regulamentos pesqueiros estabelecidos pelos Estados Unidos ao largo das suas costas.

1980 O primeiro-ministro português, Sá Carneiro, inicia uma visita oficial a Bona, primeira etapa de uma série de contactos internacionais com vista à adesão de Portugal à CEE.

1981 O vai-vem espacial norte-americano «Columbia» termina o seu primeiro voo experimental aterrando na Base Edwards, na Califórnia.

1986 Eva Pinto, a primeira portuguesa a quem foi implantado um coração novo, há 55 dias , sai do Hospital de Santa Cruz, em Lisboa, para casa de familiares.

— Morre a escritora e feminista francesa Simone de Beauvoir, companheira de Jean-Paul Sartre.

— Os 12 países da CEE aplicam sanções diplomáticas limitadas à Líbia, ao mesmo tempo que condenan os actos de violência que nos últimos 16 meses têm fustigado a Europa.

1987 Toma posse, em Lisboa, a Comissão Instaladora da Escola Superior de Jornalismo.

Crónica de Touros

Soliloquio

O substituto

Praça de Touros de Vila Franca. Domingo, 27 de Março de 1988. Festival do Ateneu. Touros de António Charrua para Manuel Jorge de Oliveira, Rui Salvador, forcados amadores de Vila Franca, José Júlio, Mário Coelho, Manolo Cortes, Vítor Mendes e José Luís Gonçalves.

Lá vai, a caminho da praça, arrastando gente e alegria, a banda do Ateneu Vilafranquense. Vai vestida de azul, fardas ainda do tempo de Inverno, que já deu lugar à Primavera, sobre a vila o céu azul, florido o jardim à beira do rio, também florida no largo a estátua garbosa do campino, florida do ramo avulso que lhe puseram na sela. Vai a caminho da praça, a banda do Ateneu, tocando um 'passodoble', o «Gregório Garcia», quem dera que a música pudesse atravessar o mar, chegar ao lugar onde envelhece o matador mexicano, o fizesse lembrar os tempos gloriosos que viveu neste País que ele sacudiu como mais nenhum toureiro. Vai a caminho da praça, a banda do Ateneu, neste dia tocará por redobrada razão, pois é a favor do Ateneu o festival, que antes de ser já o era, alegria por ver a praça cheia, despesas mais que pagas, lucro certo para se adiantarem as obras da nova sede. E depois não se ficou a alegria pela bilheteira, saltou para as bancadas, animação sobrou na praça, música se fartou de tocar toda a tarde, música da banda e palmas do gentio para as cambiadas do Oliveira e do Salvador, e desculpas para o forcado que sem razão aparente tardou três vezes a pegar o primeiro, se o moço caía da cabeça, explicou-me um vizinho de boa vontade, «é porque o boi está a transpirar, escorrega». E mesmo que não transpirasse o boi, digo eu, festival não se trata como corrida formal, não é acontecimento para exigências e rigores, sim de música e palmas, generosas para os toureiros da terra, o José Júlio sem poder parar-se nem luzir-se com o metediço que lhe tocou, ovelha negra do curro cumpridor dos Charruas, e mesmo assim obrigaram o toureio a dar a volta, até calorosa, coisas do sentimento. E duas deu Mário Coelho, gaoneras sem mover os pés, cumprindo em bandarilhas, e a faena larga, começada com um passe cambiado nos médios e acabada com desplantes de joelhos, e pelo meio uns passes com expressão. E expressiva foi a ovação que acolheu Vítor Mendes, alma que é do festival do Ateneu; depois, no trasteio do antigo músico tornado figura do toureio, houve aquela série de luxo, quatro trincheirazos rematados com um farol, e antes disso acontecera o tércio de bandarilhas, que Vítor repartiu com seus conterrâneos, um quiebro do José Júlio, e outro de Coelho, e ele um quarteio imponente, cerraram o tércio com desplante, as palmas faziam fumo, abraçados deram os três matadores vila-franquenses a volta à arena, a praça era uma alegria. Alegria que tardou para o novel José Luís Gonçalves, só para o fim da bailada faena houve uns passes sossegados e expressivos, outro dia será de maior saldo, quem sabe.

E tudo acontecendo naquele ambiente como só Vila Franca. Tudo, incluindo a presença do substituto, que nome não tinha no cartaz, só no aviso à porta, nem disso precisou para que não lhe faltasse o calor vila-franquense da música, das ovações, e dos olés, desses que soam sentidos, mais rezados que gritados. Pois foi. O anunciado Fernando Cepeda, matador promessa da actualidade espanhola, tinha sido colhido ontem, num tentadero. E ao retiro da sua terra foram chamar, para preencher o posto, alguém que promessa já foi, Manuolo Cortés de los Santos, trinta anos acaba de cumprir sobre a alternativa, em Valência, Ordoñez de padrinho e Puertà de testemunha, nos últimos anos toureiro respeitado mas de poucas corridas, escassas ocasiões para prodigar suas reconhecidas essências. Antes de se abrir a porta dos curros, pelo altifalante se refere o sucedido, se agradece a Manolo Cortés a prontidão, despertado altas horas, vindo de Sevilha disparado, ele aí está, na arena de Vila Franca. E a ovação que estala, agradecida, é apenas a primeira de muitas que irá ouvir, logo no inspirado lancear começaram a sair os 'olés' profundos da tarde, cantados com vagares de gozo, depois continuados na faena, equilibrada e harmoniosa, plantado o garbo da figura, que naturais mais expressivamente naturais, que toureiro nos adornos, sabor e sentimento que fizeram desses instantes um puro deleite. E para o substituto, as palmas primeiras, de agradecimento por ter vindo, tinham-se tornado de louvor à arte do toureio, que Manolo Cortés trouxera às pressas da sua terra sevilhana de Gines, e na arena de Vila Franca repousado deixava, extinguindo-se com o cair da tarde, testemunho efémero duma sempre renovada beleza.

"Dos livros aos filmes" no cinema Quarteto

Parte-se dos livros para os filmes, revelando os diversos modos como o cinema se serve da literatura. Nesta perspectiva, a revista «Ler» promove, no Quarteto durante duas semanas, uma mostra de obras cinematográficas baseadas nos textos de uns tantos escritores famosos. Entre as fitas com direito a selecção, tarefa da competência de Pedro Borges e Joaquim Bidarro, destacam-se várias antestreias, caso de «Menos Que Zero», de Marek Kanievska, que se inspirou no livro, com o mesmo título, de Bret Easton Ellis e ainda: o filme que Claude Chabrol fez sobre o policial «O Grito do Mocho», de Patricia Highsmith.

Inéditos são também os filmes «Noites de Sertão», do brasileiro Carlos Alberto Prates Correia, com origem no conto «Buriti», de Guimarães Rosa, e o díptico «Jean de Florette» e «Manon des Sources», a partir da obra «L'Eau des Collines», escrita por Marcel Pagnol, e que Claude Berri assina. Mas há mais. Há, para rever, «O Golpe de Misericórdia» e «O Jovem Torless», ambas as fitas do realizador alemão Volker Achlondorff, que cinematizou os respectivos textos de Margueritt Yourcenar e de Robert Musil. A união feliz de Wim Wender e Peter Handke deu «As Asas do Desejo» e «A Angústia do Guarda-Redes no momento do Penalty», outra das propostas do ciclo de cinema que começa, hoje, no Quarteto.

Do naipe de reposições sobressaem «O Ano do Dragão», de Michael Cimino, que corresponde a um livro de Robert Daley, «O fio da Navalha», onde o cineasta John Byrux e o ficcionista Somerset Maugham se cruzam, «Betty Blue», produto do encontro entre Jean Jacques Beinex e Philippe Djian, finalmente: «O Estranho Mundo de Garp», romance, de John Irving, transformado em filme por Geroge Roy Hill.

Contudo, aguardam-nos algumas surpresas, como por exemplo «Das des Todes», em que Peter Handke, numa inversão de papéis, surge na pele de realizador, tendo como referência litarária um texto de Marguerite Duras que, por sua vez, é a autora de «Les Enfants», filme integrado nessa amostra. Graças à **Perestroika** pode-se avaliar o talento do Glem Klimov, presidente da União de Cineastas da URSS, que só muito recentemente conseguiu tirar da prateleira o seu «Adeus a Matiora». Trata-se da adpatação de uma obra do escritor Valentin Rapustin, igualmente vítima da censura do regime soviético. Com marca russa há ainda «Peça Incompleta para Piano Mecânico», de Nikita Mikhalkov, que nesta experiência fílmica lida com o clássico «Platonov», de Tchekoov.

Para além das literaturas norte-americana e europeia, os orgnizadores do ciclo, em curso no Quarteto, quiseram contemplar também a escrita das Antilhas, através de uma obra de Joseph Zodel, que permitiu ao cineasta Euzhan Palcy conquistar, em Veneza, no festival de 1983, o Leão de Prata, atribuído à primeira obra que, por acaso, foi a sua — «Rue Cases Negres».

Depois da divulgação do programa resta-nos aludir ao princípio e ao fim do **calendário,** convém não esquecer que o ciclo abre hoje e encerra no próximo dia 28.

"O Bobo" de José Álvaro Morais vai ser exibido em França

O filme português «O Bobo», do realizador José Álvaro Morais, vai ser brevemente introduzido nos circuitos comerciais franceses, antecipando-se à exibição nos cinemas portugueses, confirmou o autor à agência Lusa em Macau.

«Trata-se de uma situação relativamente kafkiana, que me desagrada e que eu estranho bastante, mas que diz apenas respeito ao produtor do filme (Animatógrafo, de António da Cunha Telles)», salientou José Álvaro Morais.

O autor de «O Bobo» viajou até ao Oriente para acompanhar a exibição do seu filme no Festival Internacional de Cinema de Hong-Kong, nos dias 3 e 7, e posteriormente em Macau, no dia 10.

A passagem de «O Bobo» pelo Festival de Hong-Kong «decorreu da melhor forma possível, com as salas sempre cheias e com muita participação do público no final das sessões», relatou o autor do filme galardoado com o grande prémio «Leopardo de Ouro» do Festival de Lucarno.

Na opinião de Álvaro Morais, a mensagem transmitida através do filme «foi completamente entendida pelo público português» que assistiu às exibições, passando-se com a assistência chinesa um fenómeno curioso que passou por uma maciça participação no final das sessões em busca de complementos históricos. Este filme português vai agora ser exibido nos festivais de cinema de Bogotá, de Cartagena e de Istambul, admitindo-se que seja bem recebido, à semelhança do que aconteceu por todos os festivais por onde já passou desde a sua conclusão, em 1987.

José Álvaro Morais revelou ainda que vai iniciar este ano as filmagens do seu novo filme, uma longa-metragem, com subsídios já atribuídos, feita a partir do romance «A Corte do Norte», de Agustina Bessa Luís.

O realizador adiantou que se encontra já a trabalhar no argumento do seu novo trabalho e que todas as filmagens exteriores, que serão rodadas na ilha da Madeira, deverão fazer-se ainda este ano, para que o filme fique concluído em 1989.

José Álvaro Morais nasceu em Coimbra, em 1945, tendo iniciado a sua actividade cinematográfica em 1967, como assistente de realização de José Pedro Vasconcelos.

Em 1977 realizou o documentário «A Minha Mulher Chamada Bicho», sobre a pintura de Vieira da Silva e de Arpad Szenes, após o que começou a trabalhar em «O Bobo».

Não há "Baile" pr'á semana

O grupo de teatro «A Barraca», que partiu para a Suíça, onde vai dar uma série de espectáculos, interrompe o «Baile» na próxima semana em Lisboa, no Ritz Clube.

O grupo de teatro «A Barraca» realiza espectáculos em Lausane, Genève e Sion.

A Barraca recomeça o «Baile» no próximo dia 19, actuando durante esta semana, naquela sala, o cantor Janita Salomé.

Fábio Júnior no "Poente"

O popular actor brasileiro, Fábio Júnior, uma das vedetas da gala do Coliseu da próxima terça–feira (lá estarão, entre outros, Madredeus, Sétima Legião, Mafalda Veiga, Paulo de Carvalho, Sérgio Godinho, Vitorino), que culmina a semana de solidariedade promovida pela Antena Um a favor de seis mil crianças inadaptadas, será a figura central do programa «Poente», daquela estação emissora, realizado por Mário Figueiro.

Fábio Júnior, que também canta, chega domingo a Lisboa e o seu primeiro contacto com o largo auditório da Antena Um será o calmo programa do fim da tarde, com música suave e poucas, mas escolhidas, palavras.

TRIBUNAL JUDICIAL DAS CALDAS DA RAINHA

ANÚNCIO

Pelo 2.º Juízo de Direito desta comarca, na execução ordinária hipotecária n.º 6/88 da 2.ª Secção, movida pela Adega Cooperativa do Bombarral contra os executados ANTÓNIO ORESTES RICO DE MARREIROS NETO, e Eng.º ANTÓNIO JOSÉ BARARDO DE MARREIROS NETO, ambos ausentes em parte incerta, e com últimas residências conhecidas, respectivamente, na Rua Marquês da Fronteira n.º 84-3.º Esq.º e Av.ª Duarte Pacheco n.º 21-9.º ambos em Lisboa, e OUTROS, são aqueles executados, por este meio, citados para no prazo de dez dias, que começam a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, pagarem o capital em divida no total de 35 152 363$00, juros vencidos e os demais até efectivo pagamento, e bem assim todas as despesas judiciais, incluindo honorários de advogado, sob pena de o não fazendo, se proceder à penhora dos prédios hipotecados, seguindo-se os demais termos até final.

Caldas da Rainha, 6 de Abril de 1988.

O Juiz de Direito,
Carlos Alberto da Cruz Broco

O Escrivão Adjunto,
Fernando Serrenho Reboleira

«DL» 14/4/88 — 1.ª Pub.

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
T.726 08 18
HOJE AS 21.30
DOMINGO AS 16 H
2.º MÊS
O DESTINO MORREU DE REPENTE!
TEXTO - ALVES REDOL ★ ENC. - JOAO MOTA
MUSICA - CARLOS MENDES
SUB S.E.C.
«... Um projecto sem paralelo no nosso teatro independente». C. Porto
M. 12
EFEITOS ESPECIAIS A CARGO DE TECNILASER
APOIOS: ANTÓNIO REDOL • F. GULBENKIAN • SAMSUNG • ANTENA UM • RÁDIO COMERCIAL • DIÁRIO POPULAR • IBA-HONDA • CORREIO DA MANHÃ • EUROPRESS •

Com: Alda Rodrigues, Filipe Crawford, Gilberto Gonçalves, José Manuel Mendes, José Wallenstein, Luís Lima Barreto, Luís Miguel Cintra, Luísa Cruz, Maria Cristina, Márcia Breia, Miguel Guilherme, Mónica Calle, Rogério Vieira, Ruy Furtado e Teresa Madruga.

Tradução: Augusto Sobral, Carol Loff, Rui Mendes; **Encenação:** Rui Mendes; **Cenário e figurinos:** Vera Castro; **Música:** Paulo Brandão; **Montagem:** Fernando Correia; **Guarda-roupa:** Emília Lima.

Terça a sábado às 21 horas
Dom. – 16 horas / Desconto a grupos e jovens

Teatro do Bairro Alto
Rua Tenente Raul Cascais, 1-A (à Rua da Escola Politécnica)
1200 Lisboa – Sub/Sec

CINEMAS

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30, 21.30 e 00.30

Alfa 2

CONTINUARAM A CHAMAR-LHE TRINITÁ
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 19.15, 21.45
24.00 h

Alfa 3

O FEITIÇO DA LUA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

ATRAÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club

DIABO NO CORPO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 1

O FEITIÇO DA LUA
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 2

IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30, 21.30 e 00.30 h

Amoreiras 3

GENTE GIRA N.º 3
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 4

ANNA
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5

GRITA LIBERDADE
(maiores 12 anos)
13.30, 16.15, 19.00, 21.45, e 00.30 h

Amoreiras 6

ESPERANÇA E GLÓRIA
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

ESPERANÇA E GLÓRIA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

Avila

— T. 539930

IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Berna

— T. 776098

A PRINCESA PROMETIDA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

IMPÉRIO DO SOL – A OBRA MÁXIMA DE STEVEN SPIELBERG – Nomeado para 6 Óscares da Academia em exibição nos Cinemas Alfa – Amoreiras – Ávila – Terminal – Tivoli

Capitólio

— T. 372358

BELAS E CORRUPTAS
(Porno)
(maiores 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.30 e 23.00 h

Castil

T. 530194

ESPERANÇA E GLÓRIA
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cinebolso

PORNO FAMILIAR
(maiores 18 anos)
Pornográfico
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões

T. 324194

OS PUNHOS DA VINGANÇA
(n/acons. men. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 533253

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
MCQUADE – O LOBO SOLITÁRIO
(maiores 12 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 9434773

Estúdio Anusha

AS AVENTURAS FORA DE HORAS
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

WALL STREET
(maiores 12 anos)
15.00, 17.15 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

NOITES ESCALDANTES
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

O GLADIADOR
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O RENEGADO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.15 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

OS RAPAZES DA NOITE
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

WALL STREET
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O RENEGADO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

GENTE GIRA N.º3
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

GENTE GIRA N.º 3
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

Sala 1

EDIÇÃO ESPECIAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2

O GLADIADOR
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

O RENEGADO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.30, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

EDIÇÃO ESPECIAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O GLADIADOR
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

EDIÇÃO ESPECIAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

FEITIÇO DA LUA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45 19.15 e 21.45 h

Sala 2

O DIABO NO CORPO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 3

A PRINCESA PROMETIDA
(maiores 6 anos)
13.45, 16.15, 19.00 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

LOUCA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

FORÇA ESPECIAL DE INTERVENÇÃO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia

T. 325309

SEXO NO COLEGIO – PARTE II
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathe

— T. 821933

CROCODILO DUNDEE
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama

T. 326305

CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

O DIABO NO CORPO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O ÚLTIMO FÔLEGO
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 2

ASSASSINO POR ENCOMENDA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
O FIO DO SUSPEITO
(maiores. 12 anos)
23.30 h

Sala 3

AS ASAS DO DESEJO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O DESESPERADO
(maiores 13 anos)
24.00 h

Sala 4

O JOGO FATAL
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
A SÍNDROMA DA CHINA
(n/acons. men. 13 anos)
23.30 h

Roma

T. 889192

CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

NOITE INFERNAL
(maiores 12 anos)
15.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

O FEITIÇO DA LUA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

ATRAÇÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

GRITA LIBERDADE
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

7.ª Arte

— T. 730715

IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.10 e 21.45 h

Star

— T. 804210

ANNA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Turim

T. 706666

O JUSTICEIRO SOLITÁRIO
(filme de qualidade)
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

HONRA E VINGANÇA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro Lido — «Oxalá, seja menina», às 15.00 e 21.30 h (maiores de 12 anos).
AMADORA — Cinestúdio Lido — «Gansos selvagens», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).
AMADORA — Babilónia — «Louca Academia de Recrutas», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores de 12 anos)
ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «O renegado», às 21.30 h (maiores 12 anos).
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Louca», às 15.00 e 21.30 h (maiores 16 anos).
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «O Declínio do Império Americano», às 21.30 h (maiores 16 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «O Declínio do Império Americano», às 17.00 e 21.15 h (maiores 16 anos).
ALGÉS — Cinema 2000 — «Sob suspeita», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Salvador», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Edição especial», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «A boneca mecânica», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)
NOVA OEIRAS — Cine Palmeiras — Sala 1 — «Melo», às 15.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)
Sala 2 — «Diabo no corpo», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Romance no rio», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Império do Sol», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Dança comigo», às 15.00, 18.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Os Goontes», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).
ALMADA — Cinestúdio Almada — «A fábrica das loucuras», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).
ALMADA — Incrível Almadense — «Os Salteadores da Cobra de Ouro», às 15.30 e 21.30 h (Int. 13 anos).
COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «A Cidade do Crime», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos).
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Princesa prometida», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Marados no paraíso», às 15.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Justiça implacável», às 15.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).

ROTEIRO CULTURAL

GUEIFÃO PINTA O CHIADO

«Gueifão pinta o Chiado» é o tí - tulo de uma exposição que se en - contra patente, até ao próximo dia 7 de Maio, na Galeria Artex, na Rua Nova do Almada, 87.

Natural de Lisboa, pode dizer–se que Gueifão é pintor «desde sem- pre» sem, no entanto, fazer um currículo como pintor. Apenas duas exposições individuais em Lisboa, em 1957 e em 1962. Mui - tos anos mais tarde, em 1987, uma exposicão colectiva sobre Lisboa - muito embora o seu tema tenha si - do o Chiado.

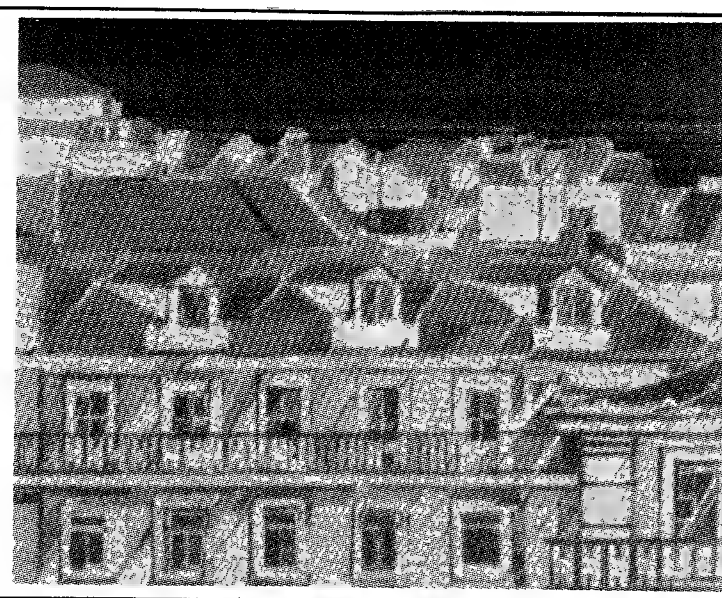
A sua carreira profissional é a Arquitectura. E aí especializou–se altamente em perspectiva - três dé - cadas em que produziu milhares, em colaboração estreita com as maiores figuras (algumas de projec - ção internacional) da Arquitectura de então.

Actualmente pinta - mais do que Arquitectura, embora paralelamen - te.

Nos últimos tempos, verdadeira - mente interessado no tema que mais o motiva e impressiona - o Chiado - tem produzido, embora não tenham vindo a público, algu - mas dezenas de aguarelas.

Aguarela - o material e técnica que mais fascinam Gueifão.

Voltando à exposição da Galeria Artex: ela pode ser apreciada de se - gunda a sexta das 9 às 13 e das 15 às 19 e aos sábados das 9 às 13



EXPOSIÇÕES

PALÁCIO DA AJUDA: até 31 de Maio, a exposição «Arte Portuguesa do Século XIX», aberta ao público todos os dias (excepto segundas-feiras) entre as 10 e as 17. De terça a sexta, das 10 às 12, reservada às escolas.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 15 de Abril, a exposição «Brinquedos Caboverdianos», brinquedos manufacturados pelas crianças de Cabo Verde em barro, madeira, arame e lata.

MUSEU NACIONAL DO TEATRO: exposição «A Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro».

MUSEU DE ETNOLOGIA (Av. Ilha da Madeira-Restelo): a exposição «Timor de Ruy Cinatti».

GALERIA DE S. MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): até 9 de Maio, Pintura de Manuel Amado (óleos). Patente das 10,30 às 13 e das 15 às 19,30 (encerra ao domigo e reabre segunda às 15).

GALERIA ARTEX (R. Nova do Almada, 87): até 7 de Maio, uma exposição de Pintura de Gueifão, intitulada «Gueifão pinta o Chiado». Patente de segunda a sexta das 9 às 13 e das 15 às 19, sábados das 9 às 13.

GALERIA DE SÃO BENTO (R. do Machadinho, 1): até 30 de Abril, a exposição colectiva «Tendências da Jovem Escultura Portuguesa» com a participação de António Matos, Joh, José Esteves, Jorge Camões, Moisés Preto Paulo e Rui Matos.

HOTEL MERIDIEN LISBOA (R. Castilho, 149): até 25 de Abril, no foyer, uma exposição de pintura de Joaquina Ferreira (Kina).

MERIDIEN PORTO (Av. da Boavista, 1466): Pintura de Francisco Barceló.

GALERIA EMI (R. Cruz dos Poiais, 111): até 28 de Abril, Pintura de Ana Jotta intitulada «A Coragem de Lassie». Patente de terça a domingo das 15 às 19.

GULBENKIAN (exposições temporárias): a exposição «Mestres da Pintura Búlgara - Século XIX, meados do século XX»

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 30 de Abril, pinturas de Miguel Branco e pinturas e desenhos (Risco) de Rosa Almeida.

GALERIA LAPUB (Figueira da Foz): até 25 de Abril, de segunda a sexta das 14 às 18 e das 21 às 23, exposição de desenho de Fernando Cruz.

AMADORA (galeria municipal): exposição de Artur Bual.

CASA DE BOCAGE (Setúbal): pintura de Jorge Rodrigues com o título «Emoções», que nos propõe uma viagem através da obra de Vergílio Ferreira «Até ao Fim».

ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): até 20 de Abril, de segunda a sábado das 10 às 19, Pintura de Luís França.

ARCADAS DO PARQUE (Estoril): a Junta de Turismo da Costa do Estoril apresenta a exposição de pintura «A Sera e a Formiga», de Man. Patente até 20 de Abril, nos dias úteis das 9 às 19, domingos e feriados das 10 às 18.

«GALERIA DE ARTE» (Shopping Cacém-Loja 1.22): até 30 de Abril, exposição inaugural desta galeria com uma colectiva de pintura, desenho e escultura. De segunda a sexta das 15 às 22, sábados e domingos das 10 às 13 e das 14 às 22 horas

MUSEU DE MACHADO DE CASTRO (Coimbra): até 17 de Abril, o Centro de Estudos de Fotografia apresenta «Wols Fotografias», uma exposição do Goethe-Institut München.

GALERIA JN (R. Gonçalo Cristovão, 195-Porto): a exposição de pintura de António Olaio «Sofás Amarelos Vermelhos Não São».

GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: até 17 de Abril, a exposição «27ª Estação do Metro»: Pintura, Escultura e Banda Desenhada

CENTRO CULTURAL DE ÉVORA: até 4 de Maio, de segunda a sexta das 10 às 12 e das 15 às 18 e sábados das 16 às 18, uma exposição de escultura promovida pelo departamento de Escultura em Pedra do C. C. de Évora dirigido por João Cutileiro, com obras dos escultores Sílvia Westphalen, Pedro Fazendeiro e Alejandro Escalante.

CENTRO CULTURAL DA DAMAIA: até 22 de Abril, colectiva de pintura com obras de Lindo Macedo e Paulo Afonso.

CASA DA CULTURA DAS CALDAS DA RAINHA: até 30 de Abril, exposição de pintura e tapeçaria de Teresa Ribeiro.

ESPAÇO 43 (Parede): até 24 de Abril, «Percursos do Gosto» - uma exposição de fotografia de Rui Cunha patente de terça a sexta das 17,30 às 19,30, sábados e domingos das 15 às 19,30.

MERIDIEN PORTO (Galeria de Arte): integrada no 100º aniversário do nascimento de Amadeo de Souza Cardoso, uma exposição com obras de sua autoria.

REGUENGOS DE MONSARAZ (Fábrica Alentejana de Lanifícios, Lda.): até 25 de Abril, uma exposição de pintura, escultura, gravura e serigrafia.

GALERIA ARCADA (Arcadas do Parque-Estoril): até 26 de Abril, escultura de António Matos com trabalhos de ardósia e calcário. Patente diariamente (excepto terças-feiras) das 11 às 20 horas.

CENTRO COMERCIAL VISCONDE DA LUZ (Cascais): até 17 de Abril, pintura de Lourdes Castilho e Batiks de Dulce Duarte Silva-Mid. Exposição patente todos os dias das 10 às 20 horas.

CASA DE BOCAGE (Setúbal): até 30 de Abril, esculturas de Carlos Dutra. Exposição patente de terça a sexta das 9 às 12 e das 14 às 17, sábados e domingos das 15 às 19.

CLUBE CINQUENTA (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): até 4 de Maio, Pintura de Laura Cesana com o título «Signos e Maravilhas. Patente de terça a sexta das 17 às 20, sábados das 15 às 20

GALERIA FONTE NOVA (Est. de Benfica, 503): até 22 de Abril, diariamente das 10 às 24, Pintura de Carlos Luz.

S. MARCOS-GALERIA DE ARTE (Oleiros-Azeitão): até 30 de Abril, uma exposição individual de Ana Cassiano e uma colectiva de Pintura (Ribeiro Farinha, Boavida Amaro, Duarte Saraiva, Aurora Bargado, Victor Gualdino, Francisco José Simões, Carlos Canhão, Isabel Seruca, Margarida Vigoço, Eunice Mexia de Mattos, Rui Pinheiro e Ana Cristina Abreu; Tapeçaria (Cláudia Lima e Clara d´Ovar) Trapologia (Ana Cassiano) e Cerâmica (Cremilde Pereira, Ribeiro Farinha, Rui Pinheiro, Cuca, Roque Gameiro e Susana de Barros). Organização da Galeria de Arte Cetária, de Setúbal.

CENTRO CULTURAL SÃO LOURENÇO (Almancil): até 22 de Abril, a exposição de desenhos e gravuras da autoria de Susan J. Norrie.

GALERIA DE ARTE DAS. AMOREIRAS (Amoreiras Shopping Center Loja 2012-2º piso): até 1 de Maio, Pintura de Maria Antónia Santos, patente ao público todos os dias das 9 às 24 horas.

GALERIA ESPIRAL (R. Cândido dos Reis, 90-Oeiras): exposição de Gravura «Percursos», de Ilda Reis.

LIVROS

LIVRARIA DISTRI (Av. Marquês de Tomar, 9-A): às 18,30, lançamento do livro «Mistério do Poço da Morte» de Maria Alberta Menéres, Carlos Correia e Natércia Rocha. Edição da Caminho, colecção «1001 Detectives».

GRÉMIO LITERÁRIO: às 18,30, lançamento de «Maluda», com apresentação do prof. José-Augusto França. Trata-se de uma obra editada pelos Laboratórios Bial, que contem reproduções de 20 quadros da pintora Maluda, da produção posterior a 1982 e excluindo as telas da série «Janelas». Fazem ainda parte do livro textos sobre Maluda escritos por José-Augusto França, Fernando de Azevedo, Fernando Pernes e Vieira da Silva, bem como a biografia da autora e bibliografia actualizada.

INTERLIVRO (R. Pedro Nunes, 9-A): às 18,30 lançamento da obra de Luís Carmelo «Cortejo do Litoral Esquecido» com apresentação de Urbano Tavares Rodrigues. Edição Vega.

FORUM PICOAS: Mostra e venda de livros e artigos gráficos da República Popular da China. Até 17 de Abril.

BAILADO

TEATRO S. LUÍS: às 21,30 a Companhia de Dança de Lisboa apresenta «Envelope» (coreografia de David Parsons, música de Verdi); «Variações de Schubert» (coreografia de Gerrie Houlihan, música de Schubert) e «Sopa do Dia» (coreografia de Mark Haim, música de Mark Haim, J. S. Bach e Carlos Barbosa).

TEATRO S. CARLOS: às 21,30 a Companhia Nacional de Bailado apresenta «La Bayadere», «As Nossas Valsas» e «Pássaro de Fogo». Orquestra Sinfónica do Teatro Nacional de S. Carlos dirigida pelo maestro John Neschling.

GULBENKIAN (grande auditório): às 18,30 o Ballet Gulbenkian apresenta «Presley ao Piano», espectáculo inspirado na figura de Elvis Presley ceiado por Olga Roriz e Ricardo Pais, com cenários e figurinos de António Lagarto.

CINEMA

INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA (R. do Salitre, 146): às 18,30 o filme «La Classe Operaia Va In Paradiso» de Elio Petri.

CINEMATECA PORTUGUESA: às18,30 Ciclo «Actores - Gene Tierney» com «Amar foi a Minha Perdição»/1945, de John M. Stahl; às 21,30 o Ciclo «Europeus no Cinema Americano Contemporâneo: Carlo di Palma» com «Os Dias da Rádio» de Woody Allen.

MÚSICA

GULBENKIAN (grande auditório): às 21,30 concerto pela Orquestra Gulbenkian. Maestro Muhai Tang e Nigel Kennedy (violino). Obras de Cong Su, Elgar e Brahms.

CASA DA CULTURA DAS CALDAS DA RAINHA: às 21,30 «Quintas-Feiras Musicais» com um recital de piano por Gláucia Leal. Obras de Heitor Villa-Lobos, Prokofiev, Débussy, Max Reger e Alberto Ginastera.

ESPECTACULAR

ESPE CTA CULAR

As condições de audição não eram muito boas. Eram mesmo mais que péssimas. Por isso não posso garantir o nome do entrevistado. Pareceu-me Calisto, que me desculpe, se não for. Estávamos no Banco do Jardim, *um título que vem do Porto, na* Antena 1, *das 17 às 19. Este título, com uma significativa força poética, sugere intimidade, confissão, a meditação suave ou dramática (ah, o que pode acontecer num banco de jardim!) sobre a vida. Não será este o carácter do programa. Aliás começa a ser penoso ouvir rádio, dada a quantidade de programas feitos no mesmo molde: música, um apresentador e uma apresentadora que «enchem tempo» (ah, que saudade da Anabola e do José Lúcio...) investidas publicitárias, ping-ping, e um convidado ou uma convidada «para nos fazer companhia». Voltando ao* Banco do Jardim *(e a propósito de imaginação, de criação poética, recordemos aquela passagem a Rui Dias José, na Feira dos Brinquedos) para recordar a tal entrevista: um senhor aviador que nos falava da sua actividade profissional e do seu currículo - fez isto, fez aquilo, andou «na guerra chamada guerra colonial»... Gosta de Villaret. Aconselha a repetição dos seus programas, «apesar de serem a preto e branco». Conceito muito espalhado, este da valorização de certos elementos, em certos casos perfeitamente dispensáveis. Villaret, no dito programa, não precisava da cor para nada. Desculpem esta achega à margem da rádio. Ou talvez não. Que também ela tem suas cores, seus preto e branco.*

José Mirandum

MÉDICO DE URGÊNCIA

☎ 76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **AMOREIRAS: Ivone**, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **CHILE - ARCO DO CEGO: São Jorge**, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **GRAÇA: Almeida Dias**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **REJONIMOS: Remísio**, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699); **LARGO DO CAMPO PEQUENO: Miranda**, L. do Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **LUMIAR - QUINTA DO LAMBERT: Reis**, R. Pedro Bandeira, 2-A; **OLIVAIS VELHO: Olivais**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVÃ: Curie**, Av. Madame Curie, 154-A (T. 723220); **SÃO BENTO - PALÁCIO: São Bento**, R. Poiais de São Bento, 73 (T. 601673); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **ODIVELAS: Central de Odivelas**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE: Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **ANJOS - LISBOA GINÁSIO: São José**, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIXA: Internacional**, R. do Ouro, 228-230 (T. 322017); **BEATO: Grijó**, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **BENFICA - CHARQUINHO: Macedo**, R. da República da Bolívia, 69-C (T. 713697); **CALVÁRIO - ALCÂNTARA: Calvário**, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); **ESTRELA - POSSIDÓNIO DA SILVA: Tagus**, R. Possidónio da Silva. 162-A (T. 669485); **LAPA - SANTOS: Eduardo A. César**, R. das Trinas, 102-A (T. 662631); **SALDANHA: Cruz Nunes**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 521845); **TIVOLI - RESTAURADORES: Galénica**, R. das Pretas, 12-14 (T. 322588); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, Pt. Fernando Pessoa, loja E, 36-B (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, 11, loja 30 Centro Comercial Belsul (T. 224313). Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO: Borges da Cruz**. Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Soromenho**, R. Machado dos Santos, 24 (T. 22691). Permanente; **Cunha Pinheiro**, E. da Canarinha, 32 (T. 29215). Permanente; **Marques**, R. Arronches Junqueiro, 109 (T. 22783). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 4104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4191697). Permanente; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho,1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Feitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Clabel, R. António Sardinha, 23-D (T. 4938551). Permanente; **Carlos**, R. Sebastião da Gama, 28-B, São Brás. Permanente; **Heleno**, R. 1, lote C, Reboleira Sul (T. 964796). Até às 22 horas; **QUELUZ: Pinto Leal**, R. Ferreira de Castro, 61, Massamá (T. 4378402). Permanente; **Albergaria**, Queluz de Baixo. Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Rico**, L. Adriano S. Gil, Agualva (T. 4312833). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Dumas Brousse**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Permanente.

DL TEATROS

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 538586

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«CRIADA PARA TODO O SERVIÇO», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez.

Algés — Teatro 1.º Acto

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.30. Preço: 350$00

«O CIRCO DOS DESENGANADOS«, de Miguel Rovisco. Pelo Grupo Persona. Encenação de Guilherme Filipe. Cenários e figurinos de Catarina Amaro.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00

«CHEIRA A LISBOA», de César de Oliveira, Henrique Santana e Gonçalve Preto. Música de Ferrer Trindade, Jorge Machado e Casal Ribeiro. Interpretação de Carlos Miguel, Natalina José e Joel Branco, entre outros.

Casa da Comédia

R. S. Francisco Borba, 22-24 — Tel. 60 72 99 / 67 74 81

De 3.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«NOITES DE ANTO», de Mário Cláudio. Música de João Paulo Soares. Um espectáculo de Filipe la Féria.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

De Terça a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«AS TRÊS IRMÃS«, de Anton Tcheckov. Tradução de Augusto Sobral, Carol Loff e Rui Mendes. Encenação de Rui Mendes. Cenários e figurinos de Vera Castro. Música de Paul Brandão.

Sala Manuela Porto

De 3.ª a 6.ª, às 15.00 (para as escolas); sábado, às 16.00; domingo, às 21.30

«ACENDE A NOITE«, de Ray Bradbury. Encenação de José Caldas. Cenários de José António Cardoso. Interpretação de Teresa Mónica, Fernando Luís, João Cabral e o músico Manuel Lourenço. Espectáculo integrado no projecto «Para Acender a Noite».

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todos os dias, às 21.45; dom. às 16.

CALCINHAS AMARELAS, de José Vilhena, com Camilo de Oliveira, Adelaide João, Carlos Gonçalves, Paula Marcelo, Jorge Nery, Herlinda D'Almeida, Isabel Santos e Lena Pires.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. de Sá da Bandeira, 180 — Tel. 225 50

De 3.ª a 5.ª, às 21.30; 6.ª e sábado, às 20.30 e 23.00; domingo, às 16.00 e 21.30.

«FESTA NO PARQUE«. Intérpretes: Dulce Guimarães, Camacho Costa, Carlos Areia, Doral Leal e José Viana, e ainda a cantora de jazz Maria Viana.

Porto — Teatro dos Modestos

R. Gonçalo Cristóvão, 190 — Tel. 204 12

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

Preço: 400$00

«O PÁSSARO VERDE«, de Carlos Gozzi. Pelo grupo «Os Comediantes». Encenação de João Paulo Costa.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00.

«O DESTINO MORREU DE REPENTE», de Alves Redol. Adaptação, dramaturgia e encenação: João Mota. Música: Carlos Mendes. Figurinos: Carlos Paulo. Coreografia: Cristina Graça. Ilusion.: José Vilhena. Intérpretes: Abel Neves, Almeno Gonçalves, Alfredo Brisso, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Cucha Carvalheiro e João Mota, etc.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Sala Garrett

De 3.ª a sábado, às 21.15; sábado e domingo, às 16.00

«O BICHO» e **«O TEMPO FEMININO»**, da **«TRILOGIA PORTUGUESA»**, de Miguel Rovisco. Encenação de Norberto Barroca. Interpretação de Rogério Paulo, Igor Sampaio, Irene Isidro, António Anjos, Luís Bandeira, Ruy de Matos, Madalena Braga, João de Carvalho, Carlos Pimenta e Fernanda Alves.

Sala Gil Vicente

De terça a sábado, às 22.00; sábados e domingos, às 17.00

«TRILOGIA PORTUGUESA (III)», de Miguel Rovisco. Encenação: Norberto Barroca. Cenários e figurinos: José Costa Reis. Música: Paulino Garcia.

Porto — Auditório Carlos Alberto

Dias 20, 21 e 22, às 21.45; dias 23 e 24, às 16.00 e 21.45

«BRUSCAMENTE NO VERÃO PASSADO», de Tennessee Williams. Pelo **Teatro Hoje**. Tradução: Manuel João Gomes, Encenação: Carlos Fernando. Cenários: Dalton Salem Asseff. Música: Sei Miguel.

Vasco Santana

Av. da República, na Feira Popular — Tel. 76 86 09

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«AS DUAS CARTAS», de Júlio Diniz. Pela Companhia Teatro Estúdio de Lisboa. Encenação de Luzia Maria Martins. Interpretação de Manuel Mendonça, Carlos Vieira, Helena Félix, Luísa Ortigoso Maria Dulce, António Machado, Vera Azevedo, Carlos Santos e José Brás.

Instituto Franco-Portugues

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 45 74

De 4.ª a sábado, às 21.45, até 16 de Abril

Preço: 300$00

«UM BOBO NA GARAGEM«. Improvisações de Jean-Pierre Tailhade.

Castelo de São Jorge

De 3.ª a sábado, às 21.30

«MONTEDEMO«, de Hélia Correia. Encenação e coreografia de João Brites. Interpretação do grupo de teatro «O Bando».

IFICT

R. de Santiago, 19, ao Miradouro de Santa Luzia

De 14 a 20 de Abril, às 21.00

«O SONHO«, de August Strindberg. Pelo TEUC. Encenação de Rogério de Carvalho. Cenografia de José Manuel Castanheira. Música de Alberto Lopez. Luz de Jorge Ribeiro. Figurinos de Ana Rosa Assunção.

Porto — Tearto

De 5.ª a domingo, às 21.45; sábado e domingo, também às 17.00

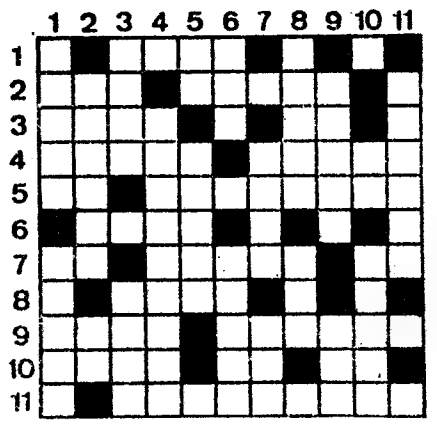
«ESTILHAÇOS«, de Castro Guedes. Pelo TEAR. Encenação de Castro Guedes, Interpretação de António Capelo, António Cruz, Fátima Castro, Jorge Mota, Jorge Pinto e Luís Correia.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17 312

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Paixão. Conjunção. Artigo definido.
2 Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Torna pior.
3 Raera. Abreviatura de radiano, unidade de ângulo.
4 Esclarece com comentários. Romance de Eça de Queirós.
5 Sentidas Condolências. Induzes.
6 Catafalco.
7 Milímetro. Zelosa. Frâncio (s.q.).
8 Morada.
9 Sair frequentemente à rua. Cidade do México.
10 Falha. Seguia. Item.
11 Misturares.



VERTICAIS:

1 Dás oiro a. Homicídio.
2 Dominam. O mesmo que uma (ant. e pop).
3 Ilha do Pequeno Belt. Rosto.
4 Comprometeram seriamente.
5 Abreviatura que se usa em música. Lavrais.
6 Víscera dupla. Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto.
7 Artigo definido. Além disso. Colina na Suécia.
8 Vagueias. Armaria.
9 Torna ditoso. Curso de água natural e abundante. (inv.º).
10 Autores. Valente.
11 Percorrer.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

1 A. MORTE. Dar.
2 Faria. Aaro.
3 Papassem. Al.
4 Omar. Uai!
5 Rãs. Safem.
6 Ma. Se. Aio.
7 Acolá. Ina.
8 Am. Há! Vi.
9 Diapasão.
10 ABRE. Tejo.
11 Sasão. Au.

VERTICAIS:

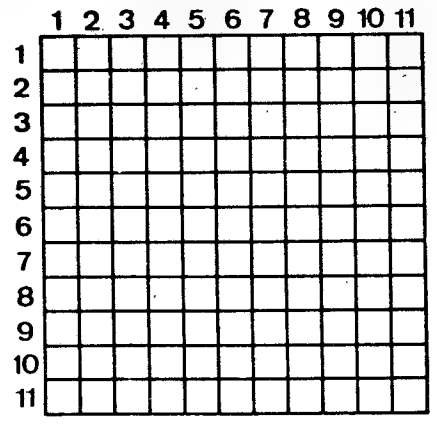
1 A. PORTA. DA.
2 FAMA. Caibo.
3 Marasmo. Ar.
4 Orar. Alapes.
5 Ris. Ama.
6 Tascas. SSS.
7 E. FECHA. A.
8 Amue. Aoto.
9 DA. Amai.
10 Arai. INVEJA.
11 Rol. Coai. Ou.

PROVÉRBIO:
A morte abre a porta da fama e fecha a da inveja.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 133

HORIZONTAIS:

1 Cabo de Espanha à entrada do estreito de Gibraltar.
2 Interjeição de dor. Pedra de altar. Pequeno barco de recreio.
3 Origem. Esteiros.
4 Vigor. Rio da Suíça.
5 Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). Escarneçam. Artéria.
6 Prefixo de negação. Acrescentar.
7 Mãe de Ismael. Artilharia antiaérea.
8 Conjunto de leitos numa só sala (pl).
9 Albergam por esmola. Abreviatura de Santíssimo.
10 Nome que se dá ao combóio expresso de Paris. Chegai a porto (o barco).
11 Rezar. Ilha do Pequeno Belt.



VERTICAIS:

1 Cidade de Itália. Casualmente.
2 Braço de mar. Golfo também chamado de Livónia. Pátria de Abraão.
3 Nota musical (inv.º). Que se mamou.
4 Construir. Chefe etíope.
5 Aparência. Terceiro. Braço de mar.
6 Lagarta. Ilha do Mediterrâneo entre a Sicília e a África.
7 Na Índia, deus da Justiça e da Morte. Falha.
8 Camareira. Gostar muito de.
9 Roçarias. Cobalto (s.q.).
10 Brisa. Sadia.
11 Nome de planeta. Igualmente.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 132

HORIZONTAIS:

1 Acra. Sacara.
2 Toa. Osos.
3 ER. Barcas.
4 Atracar. Aa.
5 Roeram. Alva.
6 Gr. Abater.
7 Área. Sora.
8 Bari. Aros.
9 Sa. Ruína.
10 Fão. Mio. Ad.
11 Asse. Arames.

VERTICAIS:

1 Atear. Abafa.
2 Corto. Tã. As.
3 Ra. Reger. Os.
4 Barrais.
5 Saca. Am.
6 Am. Ia.
7 Cr. Bo. Ror.
8 Coa. Aarau.
9 Assaltariam.
10 Ro. Ave. Onde.
11 Aso. Arosa.

Rádio

Antena Um

17.00: Pequeno jornal e sete mares; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Musical; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Diálogo; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

16.30: Álbum musical; **17.00**: Estórias da História; **17.30**: Trechos de ópera; **18.40**: Danças e marchas, de Mozart; **19.00**: Integrais; **19.45**: Música para piano, de Chopin; **20.40**: Música para clarinete; **21.00**: Histórias de música... e outras; **21.30**: O compositor interpretando a sua obra; **22.00**: Música vocal comentada; **23.00**: Concerto sinfónico; **00.50**: Conjuntos instrumentais; **01.50**: Último andamento; **02.00**: Disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397-m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Banda da amizade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Boa nova; **20.30**: Conversa de amigos; **21.00**: Nove e tal; **22.00**: A nossa música; **22.05**: Leigos em congresso; **22.30**: Bola branca; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial da BBC; **23.55**: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

10.00: Cem mais; **19.00**: Belo horizonte; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa-tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30Transmissão do terço; 19.00**: Grande bazar.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Da veiga à serra; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fontes termais.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Triângulo; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço.

TELEVISÃO

RTP 1

17.36 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
«As Aventuras de Punqui»

18.10 - Estúdio 4
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Roque Santeiro
130º Episódio: Malta e Poprcina discutem o caso da fazenda velha, ele faz-lhe ver que o pedaço de terra ainda está em seu nome, pelo que se torna impossivel fazer doações. Porcina não desiste de levar a sua avante, e tenta convencê-lo a tomar uma atitude generosa e ofecer a fazenda ao padre, mas Maltra recusa-se obstinadamente. É então que Porcina decide apostar todo o dinheiro que tem nas corridas de cavalos. Malta aceita a aposta, mas entretanto, pede ao delegado Feijó que resolva a questão da propriedade do seu terreno. Este acaba por fechar a Fazenda do leite.

21.10 - Primeiro Andamento
«Concerto de Macau»

21.45 - Telemundo
21.45 - Terras Distantes
Uma mini-série de quatro episódios baseada no romance com o mesmo nome da autoria de Nevil Shute, adaptado para a televisão por Peter Yeldham.
A história passa-se num vale distante e tranquilo na Austrália. Uma rapariga inglesa apaixona-se por um emigrante checo que não consegue exercer a sua profissão de médico na Austrália. Mas o seu amor ultrapassa todas as barreira e os dois acabam por encontrar a felicidade no vale idílico.

23.15 - 24 Horas
23.50 - Remate

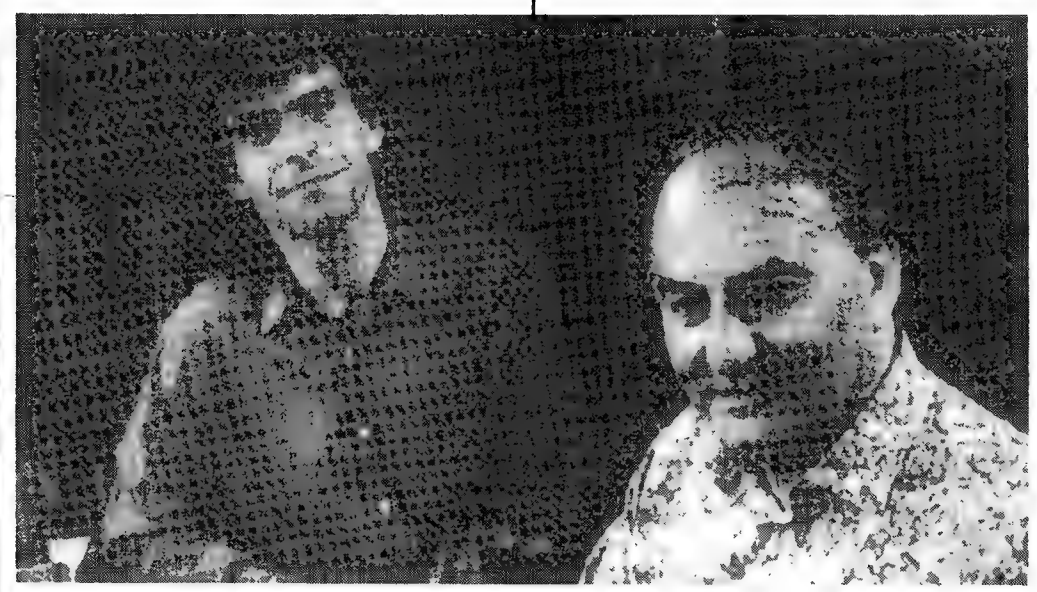
No 1º canal às 22.20, 0 1º episódio da série «Terra Distante»

RTP 2

15.40 - Santa Tereza d´Ávila
6º Episódio

16.40 - Trinta Minutos Com...
Samuel

17.10 - Os Imigrantes
227º Episódio



2º Episódio da série «Do Oriente para Ocidente», no 2º canal às 23.00

18.00 - Ponto por Ponto
19.05 - Formula One
20.00 - Naked City
Louis Wystemski, um trabalhador, é preso por bater na mulher, em estado de embriaguês. Na zona chique de Park Avenue, Adam Flint e Arcaro prendem Gordon Lanning por, embriagado, bater na mulher.
Dois homens de meios diferentes, com profissões distintas, mas com uma característica comum: a capacidade de exprimirem os seus sentimentos mais profundos áqueles que amam.
Realização de William A. Graham

21.00 - Jornal das Nove
21.35 - Montra de Livros
21.40 - Magazine «Artes Plásticas»
23.05 - As Teias da Lei
2º Episódio da II série

23.00 - Do Oriente para o Ocidente
2º Episódio: Toru Takemitsu é, sem dúvida, o mais famoso compositor moderno japonês. Educado no Japão do pós-guerra, começou por rejeitar a cultutra tradicinal e virou-se para a música europeia.
Toru Takemitsu é essencialmente um artista contemplativo, muito preocupado com a natureza, mas também um amante de jazz, de ficção científica, de histórias policiais e, sobretudo de cinema.
Este espisódio, que pretende ser um retatto do autor, fala-nos da evolução do seu estilo e inclui várias peças da sua autoria.
Realização de Barrie Gavin

AMANHÃ

RTP-1
09.01 - Bom Dia
10.00 - As Dez
12.15 - Selva de Pedra
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
17.36 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
18.05 - Estúdio 4
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Concurso D.N./RTP
20.25 - Roque Santeiro
21.15 - Televisão e Divertimento
22.00 - O Programa das Festas
22.55 - 24 Horas
23.25 - Remate
23.40 - Pela Noite Dentro

RTP-2
13.16 - Totally Live
14.10 - Agora Escolha!
15.40 - A Grande Época
16.40 - Trinta Minutos Com...
17.10 - Os Imigrantes
18.00 - Ponto por Ponto
19.10 - Formula One
20.05 - Cidade Nua
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Clube de Jornalistas
22.10 - O Detective Cantor
23.15 - Entre Barreiras
23.45 - Troféu

ESPECIAL FÉRIAS/88
no HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um programa especial «Férias 88» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no ecosegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, etc.

Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incl.
ABRIL, MAIO, JUNHO e OUT.
Programa 1: 11 700$00 – 6 noites/7 dias c/entrada DOMINGO e saída SÁBADO.
Programa 2: 14 700$00 – 7 noites/8 dias. Entrada a qualquer dia.
JULHO, AGOSTO, SETEMBRO
13 500$00 – Programa 1 16 800$00 – Programa 2

- Peq. Suplemento p/ocupação single
- 1 a 31 de Agosto supl: 1000$00/dia/quarto em qualquer modalidade

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 88», por escrito para CP 4900 ou telef. (058) 24151/5, Telex 32511 HOPARC P ou no seu AGENTE DE VIAGENS

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 Terra Distante

RTP 2 Magazine «Artes Plásticas»

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

PORTE PAGO

DL

Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54/5 — 32 02 71/ 2/ 3 — Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71/ 2/ 3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84
Preço do «DL» nos Açores e Madeira: 65$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos

Director adjunto Fernando Piteira Santos

ÚLTIMA HORA

O secretário-geral do PS, Vítor Constâncio, defendeu hoje a adopção de uma política de co-desenvolvimento internacional para orientar e reformular uma economia mundial em crise. «Economica e financeiramente o mundo está hoje suborganizado para fazer face à crise», disse, considerando a cooperação e a coordenação internacionais «indispensáveis para criar as condições de um maior crescimento não inflacionário da economia mundial». Constâncio falava uma reunião internacional promovida pelo seu partido.

Governo compra por 75 mil contos mapa português do século XVII

Uma carta portulana da autoria do cartógrafo português João Teixeira Albernaz, datada do século XVII, foi adquirida ontem num leilão da Galeria Christie's em Londres pela Secretaria de Estado da Cultura, tendo custado ao Estado a quantia de 75 mil contos. O mapa, cujo estado de conservação «é excelente» segundo António Lamas, presidente do Instituto Português do Património Cultural, organismo encarregado da transacção, remonta a uma época entre 1620 e 1640 e representa o Oceano Atlântico, os continentes europeu, africano e a parte sul da América, com indicação dos portos.

Apenas se conhecem cinco mapas da autoria de João Teixeira Albernaz, o primeiro do nome: um pertence a uma biblioteca particular portuguesa, outro encontra-se na Biblioteca do Congresso em Washington, um terceiro na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e um quarto na Biblioteca Nacional de Paris. No mesmo leilão foi adquirido um outro portulano português, de 1578, da autoria de Luís Teixeira, pelo presidente luso-alemão da Academia de Armas Antigas, Rainer Daehnhardt. Custou-lhe o mapa, que não mostra a costa americana, cerca de 33 mil contos.

Também a Secretaria de Estado da Cultura estava interessada na aquisição deste segundo portulano que se encontrava em licitação, mas preferiu-se não o fazer porque, explicou António Lamas, «estava num estado de conservação duvidoso pois tinha apanhado água». A mesma fonte acrescentou que a Secretaria de Estado, através do IPPC, «vai fazer um apelo à subscrição pública» para comparticipação na verba dispendida na compra, «tendo já garantido o apoio da Marconi, do Banco Português do Atlântico e da Cimpor», que ofereceram «verbas substanciais».

O caso, pensam os responsáveis pela Cultura nacional, não é para menos, já que aquelas duas cartas só recentemente foram descobertas, depois de terem estado escondidas desde as invasões napoleónicas. Um e outro mapas pertenceram à colecção dos condes de Maldeghem e estavam na posse dos descendentes dessa nobre família da Flandres. Registe-se que o portulano de Luís Teixeira (pai de João Teixeira Albernaz) terá igualmente um destino nobre: Daehnhardt pensa fazê-lo seguir para os Açores, depois de figurar na exposição de cartografia que se realizará em Tomar no mês de Junho e, em Dezembro, no Centro Comercial das Amoreiras, em Lisboa. E contestou a afirmação do presidente do IPPC, garantindo que a sua aquisição se encontra em muito bom estado.

O exemplar adquirido pela Secretaria de Estado da Cultura, que é de facto o mais interessante, mede 76,5 por 94,5 centímetros e apresenta como sinais distintivos do seu autor uma figura de homem ajoelhada diante de uma cruz, na costa ocidental africana. Outro pormenor característico do cartógrafo João Teixeira Albernaz é o desenho do castelo da Mina que não obedecia ao que era habitual na época.

No leilão foram igualmente vendidos vários livros relacionados com Portugal: uma obra, em dois volumes, de George Thomas Landmann, sobre «Observações Históricas e Militares e Gravuras sobre Portugal», datada de 1818, alcançou o valor de 1200 contos. O livro de William Bradford, datado de 1812, com gravurar de Portugal e Espanha, chegou aos 235 contos. Uma «História da Madeira», de William Combe, datada de 1821, com 27 gravuras coloridas, foi adquirida por 200 contos. Um lote com a primeira edição de «Portugal Ilustrado», de 1828, por William Morgan Kinsey, e a «História da Revolução de Espanha», por Giuseppe d'Orleans, atingiu o valor de 78 contos.

/D/E/C/A/R/A/S/

NUNES LIBERATO, secretário de Estado da Administração Local, partiu ontem para Cabo Verde onde dará aplicação ao protocolo assinado entre os dois países nos domínios da administração local, urbanismo e ordenamento do território. Entre as acções de cooperação previstas conta-se o apoio técnico na recuperação de centros históricos e no planeamento urbanístico. Durante a visita, que se prolongará até ao dia 20, o secretário de Estado português será recebido pelo Primeiro-Ministro e pelo titular dos Negócios Estrangeiros de Cabo verde.

LIZ TAYLOR, actriz conhecida e presidente da Fundação Americana para a Investigação da Sida, lançou no Japão uma vasta campanha de recolha de fundos para combate à doença. A sua esperança é de recolher três milhões de dólares até ao final do ano, motivo por que apelou particularmente à riqueza e à generosidade dos japoneses para ajudarem no combate à «mais perigosa ameaça contra a vida humana». Além do mais, Liz anunciou já a sua participação num jantar de gala que reunirá duas centenas de grandes nomes da política, dos negócios e do mundo do espectáculo japonês.

RUI VELOSO começou, ontem, em Guimarães um digressão pelo país, num percurso que já tem actuações marcadas para Outubro, mês em que actuará em Lisboa, no Cinema Império, nos dias 7, 8 e 9. Entretanto, deverá aparecer em meia centena de localidades portuguesas, entre as quais Braga, Matosinhos, Barcelos e Porto, onde ficará dois dias, também em Outubro (a 4 e 5). A Serra da Estrela, a 6 de Agosto, e um palco flutuante, em Cascais (a 27 de Agosto), são locais de outros espectáculos já anunciados.

DAVID MOURÃO FERREIRA estará amanhã no Espaço CESL Café Concerto para, no seguimento do ciclo «Fernando Pessoa, 100 anos», falar sobre a sua vida e obra. O escritor aproveitará para autografar exemplares de «Um amor feliz», que lhe rendeu o grande prémio de romance da Associação Portuguesa de Escritores, no ano passado, e o seu último livro de poesia, «O corpo iluminado». Além disso, está patente naquele espaço uma exposição-venda de livros de e sobre Fernando Pessoa, à venda com 20 por cento de desconto sobre o preço de capa.

STEVIE WONDER inicia no dia 6 de Maio uma série de três espectáculos ao vivo, em Hong Kong, com bilhetes cujos preços variam entre as 200 e as 250 patacas (de quatro a cinco contos). Esta deslocação do cantor negro americano está integrada numa digressão pela Ásia, que se inicia no Japão e terminará na Tailândia, no dia 25 do próximo mês. Esta será provavelmente, segundo os organizadores, a última oportunidade de se assistir a um espectáculo de Stevie Wonder ao vivo, uma vez que ele ele anunciou s suspensão, a partir do próximo ano, de todas as suas digressões.

CHICO BUARQUE DE HOLANDA será o último dos brasileiros a actuar no Casino do Estoril, integrado numa série de espectáculos programados para Maio e que inclui os nomes de Maria Bethânia e Roberto Carlos. No caso deste último, fará três espectáculos, todos no Casino, a 5, 6 e 7 de Maio. Maria Bethânia, por sua vez, iniciará uma série de espectáculos em vários pontos do nosso país, com uma actuação naquela sala. Enfim, uma aposta na «música popular brasileira».

A 18 e 19 de Junho

Centenário de Fernando Pessoa leva arraial ao Terreiro do Paço

Por obra e graça do centenário do nascimento do poeta Fernando Pessoa, a Praça do Comércio, em Lisboa, vai ficar dois dias sem carros e ser palco de um autêntico arraial popular.

Isso acontecerá em 18 e 19 de Junho, depois de em 12 e 13 do mesmo mês outros festejos do centenário do poeta terem lugar no Largo do Testro Nacional de São Carlos, onde Pessoa nasceu.

As duas iniciativas cabem à Câmara Municipal de Lisboa, têm o lema geral «Fernando Pessoa para o povo» e são coordenadas pelo actor João d'Ávila, que desde há 25 anos tem participado em diversas acções de divulgação do poeta da «Mensagem».

A festa de anos de Pessoa começa com música junto ao São Carlos (enquanto em Alfama se estiver a celebrar o Santo António) e prolonga-se, dias depois, na Praça do Comércio — ou Terreiro do Paço, que para o efeito receberá iluminação especial e se prolongará por uma série de barcos que ajudarão a formar «o ambiente».

Aí, em volta da estátua equestre de D. José, haverá «comes e bebes», música e dança, teatro e circo.

«São festejos para o povo e para Fernando Pessoa, uma pessoa como nós» — disse o coordenador-geral desta manifestação, que depois dela irá interpretar a figura de Bernardo Passos (um dos heterónimos) num vídeo a realizar pelo espanhol Raul Rodriguez.

Igualmente iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, o trabalho do realizador madrileno, com guião de Ernesto Melo e Castro, baseia-se no «Livro do desassossego» e destina-se tanto a universidades como ao futuro museu Fernando Pessoa.

O Centro Nacional de Cultura está a colaborar com as entidades municipais na organização dos festejos pessoanos do mês de Junho.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

N.º 350

CLARÍN e *LA REGENTA*

Uma psico-sociologia do adultério

Passados já cem anos desde a aparição em Espanha de **La Regenta** (1885), de Leopoldo Alas «Clarín», foi agora apresentada à atenção do leitor português a tradução desta obra-prima da narrativa oitocentista, comparável aos grandes romances europeus da época (**A Corregedora,** Contexto, 1988).

Sem dúvida que não deve ter passado despercebida, no momento próprio, entre os raros hispanistas portugueses ou entre os interessados, talvez mais raros ainda, pela literatura espanhola sob forma romanesca.

A sua edição provocou uma forte polémica, quase um escândalo, nesse prolongado panorama de crise de valores que atravessa o fim de século espanhol. Mais tarde, uma leitura beata e alteradora do seu sentido estrito foi a que levou, sem estridências evidentes, sem censuras governamentais ou eclesiásticas contundentes, a um período de hibernação do texto, devido não tanto à falta de edições (2.ª ed. 1901; 3.ª ed. 1908; **Obras Selectas,** da editora Emecé de Buenos Aires, dificilmente acessível na Península já no momento da publicação, 1947) como à sua reduzida ou nula inclusão nas antologias de textos para o Ensino Secundário, em que se incluem porém fragmentos narrativos de contemporâneos de «Clarín» ideologicamente muito mais conservadores. E bem conhecemos a influência que factos como este têm quando se pretende condenar ao esquecimento um autor, pois eliminando-o do conjunto de leituras, exclui-se das coordenadas referenciais histórico-culturais, literárias, socioideológicas, mitificadoras, com que o aluno acabará por construir um universo mental com que interpretar e interpretar-se na vida.

Será já avançada a década de 60 que este romance começará a ser lido em níveis socioculturais que ultrapassam as estritas elites universitárias. Produzir-se-á então aquilo a que gosto de chamar o «boom» de **Regenta:** em «El libro de bolsillo» da Alianza Editorial, de Madrid, aparecerá em 1966, com 16 edições até ao momento do centenário; foi publicada, precedida já de uma introdução, e dotada de bibliografia e notas, por J.M. Martinez Cachero, em Planeta, Barcelona, em 1967; em 1976 (Ed. Noguer) e em 1981 (Ed. Castalia), ambas com prólogo e notas a cargo de prof. Gonzalo Sobejano, e em 1984, na colecção Letras Hispánicas da Ed. Cátedra, a excelente edição, em dois volumes, com introdução, bibliografia e notas do prof. Juan Oleza.

La Regenta é a história de uma jovem provinciana, Ana Ozores, casada com um homem público, bondoso, mas muito mais velho do que ela, que parece professar-lhe sobretudo um amor filial. Ana, consciente da sua frustração pessoal a nível afectivo e físico, oscila emocionalmente entre o seu confessor, o cónego magistral da catedral de Vetusta (transposição literária de Oviedo, nas Astúrias), apaixonadamente enamorado dela, e Álvaro Mesía, cacique liberal e sedutor experimentado que acaba por lograr os seus propósitos. Mas a maior carga narrativa reside fundamentalmente na luta que travam ambas as personagens pela possessão física de Ana, por um lado, e por outro, o compasso de espera em que se mantêm outras personagens femininas do romance, secundárias mas não por isso menos importantes, para saber se a, aparentemente invulnerável, Corregedora cai nas redes que lhe estende o amor extramatrimonial como aconteceu com algumas delas.

Quando Leopoldo Alas (1852-1901) publica o romance, era já conhecido a nível local pelo seu magistefio como catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Oviedo (já com uma bibliografia séria publicada) e pelos seus artigos críticos em revistas e jornais nacionais (primeiro no **Solfeo** e depois em «La Unión», ambos de tendência republicana). Nos seus primeiros artigos apresenta-se basicamente como um redactor que escreve sobre qualquer tema, mas que mais tarde se irá especializando em crítica literária até chegar a ser uma assinatura cotizada nessa sociedade incipientemente consumista, regida pela lei da oferta e da procura. O mecenato literário tornou-se já desnecessário, o dinheiro emancipou o escritor. Este é um processo marcadamente positivo, mas já o jovem «Clarín» intui alguns dos aspectos negativos do mesmo: os intermediários, os editores que exploram o escritor, a pressa em publicar, a falta de espaço que se lhe atribui, até que o escritor acaba por converter-se no que ele muito expressivamente denominará de «jornaleiro das letras».

Nos seus artigos de crítica literária mostra, desde muito cedo, inclinação pela crítica de actualidade e revela estar em dia não só com o que se escreve dentro do país mas também no que se refere à literatura francesa, alemã, inglesa...

Entre este conjunto de artigos merecem destacar-se os que publica entre Janeiro e Julho de 1882 na revista **La Daiana,** sob o título «Del naturalismo», nos quais comenta detidamente as bases teóricas que orientam a estética do novo romance da escola naturalista, aparecidas no volume de E. Zola: **Le roman expérimental.** O método naturalista baseia-se na observação e experimentação. A observação, segundo «Clarín», constitui-se na relação que se estabelece entre o romancista e o mundo externo, físico, psicológico e social; a experimentação, no modo de tratamento dos dados recolhidos «para produzir o resulta que lhes é próprio em determinadas condições **ad hoc».** De qualquer modo, e a nível teórico, não parece que «Clarín» se tenha manifestado totalmente de acordo com os postulados do naturalismo francês, já que não existe menção nos seus escritos sobre o papel da herança fisiológica e do determinismo ambiental vistos sob uma óptica de mecanicismo fatalista.

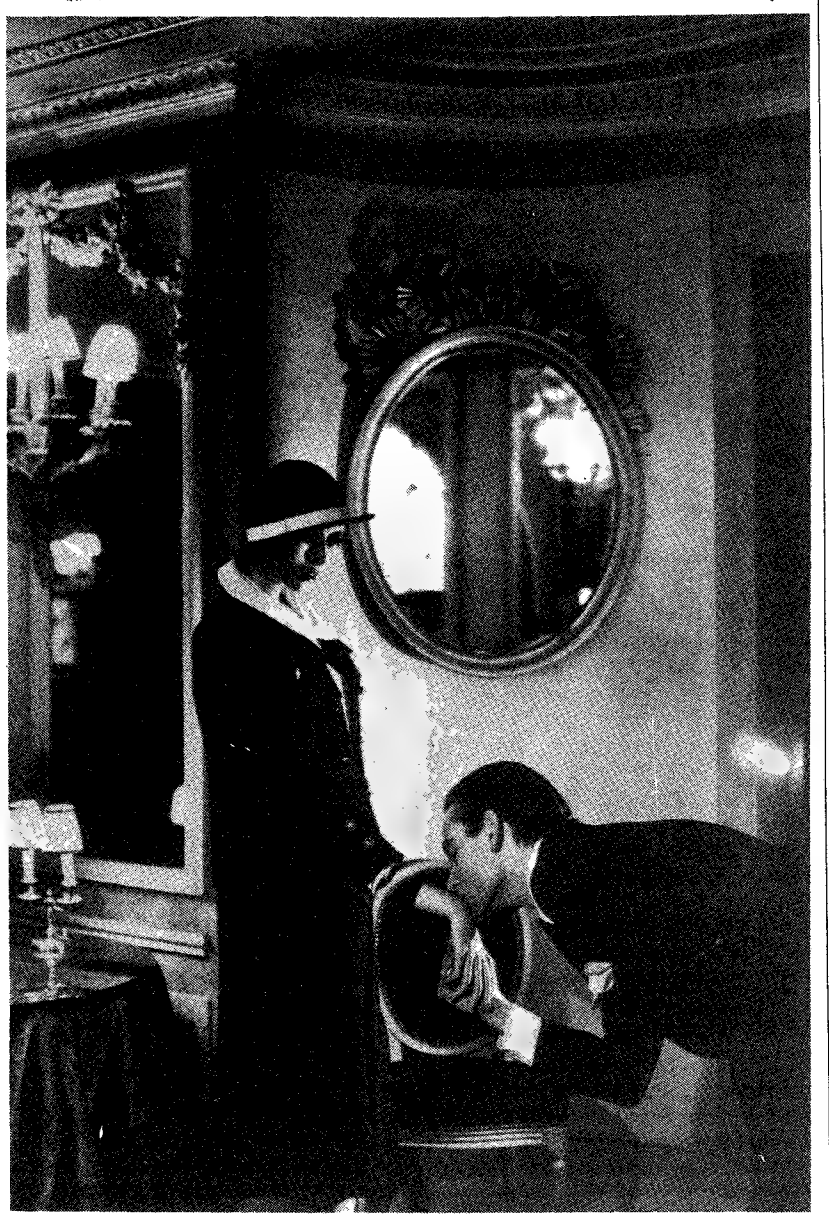
Parece recusar sistematicamente a identificação naturalismo-determinismo. E, contudo, em **La Regenta,** podem ser entendidos como rasgos de cariz plenamente naturalista: a importância concedida ao passado psicossomático de Ana Ozores, que acaba sendo vítima dos defeitos do seu pai (um nobre «que se había hecho masón, republicano y, por consiguiente, ateo», um livre-pensador que terá de exilar-se), e a perda da mãe no momento do seu nascimento, que a tornará vítima da educação rígida e funesta da sua perceptora, Camila, factor decisivo na génese do desequilíbrio espiritual e físico que afectará para sempre a rapariga; assim como também o passado do Magistral, Fermín de Pas, condicionará inexoravelmente a sua própria trajectória vital, dominada pelo sentimento-dívida de gratidão relativamente à mãe e tiranizada por esta mulher que, com tanto esforço, o tinha elevado a ele desde o nada até aos cumes do poder em Vetusta (até ao ponto de poder seleccionar as damas de sociedade que queria confessar, e até ao ponto de ser possível em momentos de crise espiritual consolar-se pensando que: «la energia de su voluntad no encontraba obstáculo capaz de resistir en toda la diócesis. Él era el amo del amo... Contemplaba la ciudad. Era una presa que le disputaban, o que acabaría de devorar él solo»). E determinismo ambiental é o isolamento a que a sociedade submete a adúltera Corregedora, já que ninguém na cidade tinha esquecido as suas origens (o seu pai casado «com uma humilde modista italiana que vivia no meio de seduções sem conta, honrada e pobre») (cap. IV):

«— Es necesario aislarla...! Nada, nada de trato con la hija de la bailarina italiana!

El honor de haver resucitado esta frase pertenecía a la baronesa de la Barcaza» (cap. XXX).

Há que destacar, além disso, que este ambiente social asfixiante, que oprime e determina a actuação das personagens, é tão marcado ao longo do romance que acaba por gozar de um estatuto privilegiado de personagem colectiva, paradigmática da Espanha da Restauração.

Contudo, o fatalismo não é total. O livre arbítrio existe e exercita-se através da personagem de quem menos seria de esperar: de Víctor Quintanar, o marido enganado. Ele conhece bem a solução que deve dar ao seu caso como actor amador e leitor constante que é dos dramas calderonianos e, como se isso não bastasse, o Magistral vai-lhe manifestando insidiosamente o seu dever. Víctor vê-se pois pressionado pela tradição cultural e pela sociedade a lavar a sua honra (na opinião geral e compartilhada pelo narrador — note-se o uso do verbo no plural — **«costume bárbaro que tínhamos herdado da Idade Média»).** Mas decide **livremente** perdoar a Ana (transgressão pública da norma reguladora) e desafiar A. Mesía para um duelo de pistola. Mas, como transgressão íntima, reflexo da sua liberdade de acção: «Cuando supo lo de las pistolas, resolvió no matar a su contrario. 'Le dejaría cojo. Tiraría a las piernas. El otro no era probable que le hiriese a él tirando a veinte pasos; tendría que ser por una casualidad'.»



Naturalismo ideológico, pois, presente em maior ou menor grau em **La Regenta,** interessa também destacar a inclusão do humor, da sátira, da paródia, no tratamento de temas e personagens, com uma finalidade moralizadora, fustigadora de todos os vícios sociais: a ambição, a mentira, a vaidade, a hipocrisia, a soberba, a trivialidade, o baixo sensualismo, a falsa religiosidade, o caciquismo, o oportunismo político... E tudo isso tentando manter uma perspectiva narrativa de imparcialidade, de não ingerência nos factos, pretendendo sempre o narrador não deixar marcas textuais que denunciem a sua posição. Daqui o recurso à focalização interna da personagem (discurso indirecto livre, monólogo interior indirecto) e a manter-se como narrador à margem, o que nem sempre se apresenta como tarefa fácil (constata-se em numerosas ocasiões um tipo de discurso conativo e valorativo que denuncia a subjectividade do narrador).

Assinalávamos, mais acima, que a publicação de **La Regenta** causou um verdadeiro escândalo, e causou-o sobretudo em determinadas esferas so-

Continua na pág. 6

MEMORIAL DO CONVENTO

Uma personagem chamada língua portuguesa

MEMORIAL do Convento: vão-se os olhos por este livro como ouvindo música até Mafra. Música de cravo — e cravo que teima nos acordes mesmo quando mergulhado num poço. Porque, na verdade, esta escrita é um som. Um som que nasce do hábil arrumo da frase, que ora em memória (e não só) se apoia no decassílabo, ora na redondilha maior, ora ainda na redondilha menor, que senão noutros metros também. Só o atento ouvido dos olhos (passe a expressão) capta o itinerário e a pauta de semelhante música — e eis então que se ouve o português que todo um povo foi construindo e aperfeiçoando ao longo dos séculos...

Através desta língua, destas medidas, deste som — temos o **acto** da nossa História. Assim é: e aqui, no **Memorial do Convento**, temos o Convento de Mafra, a época de D. João V, o voo (antes do tempo oportuno e completo) da passarola voadora de Bartolomeu de Gusmão. E temos igualmente o hífen que, de uma palavra a outra, liga o povo de então ao povo que ora somos.

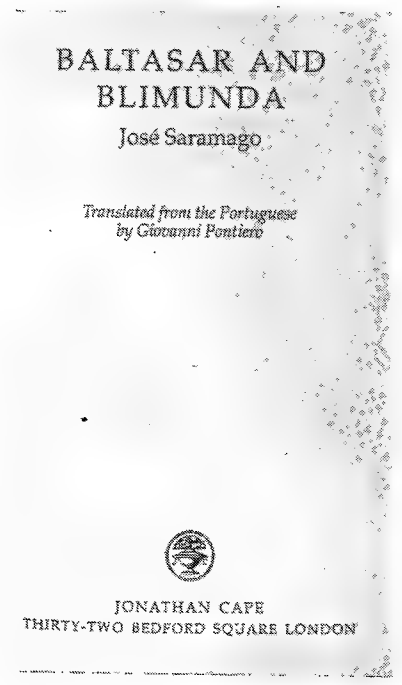
Autêntico quadro a óleo nas cenas de opressão de todo um povo (ou na denúncia das ridículas posições do poder), aguarela na captação de momentos líricos, e também desenho de traço caricatural em instantes que outro risco não merecem — este **Memorial** é um livro que toma o leitor nos seus longos parágrafos, o dissemina por numerosas molduras, o situa em variados redemoinhos, o obriga, enfim, a respirar ao ritmo da língua de toda uma nacionalidade. Ritmo que muda (anunciando já outros tempos) o nome de Scarlatti em Escarlate...

Que a verdade é esta: o leitor transforma-se no corpo do **Memorial**, repentinamente é tudo **um**, momentos se alcançam em que ele, leitor, se está lendo a ele próprio. Saramago leva-o à escrita, desmultiplica-o por consoantes e vogais (e daí os muitos rostos que surgem, estão e não estão), plasma-o ao longo da narrativa. Torna-o desperto de sons e pedras — e fá-lo construir o Convento de Mafra contra vontade. Mas o leitor (que é o povo de então, que é o povo de agora, que é a mesma nacionalidade de agora e de então) saberá libertar-se das ordens obscuras e arbitrárias do poder: e, um dia, voará. É uma questão de vontade, de **vontades**, um simples (e difícil) arrumo de coisas. Até porque uma língua (e a língua portuguesa, o Português, é a personagem maior nesta obra de Saramago) terá sempre novas palavras, novo ritmo, nova medida para ir ocupando o espaço dos tempos que se vão apresentando e que sempre hão-de vir.

Sem dúvida que o leitor, pelos passos do **Memorial**, pedreiro que é também da língua que lê, fala e ouve, muitas vezes (e já na qualidade de canteiro) a si próprio fará esta pergunta: «Quando sairei deste labirinto tão fechado, que não só me tem por entre paredes mil, como também me leva a construí-lo contra o desejo de voo que em mim exite?» E dando o braço a uma personagem que é a língua de toda uma nacionalidade de todo um povo, de toda uma independência e presença no Mundo, o leitor então sai mesmo para fora, **exorbita**, é ganho por aquela sábia perspectiva que mostra nem coisas grandes, nem coisas pequenas, mas as coisas todas devidamente interdependentes umas das outras. Um todo, enfim.

Um todo só aparentemente parado: porque (como claro irrompe no decorrer do livro) respostas há muitas — e só as perguntas é que não são bastantes. Mas quando um povo aprende a fazer perguntas através da língua do seu berço, do seu suor, da sua aventura — então, sim, surgem as respostas, e, surgindo as respostas, logo outro é o sentido da vida. É a **passarola**, é a aeronave, é o pé na Lua. E todas as coisas, assim vistas do alto, ganham as suas verdadeiras dimensões — e o Convento de Mafra limita-se a ser um grão de areia à superfície da Terra, reflectindo a pequenez de quem o ordenou e a grandeza de quem (a outros **actos** destinado) foi coagido a erguê-lo. Tal nos diz, ao longo dos mais diversos ritmos, e também ao som do cravo de Scarlatti (a quem o povo chamava Escarlate), uma grande personagem do **Memorial**: a língua portuguesa, o Português, em toda a sua longínqua memória, e em toda a sua força presente, activa — e voadora.

Pedro Alvim



Memorial do Convento, de José Saramago, foi agora editado na Grã-Bretanha, com o título *Baltazar and Blimunda,* pela Jonathan Cape, com uma tradução do português a cargo de Giovanni Pontiero.

Um Inverno em Lisboa

— Dispara, Malcolm. Me harías un favor.

— Donde he oído yo eso antes? — dijo Toussaints Morton, pero a Biraldo le pareció que su voz sonaba en otra habitación, porque el sólo veía frente a sí las pupilas de Malcolm.

— En **Casablanca** *— dijo Daphne, con indiferencia y precisión —. Bogart se lo dice a Ingrid Bergman.*

(in El invierno en Lisboa, páginas 140 e 141)

QUASE dois anos depois de se haverem separado em San Sebastián, Santiago Biraldo e o narrador voltam a encontrar-se em Madrid, à meia-noite, ao balcão do Metropolitano, nome do bar onde Biraldo (aliás Giacono Dolphin) tocava agora o seu piano, acompanhado por um contrabaixista e um baterista francês.

Assim se inicia um dos romances de maior sucesso entre todos os publicados no ano transacto no país vizinho. Trata-se de uma obra que toca de perto a própria cultura portuguesa, não apenas porque o livro se intitule **El invierno en Lisboa** e a sua acção decorra parcialmente na capital portuguesa, mas porque, sem dúvida, ele reflecte a própria descoberta espanhola do país que tem a ocidente e que tem sistematicamente ignorado (com retribuição do lado de cá):

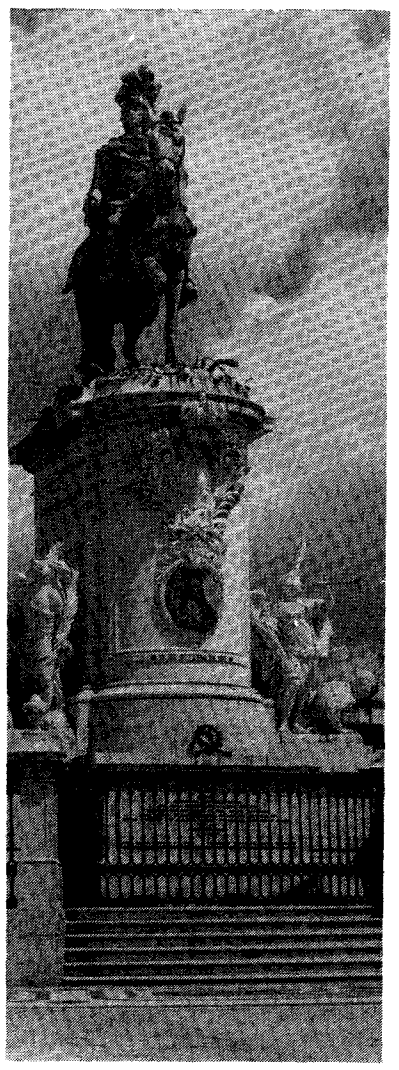
«Durante años lo habría dado todo por vivir en Praga, en Nueva York, en berlín, en Viena. Ahora el nombre era Lisboa».

O romance tem sido apontado como constituindo homenagem ao cinema «negro» americano, à literatura policial, ao jazz. Essas influências são evidentes e precisas. Não apenas a intriga «policial» e os heróis são característicos da literatura e do cinema «negros» («Porque habían nacido para fugitivos amaron siempre las películas, la música, las ciudades extranjeras»), como se chega a ter a impressão de se estar no coração de uma gigantesca metáfora cujo referente é o próprio mundo cinematográfico, tantas e tão evidentes são as sugestões comparativas com o cinema. É Billy Swan, o músico de jazz, com a carta tapada pela aba de um desses chapéus «que usaban los actores secundarios en las películas antiquas». É Toussaints Morton que fala exactamente como os negros dos filmes. É também Biraldo, orientado pelo seu instinto de cinéfilo, respondendo a Lucrécia que sabe que aquele encontro é uma despedida porque, nos filmes, quando chove é sinal de que alguém vai partir para sempre. E por aí adiante...

A própria construção narrativa fica a dever bastante às técnicas de montagem cinematográfica: as sequências pertencentes a diferentes episódios, e separadas cronologicamente, sucedem-se sem qualquer enlace explicativo. Este pormenor dificulta a leitura, mas reforça a densidade dramática e psicológica da acção. E também o narrador, ao oscilar entre «contar» a história ou fazê-la «representar», parece hesitar entre uma estratégia narrativa e uma estratégia dramática.

A acção, propriamente dita, inicia-se, segundo uma perspectiva cronológica, em San Sebastián, onde se conhecem, se separam e se reencontram o protagonista e Lucrecia, e atinge o seu clímax justamente em Lisba, para onde Lucrecia se dirigirá, perseguida pelo seu ex-amante Malcolm e por Toussaints Morton, em busca dum quadro de Cézanne pendurado numa das paredes de um armazém abandonado que fora a base secreta do colonialista e conspirador português Bernardo Ulhman Ramires. Em Lisboa, convergirão igualmente Santiago Biraldo e Billy Swann, acabando Biraldo por provocar, acidentalmente e em defesa própria, a morte de Bruce Malcolm, o que o forçará a mudar de identidade, na tentativa de escapar à polícia e a Toussaints Morton.

A cidade com que deparam, descrita através do olhar que lhe lança Santiago Biraldo, é uma cidade soturna, melancólica, marcada pelo toque decadente dos personagens, mas Lisboa, inequivocamente:



«Desde la ventana de su habitación, en un hotel de pasillos sombríos donde todo el mundo hablaba en voz baja, veía una plaza de balcones iguales y el perfil de la estatua de un rey a caballo que enfáticamente señalaba hacia el sur».

O narrador tem um estatuto algo ambíguo. Se nalguns momentos se apresta a confessar a ignorância de factos, aureola-se por vezes de uma surpreendente omnisciência (revelada na descrição detalhada de factos que não presenciou), pouco de acordo com o seu estatuto de narrador homodiegético, ligado ao protagonista por «una amistad discontinua y nocturna», fundada «en la similitud de preferencias alcohólicas». Acrescente-se que, pouco a pouco, o leitor vai ganhando consciência da importância do narrador como personagem cuja subjectividade narrativa impõe uma determinada história, e não uma mera organização do discurso.

Já ficou dito que **El invierno en Lisboa** é uma homenagem ao cinema, à literatura policial e ao jazz. Estenda-se o alcance dessa homenagem à cultura em geral, da banda desenhada à literatura e à música, e estar-se-á menos longe da verdade. Privilegia-se, é claro, a marginalidade, a noite, a decadência: o Opiário de Álvaro de Campos ou a biografia trágica de Charlie Parker, de onde se decalcou a de Billy Swann. Mas os próprios nomes das personagens são um mundo de sugestões e significações: Bloom (Joyce); Swann (Proust); Santiago (García Márquez); Oscar (Grass); Ramires (Eça de Queirós); etc. Atente-se também nesta descrição dos dois polícias que conversavam com o recepcionista do hotel de Madrid onde se hospedara Biraldo:

«Dos hombres muy parecidos entre sí, con cazadoras negras y gafas de sol y bigotes iguales, estabam hablando com el recepcionista.»

Será necessário perguntar com quem se parecem estes polícias?

Que não se julgue, depois de tudo isto, que o romance de António Muñoz Molina — o segundo deste jovem autor andaluz — possa ser demasiado erudito ou aborrecido. Muito pelo contrário: o que encontramos é uma arrebatante história de amor, habilmente contada por um escritor que é considerado uma das maiores revelações da novelística espanhola contemporânea.

Um livro onde nada é original, mas tudo excitantemente inovador. Um texto literário de grande qualidade, a merecer, em Portugal, um tradutor e um editor.

António Apolinário Lourenço

(António Muñoz Molina, El invierno en Lisboa, Seix Barral, Barcelona, 1987)

DOCUMENTOS INÉDITOS EXISTENTES NA BIBLIOTECA NACIONAL

Uma carta de Jaime Batalha Reis

Maria José Marinho

É no Porto onde vivia desde o regresso de Espanha, em 1874, que Oliveira Martins (1845-1894) recebe esta carta de Jaime Batalha Reis (1847-1935), ao tempo, professor no Instituto Geral de Agricultura, em Lisboa.

Por esse ano de 1879, Antero de Quental encontrava-se também na Cidade Invicta, em casa do amigo onde tinha sempre um quarto à disposição. Voltara, havia alguns meses, de novo internamento na clínica de Charcot, em Bellevue, onde tentara, pela segunda vez, alívio para a doença que o martirizava. Por isso se acolhia com frequência à fraterna amizade de Oliveira Martins e à carinhosa, mas discreta solicitude de Vitória, sua mulher.

Fora talvez na companhia de Antero, no fogo cruzado das leituras, da troca de impressões, dos projectos adiados e sempre renovados que o futuro autor do «Portugal Contemporâneo» concebera a ideia de uma «Biblioteca de Ciências Sociais» com o objectivo de «generalizar entre as classes médias portuguesas uma ordem de conhecimentos que sem ofensa dos nossos brios, se pode dizer ignorarem». Esta colecção, orientada para matérias sociais e políticas, constituía, para a época, uma novidade em Portugal.

Desde os fins do século XVIII que, a par da reconhecida necessidade de alfabetizar o povo, se acalentavam projectos de «iluminar» a burguesia na mira de colmatar a quase inexistência de instituições oficiais de ensino. Uma das formas consistia na «difusão dos conhecimentos úteis» através de revistas e livros que complementassem a insuficiente instrução. Note-se que das leituras de gosto enciclopédico se passara, com a diversificação dos saberes, para leituras mais especializadas.

A colecção ideada por Oliveira Martins situava-se nessa área. De 1879 a 1885 este escritor, numa alucinante demonstração de capacidade intelectual, irá publicar dez obras destinadas a essa biblioteca. A iniciá-la aparecerá «História da Civilização Ibérica» a propósito da qual Jaime Batalha Reis, logo a 10 de Maio (o livro aparecera ao público no princípio desse mesmo mês), lhe enviava as primeiras impressões de uma crítica sincera que sempre existiu entre eles, Antero e Oliveira Martins.

Curioso também observar que a criação da «Biblioteca de Ciências Sociais» faz nascer em Jaime Batalha Reis a ideia de uma outra colecção que a viesse complementar, preenchida por obras sobre ciências físico-naturais. Tais matérias eram para o futuro diplomata terreno privilegiado visto ter formação na área técnico-científica.

Com efeito, terminara em 1866 o curso de engenheiro agrícola e florestal e depois de alguns anos à procura de emprego fora colocado como chefe do Serviço Agrícola do Instituto Geral de Agricultura onde tirara o curso.

Nos anos seguintes havia sido sucessivamente nomeado regente das cadeiras de Botânica, Economia Rural e Florestal e, já com créditos firmados no campo da enologia, designado presidente da comissão encarregada de estudar a «nova moléstia do vinho», a temida filoxera.

Em 1876, aquando da Exposição Universal de Filadélfia, fizera parte da comissão que representara Portugal, tendo ainda sido nomeado, por decreto régio, para, acabada essa missão, estudar, nos Estados Unidos da América, as culturas do algodão, do tabaco, da cana-de-açúcar e da vinha.

Não admira, pois, que Jaime Batalha Reis, com este palmarés se sentisse capaz de lançar e «alimentar» uma biblioteca de ciências físico-naturais. Como explica amiudamente ao seu amigo Oliveira Martins os livros destinavam-se «aos leitores das classes médias» e seriam concebidos «dentro da filosofia de cada ciência por meio de generalizações e sínteses, mostrando sempre o desenvolvimento de cada uma». A ideia, contudo, não iria avante. Nenhum editor, em seu juízo perfeito, se abalançaria naqueles tempos a tal iniciativa.

Lisboa, 10 de Maio de 1879

Meu caro Oliveira Martins

Morreu minha cunhada Cleofe e a sua carta e o seu livro chegaram-me justamente quando voltava com minha mulher de passarmos dois dias e duas noites a vê-la lentamente apagar-se queimada por uma febre de consumpção. Não me lembro se V. conhecia minha cunhada. O Antero conhecia-a: lembro-me de termos falado nela. Dê-lhe esta notícia.

Veio mal o seu livro porque, a lê-lo muitas vezes a atenção se me vai para ideias bem diferentes das que leio. Mas veio bem porque, cansado moral e fisicamente como estou e resolvido a pôr de parte todos os trabalhos durante dois dias vou neles ler a Civilização Ibérica.

Encarrego-me da propaganda e poderia talvez fazer com que o Pinheiro Chagas escrevesse um artigo, ele próprio, se V. lhe mandasse um livro ou ao jornal «Diário da Manhã». Não sei se V.V. o fazem. Em todo o caso eu escreverei.

Já li dois capítulos, os dois primeiros.

Não gosto nada do **Território.** *Os traços são* **largos** *mas não são* **grandes.** *As caracterizações das cidades ou povoações nas diferentes regiões por um lado naturais por outro históricas, não pintam, não caracterizam, são muitas vezes banais. Aquele capítulo devia ser um quadro e não é: não é como lhe cumpria:* **a natureza significando a Espanha organismo.**

Gosto muito da **Raça.** *Quanto a mim V. tocou definitivamente na essência do carácter espanhol e também me parece (tanto quanto eu o posso sentir e saber) na origem dele: as páginas 23 e 24 são excelentes e* **devem ficar.**

Lembrei-me de também me meter numa **Biblioteca** *que evidentemente se povoará de livros mais devagar do que a sua. A Física, a Química, a Biologia, a Botânica, a Zoologia, a Geologia, a Astronomia, a Física da Terra, e finalmente a Física de Portugal: orografia, hidrografia, climatologia, geologia, flora, fauna, fisionomia agrícola e, enfim, numa síntese, regiões naturais de Portugal.*

Nestes livros os diferentes assuntos deveriam ser tratados tendo em vista a instrução dos leitores das classes médias adultos e não os frequentadores dos liceus. Por isso eles seriam concebidos dentro da filosofia de cada ciência por meio de generalizações e sínteses, mostrando sempre o desenvolvimento histórico de cada uma.

Diga-me V. o que pensa desta ideia e se lhe vê furo, comercialmente falando, porque neste caso eu proporia ao Saraiva para que ele a publique paralelamente com a sua Biblioteca.

Escrevi ao Antero pedindo os livros do Proudhon. Não mos mande pelo correio porque não tenho nenhuma pressa deles. Mande-mos quando tiver portador. Estou lendo a correspondência do Proudhon e está-me fazendo muito bem. As cartas de Proudhon destroem completamente a impressão que as obras em mim produzem dum ataque que o meu temperamento me põe logo mais em disposição de repelir do que de meditar serenamente. Estou contentíssimo de as ler, e com elas vou reler o autor.

Cumprimentos nossos à Sr.ª D. Vitória, ao Antero

Seu Jaime

CORTEJO ESQUECIDO DO LITORAL

Esta tarde
na Interlivro
(Rua Pedro Nunes, 9),
pelas 18 e 30,
Urbano Tavares Rodrigues
apresenta o livro
Cortejo do Litoral Esquecido,
de Luís Carmelo,
publicado
pela Vega Editora.

LIVRARIA PAPELARIA
ALEIXO

BRINDES DE CASAMENTO • BRINQUEDOS
• MATERIAIS PARA DESENHO TÉCNICO, ETC.

DEPOSITÁRIO DA IMPRENSA NACIONAL
CASA DA MOEDA

RUA ATAÍDE DE OLIVEIRA • TEL.: 6 24 25
ARMAZÉM • TEL.: 6 41 26
LOULÉ

A Face de Deus no Mundo da Imag

por Eduardo Lourenço

NA vida — «excessivamente mundanal», como diria Gil Vicente — em que ando metido há uns tempos para cá, o tema que me foi proposto é verdadeiramente um tema que eu não devia aceitar mas que aceitei, não apenas por gentileza para com o convite que me foi feito, mas por uma grande dose de inconsciência de que antecipadamente peço desculpa.

É na verdade um tema que, para ser bem tratado, devia conjugar na mesma pessoa os dons de um McLuhan e de um Hans Küng e eu não tenho consciência de ter vivido, em qualquer vida anterior, a existência destes personagens memoráveis e extraordinários.

Eu tenho mais do que inveja ao ouvir alguem que foi como se dizia e acho que ainda se diz — «chamado» para falar, para comunicar a palavra de Deus e que começa a sua intervenção por evocar o «rosto» de Deus. Evocar o rosto de Deus, não só pelo facto mesmo de evocar deus como um «rosto», mas de O caracterizar pelos mais altos qualificativos que se podem atribuir ao rosto humano — embora aqui ele empregue, naturalmente, uma forma analógica —, é de algum modo atingir imediatamente o Filho de Deus; é estar já a falar do interior de uma experiência que, nesses termos, não é exactamente a minha, embora eu próprio não seja capaz de definir qual é o meu tipo de experiência em relação à simples palavra, à simples evocação do nome «Deus».

Como dizia Hans Kung, no «Ser Cristão», na nossa Europa Ocidental é muito difícil, senão impossível, ser um humanista laico quimicamente puro. E eu nem humanista laico sou, porque nem sequer sou humanista. Assim, a minha reacção face a uma questão como esta, é menos a de me concentrar na temática de uma imagem de Deus, ou de imagens, de Deus e na relação que ela possa ter ou tem num mundo como o nosso em que a imagem — talvez num outro sentido diferente do primeiro — parece concentrar e constituir a atmosfera dentro da qual nos banhamos, ser quase, por assim dizer, o ar que respiramos.

Para mim, Deus não tem imagem. A minha experiência não é tanto a de uma visão (a imagem vê-se ou guarda-se na memória depois de se ter visto o objecto ao qual corresponde); no meu caso, a palavra «Deus» é mais a experiência de uma não-imagem. Não direi bem de um vazio, mas sobretudo de uma espécie de silêncio. Como quase todos, ou como muitos, eu fui educado na religião católica e, portanto, «fui à doutrina». Naturalmente fui cercado, ou contemplado, com toda uma série de imagens que, de uma maneira ou doutra, se referiam ao mundo de Deus no caso, naturalmente, da imagem do Filho de Deus, tal como no Evangelho se apresenta a Si mesmo, quer dizer, do Cristo.

Para mim, a dificuldade estaria resolvida se eu assimilasse imediatamente de uma maneira profundamente vivida, Deus e o Cristo. E possivelmente, em última análise, eu assimilo. Quer dizer que eu não tenho, não direi da imagem de Deus, mas da ideia de Deus, nenhum outro exemplo, nenhuma outra proposição, nenhuma outra encarnação que corresponda àquilo que é a mais alta exigência humana para mim próprio. Simplesmente, para mim, Deus, em última análise, não tem imagem. Hoje, na primeira página do «Diário de Notícias», Reagan queixa-se de que a Imprensa lhe estragou a imagem. É alguma coisa de que Deus, tal como eu O concebo ou O penso, não se pode queixar. A Imprensa não lhe estraga a imagem, a Televisão não lhe estraga a imagem, nada lhe estraga a imagem, porque Ele não tem imagem. Em todo o caso, tal como eu O posso em última análise conceber, ou referir-me a Ele, Deus não tem imagem.

E todavia é certo, como disse o P.e António Rego, que os homens sempre traduziram em imagem a sua experiência do divino. Por conseguinte, há em nós qualquer coisa que pede uma tradução, no sensível, daquilo que, em princípio, não é da natureza do sensível; que pede para ser visível aquilo que, em última análise, é invisível e mesmo inconcebível.

Uma tendência contestada desde muito cedo

Esta tradução da experiência do divino em imagem — seja pictoral, seja escultural, seja pura e simplemente em mitos igualmente encarnados, com os deuses gregos — foi desde muito cedo objecto de contestação daqueles que tinham já de Deus uma outra ideia ou uma outra exigência; daqueles que pensavam que Deus não é tanto aquele Ser que representaria superlativamente os atributos que nós, homens, temos como expoentes da nossa máxima perfeição, mas o «Ser-Outro», o «Absolutamente Outro», Aquele que justamente não pode ser traduzido dessa maneira. No próprio mundo grego, Xenófanes fez já essa crítica em relação à prática religiosa «popular» — a que nós chamamos habitualmente pagã — dos antigos. Os deuses seriam apenas alegorias de forças, de paixões, de desejos simplesmente humanos, e nada teriam de particularmente divino.

Se tomamos outra referência, se pensamos directamente no Antigo Testamento, então conhecemos várias passagens — não só a que foi referida pelo P.e António Rego: «Não farás imagens do teu Deus», fórmula que na religião judaica ou na religião muçulmana tem um cumprimento rigoroso e exacto, pois há interdição de imagem de Deus. Mas todo o texto sagrado está percorrido por essa espécie de «interdito» — que vem, digamos, da palavra do próprio Deus — de que o homem O possa traduzir ao nível da imagem.

No primeiro livrinho que escrevi, justamente porque não tinha já uma experiência vivida de Deus ou uma experiência do religioso em termos que para mim fossem os normais termos da fé, recorri a uma frase do Evangelho de S. João para, no fundo, rejeitar qualquer discurso que me comprometesse com a afirmação da existência de Deus enquanto existência confirmada, provada, demonstrada. Então agarrei-me, como uma tábua de salvação, ao próprio texto de S. João, que diz: «Ninguém jamais viu Deus.» (João 1, 18). E isso me consolava de eu também não O ver.

Naturalmente. E todavia, no mesmo Evangelho, está dito, pela boca do Cristo: «Quem Me vê a Mim, vê o meu Pai» (João 14, 9). Por conseguinte passamos aqui para um outro nível, para um outro tipo de vivência do religioso, para uma espécie de ruptura que, desta vez, não se situa numa exigência da ordem do conhecimento, do mais alto conhecimento e do mais abstracto conhecimento, que leva naturalmente à eliminação da imagem, ao sacrifício da imagem.

O característico da experiência bíblica

A imagem tem má reputação em toda a tradição epistomológica que seja da ordem especulativa ou racional. Porque a imagem é sempre simulacro. A imagem é algo que traduz apenas a nossa relação com o sensível, mas não passa além do sensível, não permite pensá-lo. Pensar o sensível é ultrapassar a imagem. E isto é válido tanto para Platão como para Descartes. Nós não temos como ele diz numa passagem das «Meditações Matafísicas» — nenhuma imagem perfeitamente plausível do conceito de um polígono de mil lados; e, no entanto, temos a ideia do polígono de mil lados. Não temos nenhuma imagem dos conceitos mais triviais da própria Matemática; e esses conceitos são operativos, esses conceitos existem.

Mas, o ponto de vista bíblico é diferente. Não nos leva para uma concepção do divino em que este seja quase que uma fórmula — resumo da nossa relação — a mais abstracta — com o mundo. Em última análise uma fórmula como «motor imóvel» de Aristótles ou mesmo o Bem de Platão podem resumir essa ideia do divino; enquanto que, na Bíblia, imediatamente, Deus é vivo, é uma presença, é alguém que está em frente de, é o Deus de Israel, é o Deus de uma comunidade. Há, por conseguinte, uma imediata apresentação de Deus. Nós não temos que ir ao Seu encontro, porque Deus veio ao nosso encontro. Ele mesmo se apresentou. A apresentação de Deus no texto bíblico faz-se naturalmente, desde a maneira como Abraão estabelece a sua relação com essa presença; uma presença que, em última análise, não se justifica, e que pede a Abraão o mais injustificável dos gestos: aquele que o leva a sacrificar o seu próprio filho Isaac. Quer dizer, é um Deus que, em última análise, se situa aquém, ou além, da Lei, tal como humanamente nós O podemos conceber. E a fé por conseguinte, a vivência religiosa suprema neste contexto — é aceitar o inaceitável e ficar totalmente nas mãos de Deus.

A tradução mais profunda desta relação com Deus — sem ser relação de imagem —é a da própria Encarnação, é a do próprio Cristo. Cristo aparece igualmentge como Aquele que não descobre, que não fala de Deus através de qualquer argumentação. Ele estabelece imediatamente uma correlação de uma outra ordem, com uma ordem absolutamente outra. Ele vê-se a Si próprio como Filho e institui, pela mesma ocasião, o Outro como Pai. Este é, em última análise, o fundamento do Cristinanismo, ou por outra da mensagem do Cristo. E a palavra de Deus não é a nossa palavra acerca de deus, mas aquela que se autoriza da autoridade mesma de Deus; aquela que é pronunciada do interior da realidade que a si mesma se apresenta como Deus.

O religioso é a consciência de uma «religação»...

Neste capítulo sinto-me extremamente próximo dos teólogo como Karl Barth que fazem uma crítica de toda a tradição teológica de tipo racionalizante, ou racionalizável. Esta pensa que o homem tem em si o poder de se dar a si mesmo a evidência do Outro, de provar a existência desse Outro, quando, afinal de contas, não há prova; e se houvesse, então, de algum modo, esse Outro ficaria na dependência da nossa própria evidência. Ora o religioso, tal como eu o concebo, é a consciência duma religação que não vai de nós para o Outro, mas do Outro absoluto para nós. Quer dizer que, mesmo naquilo que é para cada um o máximo de vivência absoluta de si mesmo e da sua relação com o Outro — ou seja, o Amor, mesmo nela nós não somos sujeitos; o sujeito é sempre o Outro. É o amor do Outro que faz nascer o nosso próprio amor.

Há uma passagem no Evangelho que nunca leio sem uma intensa emoção. É a passagem em que Cristo interroga Pedro — Ele, que devia conhecer como ninguém o outro naquilo que Ele era efectivamente, até para o escolher como Seu continuador terrestre, como

...gem

...Seu
...ao
...se
...de
...tu-
...mo
...ção
...nça
...us-
...ais
...ele
...um
...si-
...co-
...nos
...e, a
...este
...el e
...us.

...esta
...ela-
...ória
...sto.
...mo
...não
...uer
...me-
...uma
...ab-
...a Si
...pela
...Pai.
...da-
...por
...E a
...ala-
...que
...a de
...a do
...hes-

...ma-
...omo
...ítica
...tipo
...ível.
...m si
...evi-
...exis-
...final
...hou-
...esse
...a da
...reli-
..., é a
...que
...mas
...Quer
...é pa-
...ncia
...rela-
...a, o
...mos
...Ou-
...nas-

...elho
...a
...que
...que
...n o
...tiva-
...omo
...como

propagador da Sua palavra, da Sua mensagem. Numa espécie de vertigem ontológica que é, de resto semelhante á da suprema baixeza, como Pascal diria, a da sua humilhação final pela morte — Cristo pergunta: «Pedro, tu amas-Me?» (João 21, 15-17). Quer dizer, o Cristo mesmo não é Senhor do Seu amor.

...Mas também
«O mais alto amor
requer presença
e figura»

Todavia, pensando nisto, não posso deixar de lembrar que também o amor passa pelo sensível; passa — mesmo ao nível mais alto —, pela imagem, por uma espécie de necessidade de imagem, duma presença sensível qualquer que ela seja.

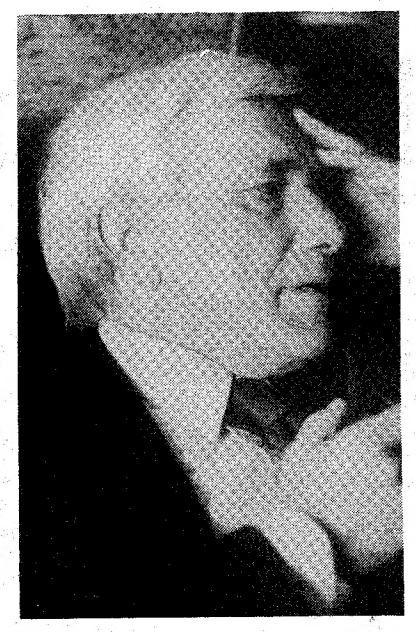
Para terminar esta pequena intervenção sobre o problema da nossa relação com a imagem de Deus — mesmo quando vivemos Deus sob esta forma mais alta de um amor que nem sequer é o nosso próprio amor — eu lembrar-me-ia duma passagem famosa do comentário de S. João da Cruz ao «Cântico dos Cânticos». Diz ele que «o mais alto amor requer a presença e figura». A tendência humana a corporizar, a imaginar o próprio inimaginável, é qualquer coisa que está inscrita em nós.

Daqui, naturalmente, poderíamos passar para a relação deste tema com o tema da nossa civilização da imagem.

A nossa vivência do religioso não só é compatível com o mundo da imagem tal como ele se está criando à nossa volta, mas talvez possa encontrar, através dessa atmosfera, desse meio em princípio só alienante, maneira de o utilizar como linguagem. A imagem não é só algo passivo; é também algo que leva para o que se imagina, para a imaginação. Por conseguinte, seria possível, talvez, apresentar hoje, em outros termos, o conteúdo duma mensagem na qual a imagem de Deus não funciona como imagem positiva; poderíamos utilizar os meios modernos para uma aproximação da vivência religiosa, tão intensa como aquela que nos produziam os outros meios até hoje utilizados, fundamentalmente o meio da palavra.

Da outra vez que estive aqui, assisti a uma espécie de oposição entre o mundo da palavra e o mundo da imagem. Eu acho que há oposição e há igualmente uma passagem entre uma coisa e outra. É que o mundo da imagem completa o mundo da palavra e o mundo da palavra pode ser supletivo do mundo da imagem e não há contradição entre eles. Mas isto é um problema que poderemos discutir depois.

(Intervenção oral feita no Centro de Reflexão Cristã)



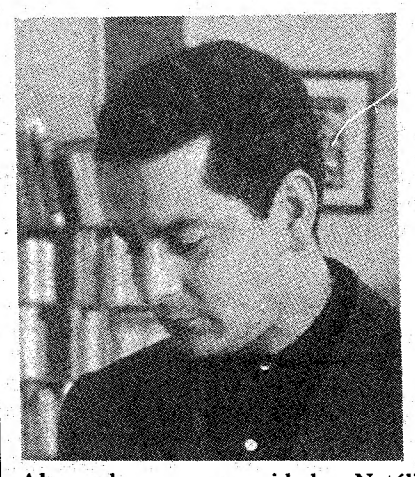
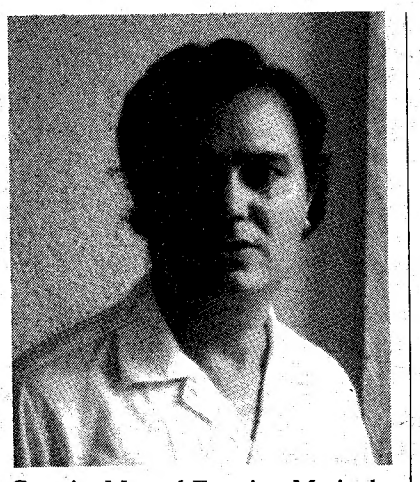
IV Encontro de Poesia de Vila Viçosa

VÃO realizar-se, pela quarta vez, os Encontros de Poesia de Vila Viçosa. Desde 1984, Vila Viçosa tem sido, por alturas de Junho, ponto de encontro para poetas e leitores de poesia que, naquela vila, se reúnem durante cinco dias, para conviver e trocar experiências culturais e humanas.

Uma vez mais, este ano, se efectuam os Encontros, numa organização da Associação Cultural Património XXI (Rua do Sol ao Rato, 100, 1.º Dt.º) e com o patrocínio e o entusiasmo da Câmara Municipal de Vila Viçosa e o apoio da Associação Portuguesa de Escritores.

A data já se encontra calendarizada: de 9 a 13 de Junho.

Durante os Encontros, como é tradicional, haverá sessões de debate e colóquios sobre poesia, recitais poéticos pelos próprios autores e actores, espectáculos regionais, canto e música, exposições de artes plásticas, uma feira do livro e lançamento de títulos com a presença de escritores.

Alguns dos nomes convidados: Natália Correia, Manuel Ferreira, Maria da Glória Padrão, António Rebordão Navarro, João Rui de Sousa, Fernando J. B. Martinho

A participação nos IV Encontros de Poesia de Vila Viçosa é aberta a quem neles se inscreva. O preço de inscrição que, para além da assistência a todas as actividades dos Encontros, inclui a estadia (dormida, por 4 noites, almoço e jantar, oito refeições) é de 10 mil escudos.

As inscrições encerram definitivamente no dia 25 de Maio. O limite máximo de presenças será de 100 participantes. Como as inscrições são aceites por ordem cronológica e determinam a distribuição de alojamento pelas pensões e quartos particulares da Vila Viçosa, aconselha-se a que os interessados enviem o boletim de inscrição e respectivo pagamento o mais depressa possível.

Este ano, a organização convidou algumas personalidades do nosso meio cultural para apresentarem comunicações de base, sobre as quais se farão os debates.

Entre os nomes contactados figuram Clara Crabé Rocha, Natália Correia, Manuel Ferreira, João Rui de Sousa, António Rebordão Navarro, Fernando J.B. Martinho, Luís Adriano Carlos e Maria da Glória Padrão, os quais, em princípio, anuíram.

Bernanos: o demolidor das imposturas

«MAS chegou o grande vento negro que vem do oeste.» Quem, entre os leitores dificilmente indiferentes de *la Nouvelle Histoire de Mouchette* (1937), não se lembra dessas primeiras palavras, desse «ataque», como se diz em música? Não tinha razão, Claudel — mas o rancor dominava-o — quando, numa das suas entrevistas radiofónicas com Amrouche, chamou a Bernanos *«falhado»*, *«rabiscador de subprefeitura»*. Quanto a Gide, esse conseguiu o «tour de force» de não citar uma única vez Bernanos no seu *Diário...* E, no entanto, Bernanos é um dos melhores escritores franceses.

Se fosse vivo teria feito cem anos no passado dia 20 de Fevereiro. Deixou-nos cedo de mais, em 1948. Só com sessenta anos. Mauriac só desapareceu aos oitenta e seis anos, e Claudel aos oitenta e oito. Ainda estas palavras de Bernanos, sobre Joana, em Rouen, durante o seu processo, quando ouve *«o roçar dos pergaminhos, o raspar das penas, a respiração desses homens gordos e fartos, sonolentos»*. E ainda isto, a sua casa branca de Barbacena, no Brasil, parecida com *«uma bolha de ar num bloco de cristal»*, quando ele regressava à noite, a cavalo.

Sim, está certo, *la Joie, l'Imposture* não são grande coisa, exercícios de retórica com recurso ao melodrama. E *Monsieur Ouine*, apesar de uma tentativa vã de legenda lançada por dois ou três críticos, *Monsieur Ouine*, esse romance derradeiro em que Bernanos se embrenhou e que só terminou para «ganhar a vida», de qualquer maneira, numa espécie de sabotagem desesperada, é um livro mau. Mas não esqueçamos *Sous le soleil de Satan*, cheio de imperícias, exibindo os seus cordelinhos, e, ao mesmo tempo, afirmando um espantoso recém-chegado, e o *Journal d'un curé de campagne*, e, mais tarde, *les Enfants humiliés*, e, entre os dois, a espantosa, a inesquecível *Nouvelle histoire de Mouchette*, essa obra-prima que se aproxima de Zola, que o ultrapassa.

O polemista impõe-se-nos mais ainda que o romancista. O seu jovem padre de Ambricourt, a própria Mouchette terão menos importância para a estatura histórica de Bernanos do que os seus *Grands cimetières sous la lune*. Que cólera, que dor, que paixão, nessa obra! Verdade, vivência do princípio ao fim. Uma indignação onde nada é fingido, nem uma sílaba. Aos nossos olhos um crente transtornado, dilacerado. Menos por causa do próprio Franco cuja ignominia Bernanos não compreende no primeiro instante, do que devido àquilo a que o episcopado espanhol chamou *«cruzada»* desses *«rufiões roxos»* que enchiam de bênçãos o sistemático e furioso massacrador dos pobres.

Já alguns anos antes Bernanos se permitira uma economia de entusiasmo perante a política social de Leão XIII. Dizia ele: *«Aos homens que leram Marx e Lenine, é cómico oferecer-lhes com grande fervor a encíclica Rerum novarum.»* Mas, com os *Grands cimetières*, é a explosão. *«Tornarmo-nos o bode espiatório dos homens livres e dos pobres com um programa como o do Evangelho, dá vontade de rir.»* Ele julgara na juventude que a literatura era a sua *«vocação»*; empregrava precisamente esse termo numa carta a Dom Besse, em 1919. A vida ensinar-lhe-ia que, com efeito, uma «vocação» chamava por ele, uma convocação: a batalha pela verdade.

Ele não se engana, constata simplesmente quando nota, objectivo e sem nenhum ênfase: *«Sou um demolidor de imposturas.»* E as imposturas exibem-se, gritantes, e

Continua na pág. 6

Bernanos: o demolidor das imposturas

Continuação da pág. 5

entre elas as de que foi testemunha na França dita gaullista onde ele se demorara a reaparecer, pressentindo o que veria nela (a Libertação deu-se no Verão de 1944; Bernanos só voltou a França em Junho de 1945). Quantas mentiras, expedientes e aparências enganosas! Como se está longe, na política oficial e no comportamento da própria Igreja, daquilo que lhe parece a única salvação espiritual, temporal da humanidade: um novo olhar sobre as coisas, uma opção fundamental quanto ao emprego dos dias, ao sentido da vida. É por isso mesmo que ele se esforça, confessando que a sua avidez febril seria atingir, no ser humano, *«o ponto vital, o centro nervoso, o globo ocular do gigante cego»*.

A sua vida não foi um êxito. Materialmente foi mesmo uma catástrofe. Um pouco embriagado pelo sucesso do seu *Soleil de Satan*, julgou que poderia viver da pena. Ora sortes dessas não são correntes. Um inferno quase incessante, os problemas do dinheiro, para Bernanos, desde 1926. Constantes mudanças de casa. Se escreve os seus livros nos cafés não é, como ele diria para defender os seus, por ter necessidade desses rostos à sua volta, desconhecidos e secretamente fraternos. Ele fá-lo porque os filhos (seis), e também a mulher, lhe tornam o trabalho em casa impossível, impraticável. Os dramas — as tragédias — acumulam-se no seu infeliz lar, e perturbam-no. Alguém, que devia ter-se calado, revelou em 1978 cruéis e inúteis pormenores. Esse alguém, um «religioso» fora objecto de um elogio que Bernanos, cândido e fácil de iludir, lhe fizera publicamente em 1945. Depois o escritor apercebera-se a pouco e pouco do seu erro. Essa descoberta fez-lhe mal. Triste, ferido, abria-se aos amigos. O seu filho mais novo, Jean-Loup, no importante trabalho que lhe consagrou há dois anos (1986) solucionou o problema publicando a carta grave em que Bernanos se dirige ao antigo *«fradezinho»*. Essa carta é de 7 de Maio de 1948. Bernanos morreria a 5 de Julho.

Vejo-o como tantas vezes o vi. Como a sua perna direita ficara esmagada em Julho de 1933, no choque da sua moto com um automóvel, só andava com o auxílio de duas bengalas. Quando se sentava ficava um pouco curvado, a testa alta sob cabelos indóceis. Podia recitar duzentos versos de Victor Hugo. Tinha um incrível talento mímico. Os seus «Malraux» eram de uma verdade e de uma graça irresistíveis. Em três segundos passava das imprecações à graça, e ria como um garoto. Tinha muita coragem e era um homem direito. Um desses *«corações puros»* de que se fala nas Beatitudes. Era impossível não gostar dele.

Henri Guillemin

Clarín e *La Regenta*

Continuação da pág. 1

ciais, pela presença no romance de uma persistente sátira política (contra a Restauração, contra a ditadura encoberta de Cánovas del Castillo e do conservadorismo, contra os desastrosos resultados da alternância no poder dos dois partidos – conservador e liberal, contra a violência oculta que se exercia sobre os direitos individuais, contra o caciquismo...); sátira social (contra o amoralismo e os privilégios da aristocracia – os marqueses de Vegallana, contra um certo tipo de média burguesia seduzida a todos os níveis pela actuação e posição daquela); e sátira anticlerical (relacionável com idênticas tendências da novelística europeia da segunda metade do século XIX, recordemos especialmente Eça de Queirós e **O Crime do Padre Amaro),** que põe em questão o peso da Igreja sobre a vida espanhola e propõe uma alternativa laica.

Algumas personagens reais da época viram-se retratadas nela (muito conhecidos foram os incidentes entre «Clarín» e o Bispo de Oviedo) e reagiram com viveza.

Não menos polémicas foram as acusações de má tradução e plágio de Madame Bovary, de G. Flaubert, que de imediato lhe foram feitas num círculo restrito de críticos literários, dos quais facilmente se defendeu directamente o autor, ainda que já antecipadamente «Clarín», num dos seus artigos (**Sermón perdido,** 1885), tivesse escrito que «aun los autores que no han inventado procedimientos, sino que siguen, en lo general, los de los otros, lo hacen sin imitar, con originalidad en la observación y en las otras calidades principales puramente artísticas. Así Eça de Queirós, en Portugal, en su **O Primo Basílio,** principalmente sin dejar de ser quien es, sigue a Flaubert y a Zola, y se revela, sin embargo, como escritor de robusto ingenio sólido y profundo».

Ora bem, se **La Regenta** é hoje uma das obras mais lidas da nossa literatura contemporânea, não o é apenas pelas chaves ideológicas que definem o século passado, mas fundamentalmente pela literariedade, pela criação mediante a língua de um complexo espaço-temporal em que ocorre uma história animada, em germe já num dos seus relatos recolhidos nos **Solos** (1881) que se intitula **El diablo en Semana Santa,** conto em que manifesta uma extraordinária caracterização psicológica de duas personagens: um cónego apolíneo, confessor de uma **Juíza,** e o seu processo de enamoramento que se desenvolve também numa «cidade vetusta».

La Regenta, inicialmente publicada em dois volumes, está dividida em duas partes bem diferenciadas. Cada uma delas abarca quinze capítulos que incluem um tempo real de narração muito desigual: a primeira, três dias (2, 3 e 4 de Outubro) (cap. I a XV); e a segunda, três anos (caps. XVI a XXX). Como muito bem fez notar E. Alarcos (em **Ensayos y estudios literarios,** «Notas a La Regenta», Madrid, Júcar, 1976), estruturalmente este desequilíbrio temporal vem determinado pela própria concepção narrativa do romance. Na primeira parte o narrador tem que apresentar e definir numerosas personagens e um espaço físico complexo que só na segunda parte construirão a acção.

«Clarín» começa o romance situando o tema **in media res,** por isso tem de recorrer depois a amplos segmentos narrativos analépticos através de uma perspectiva de focalização interna da personagem, chegando aos monólogos interiores indirectos, em momentos de divagação da respectiva personagem, que nos informam suficientemente sobre o seu passado (caps. III, IV e V: visão retrospectiva da infância, adolescência e casamento de Ana Ozores; caps. XI e XV – infância e juventude de Fermín de Pas – explicativos da sua personalidade ambiciosa e da sua posição de privilégio entre as hierarquias eclesiásticas de Vetusta). O resto dos capítulos da primeira parte tem uma função descritiva (estática) do espaço físico e social de Vetusta: a cidade em si, vista pelo Magistral com um binóculo da torre da catedral, vinculada simbolicamente à opressão da Igreja sobre a sociedade (caps. I e II); o casino (caps. VI e VII), espaço símbolo da «intelectualidade» ignorante dos homens públicos vetustenses; a casa dos marqueses de Vegallana (caps. VIII e XIII): a única e pormenorizada análise de espaços interiores existente no romance; e outros capítulos dão a conhecer outros lugares de encontro da cidade e o bairro dos novos ricos.

Na estrutura da primeira parte, a cada um dos dias em que transcorre o tempo real correspondem cinco capítulos, nos quais se estabelecem os três elementos básicos para a compreensão da segunda parte: a pré-história de Ana Ozores; a de Vetusta com Álvaro Mesía, o «cacique», «o chefe do partido liberal dinástico»; e a do Magistral.

O primeiro volume é um excelente estudo do meio em que se movem as personagens e situa-nos face a um conflito a ponto de estalar. Representa a primeira fase do método experimental, em que o autor observou e reuniu dados, de forma a que a sua selecção, composição e disposição irão provocando circunstâncias para que as personagens adquiram entidade própria.

No segundo volume as personagens são obrigadas a comportarem-se segundo o método já estabelecido e entram em acção. Uma acção que se centra em três personagens e funciona em todas as direcções (Ana Ozores-Álvaro (Vetusta) – o Magistral), engendrando a tensão novelística.

Ana debate-se continuamente entre o dever e o desejo, triunfante no final do romance. Altos e baixos na sua relação com eles vão fazer avançar o fio narrativo. Se estimulada por Álvaro assiste à representação do **Tenorio** de Zorrilla (momento em que este se decide também a seduzi-la – conexão teatro e vida), ou se se diverte com ele no baile de Carnaval, Vetusta interpreta que está fugindo das mãos do Magistral; contudo, penitenciar-se descalça na procissão da Semana Santa volta a repô-la sob a sua esfera de influência.

O Magistral está consciente da sua paixão por Ana; Vetusta começa a murmurar, alia-se contra ele culpando-o da morte sem confissão de Santos Barinaga, o vendedor de artigos religiosos, a quem os negócios simoníacos e monopolizadores do Magistral e sua mãe tinham arruinado. Sente que a sua capacidade de domínio sobre Ana e sobre Vetusta se vai atenuando, mas o facto de Pompeyo Guimarán, o ateu oficial, à hora da morte pedir a confissão, e precisamente com ele, devolve-lhe as rédeas do poder.

Com esta dialéctica tensão-distensão se chega ao final: o Magistral instiga manhosamente Quintanar a bater-se e a acabar com Álvaro que o desonrou. E pouco depois fecha-se o ciclo narrativo: Vetusta murmura sobre o tema, Ana e Fermín isolam-se, sem hipótese de reconciliação.

Manuel del Pino Morgádez

(Universidade de Coimbra)

Tradução de Caetano da Silva

A Rússia de Andreas-Salomé

Se a vida, como dizia André Breton, deve ser decifrada como um criptograma, a de Lou Andréas-Salomé ainda não deixou de nos intrigar. Egéria e discípula, romancista e teórica, esta jovem russa nascida em 1861 em São Petersburgo, viveu em Roma, Berlim, Paris e Viena no fim do século passado. Cinqueta anos depois da sua morte, ocorrida em 1937, ela ainda arrasta atrás de si um cortejo de partidários e de difamadores. Michel Matarasso, professor da universidade Paris-Norte, dá, num brilhante texto intitulado *Anthropoanalyse et approche biographique: Lou Andréas-Salomé*(1), alguns apanhados das polémicas à volta daquela que foi a inspiradora de Nietzsche, a companheira de Rilke e a sedutora disciplina de Freud: *«No jogo da máscara e da pena, da confissão e do inconfessado,* escreve Michel Matarasso, *Lou Andréas-Salomé procura-se incessantemente, e aquilo que encontra — vindo de muito longe —, ousa-o, di-lo, escreve-o...»* Este jogo da máscara e da pena fê-lo Lou Andréas-Salomé na perfeição nas suas autobiografias (2), mas também em algumas das suas ficções, entre elas *Rodinka,* romance tecido com as suas recordações de infância e as suas reminiscências de duas viagens à Rússia, com Rilke, em 1899 e 1900.

Lou Andréas-Salomé seria um génio da vida ou uma monstruosidade moral? Uma Messalina ou uma rainha virgem? Uma teórica intuitiva ou uma romancista sem imaginação? Uma criança autista que teria crescido mal ou uma Simone de Beauvoir *avant la lettre? Não é o juizo nem bom nem mau de Nietzche sobre uma passageira do desastre encontrar em Roma em casa da condessa Malvida von Meysemburg que nos pode esclarecer: «A energia da sua vontade e a originalidade do seu espírito prometiam-na a grandes coisas: é certo que pela sua moralidade afectiva ela está mais perto da prisão ou do manicómio»,* afirmava o filósofo a quem ela propusera um «casamento a três» com Paul Rée.

A Freud escreveu Lou Salomé uma *Carta aberta* (3) cheia de ambiguidades: *«Nada me agrada mais,* sussurrou ela, *do que ser guiada por si, desde que a trela tenha bastante comprimento.»* Em *Rodinka,* que significa «pequeno país natal» a narradora, Margot, encontra o seu amor da juventude, Vitaly, casado com uma silfide imatura: *«É a mãe que faz o filho, é o homem que faz a mulher»,* exclama o aprendiz de Pigmaleão. Mas chega o dia em que Galateia se revolta, e o esposo diz: *«Que loucos somos! Contentamo-nos sempre em proteger a mulher ou em gozar com ela ou em a dominar! Porque não sabemos fazer melhor do que armar em seus defensores, seus apaixonados e seus senhores?»*

Rodinka é o paraíso da infância que naufraga, é o choque entre a mãe, a *babuchka,* e Vitaly, o revolucionário idealista. A babuchka prega o Deus-Natureza, a religião da Velha Rússia, o filho pretende que só pode medir-se com o inferno aquele que começou pelo acto mais piedoso: aniquilar-se a si próprio.

Declive

Porque o ambiente da corte não lhe convinha — homem íntegro e de carácter que era — o poeta Sá de Miranda (1481-1558) fixou residência, no ano de 1534, na sua Quinta da Tapada, situada na freguesia de Fiscal (Amares), no Minho. Na «Carta a El-Rei Nosso Senhor» (D. João III) afirma o poeta:

Homem d'um só parecer,
D'um só rosto e d'ua fé,
D'antes quebrar que volver,
Outra cousa pode ser,
Mas da corte homem não é.

Que se guarde, pois, o rei dos que o cercam: «De fora mansos cordeiros/De dentro lobos roazes!»

Às «duras prisões de ferro», de prata e de ouro com que a cobiça torna «escravos mais que escravos» a maioria dos contemporâneos prefere o poeta-moralista o retiro no campo e a riqueza do coração. Diz ele na Écloga VII («Montano»):

...este mundo é tal
Que é milhor cá nos desertos
Sofrer e calar o mal
Que descobrir os secretos
D'este nosso Portugal.

A razão vai «Cada vez de mal em pior/.../ Não há já amigo de amigo/Nem ninguém vive por lei», chegando as coisas ao ponto que «os maus são levantados/E os bons são destruídos».

Os pobres sofrem espoliações: «A cada passo há ladrões/.../ O roubo é de todos visto/E não nos vejo punir!» Ninguém toma a defesa dos fracos — «Tudo é contra os piqueninos»:

O pobre do zagalejo
Não tem onde se acolher.
Quando se quer defender
O que tem mais de sobejo
Não no consente viver.

Os grandes, os poderosos, esses fazem o que muito bem lhes apetece:

Que esses sátrapas maiores
Que governam grandes prados
Usam tanto dos cajados
Que são lobos, não pastores,
Por nossos grandes pecados.

A injustiça alastra à solta («A justiça não na vemos»): «Sabes como anda tudo/Sem conserto e sem direito./A Deus não se tem respeito.» Em contrapartida são respeitados os que vivem à custa do suor alheio («Carta a El-Rei Nosso Senhor»):

Que eu vejo nos povoados
Muitos dos salteadores
Com nome e rosto de honrados
Andar quentes e forrados
De peles de lavradores.

Grande parte dos males de que o País padece são provenientes do Oriente, que alterou os velhos costumes portugueses. Na «Carta a João Ruiz de Sá de Meneses»: diz o poeta que «Estes mimos indianos/ Hei gram medo a Portugal/ Que venham fazer-lhe os danos/ Que Cápua fez a Anibal». Mas é a carta a António Pereira que melhor exprime a influência da Índia na vida portuguesa, e não apenas a da capital. Todo o País estava contaminado e em sério perigo. «Eu já vi correr pardaes/Por Cabeceiras de Basto» diz Sá de Miranda, que acrescenta:

Não me temo de Castela
Donde guerra inda não soa,
Mas temo-me de Lisboa
Que ó cheiro d'esta canela
O reino nos despovoa.
Ouves, Viriato, o estrago
Que cá vai dos teus costumes:
Os leitos, mesas, os lumes,
Tudo cheira: eu óleos trago,
vêm outros, trazem perfumes.

Mas das paragens orientais, com os perfumes, vaidades e luxos entra também «polos portos/ No reino crara peçonha,/ Sem que remédio se ponha/ Uns doentes, outros mortos».

A maior parte da vida de Sá de Miranda decorreu durante o reinado de D. João III (1521-1557), quando já eram visíveis os sintomas da decadência do nosso país. Um ano depois da morte de D. João III faleceu o poeta, que D. Carolina Michaelis de Vasconcelos considerou «o maior vulto literário do seu tempo» em Portugal, e no dizer de Almeida Garrett foi «verdadeiro pai da nossa poesia», «o poeta da razão e da virtude, que filosofou com as musas e poetizou com a filosofia».

Por seu turno, Camões (1524/5-1580) refere em «Os Lusíadas» o desinteresse de que eram objecto a arte e a cultura. Os grandes, a quem «a ventura/Tão ásperos os fez e tão austeros,/ Tão rudos e de engenho tão remisso» ou «Em gosto e vaidades atolados» alheiam-se da arte «Porque quem não sabe arte não na estima».

A venalidade, a corrupção, campeiam, em todas as classes e estratos da população. E campeiam também a injustiça e a prepotência:

«aqueles que devem à pobreza
Amor divino, e ao povo caridade,
Amam somente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade;
Da feia tirania e de aspereza
Fazem direito e vã severidade;
Leis em favor do rei estabelecem,
As em favor do povo só perecem».

Entristece-o o espectáculo das gentes dominadas pela ganância, e da «Pátria... que está metida/ No gosto da cobiça e na rudeza/ Duma austera e vil tristeza».

E qual a razão desta «austera e vil tristeza » em que estava mergulhado o País? Provavelmente se deveria, em grande parte, ao ambiente de medo criado pelas perseguições do Santo Ofício e ao controlo cultural e ideológico exercido através da Inquisição e do ensino.

No ano da criação definitiva do Tribunal do Santo Ofício e segundo as exigências de D. João III (1547) partiu Camões para o Norte de África; voltou dois anos depois e em 1553 embarcou para o Oriente. Regressou em 1570; em 1572 saiu a primeira edição de «Os Lusíadas». O ambiente de medo e de suspeição não o desconhecia Camões, nem o de Portugal nem o de Goa, onde a Inquisição se instalou em 1560. Como não desconhecia a repressão cultural que se abatia sobre as publicações: é de 1547 a primeira lista de obras proibidas. Vieram a seguir as de 1551, 1564 e de 1581.

De cultores das Letras, «Quando entre nós houve maior cópia?», pergunta o poeta Diogo Bernardes (1525?-1596?), contemporâneo de Camões, que logo a seguir deplora:

E porém de Mecenas tantos temos
Como de brancos tem a Etiópia...

Quanto aos «desconsertos» do País, que Gil Vicente, Sá de Miranda e Camões flagelaram impiedosamente, Diogo Bernardes apontou-os em termos concordes com os daqueles escritores numa carta ao seu amigo Rui Gomes da Gram:

Se por caso cuidasses nos presentes
Tempos e nos passados, com espanto
Verias como correm diferentes:

Verias sem rebuço a cada canto
A sôfrega cobiça e a triste inveja,
E o engano com capa de grão santo;

Verias (mas quem há que isto não veja?)
Mendigar a verdade, e à mentira
Que pão e pano e tudo lhe sobeja;

Verias o mau pesar que faz a ira
Da mansa e encolhida paciência,
Que sofre e cala, e a medo inda suspira;

Verias que da sua negligência
Nobreza quer fazer a vil preguiça;

Verias as balanças da justiça
Por ódio ou por amor abalançar-se,
Não sei se também diga por cobiça;

Verias à pureza arremessar-se
a sensualidade sem vergonha,
E de ouro, engano e forças ajudar-se;

Verias suja gula, que não sonha
Senão em trazer o ventre cheio,
Que da sã abstinência faz peçonha;

Verias da soberba o desdém feio
Tratar com grão desprezo a humildade,
Que Deus honrar do céu à terra veio;

Verias a velhice e a mocidade
Guardar as leis de Vénus e de Baco,
Por obras uns, e outros por vontade;

.....

Enfim reinar verias todo o vício
Sobre toda virtude, se por caso
Na Terra tem alguma o seu hospício!

Diogo Bernardes esteve na batalha de Alcácer-Quibir (1578) e foi aprisionado. Resgatado, voltou a Portugal, talvez em 1580. Foi um dos que incitaram o rei D. Sebastião a lançar-se na funesta aventura norte-africana. Quando cativo exprobaria os conselheiros do rei, ao mesmo tempo que lamentava o trágico fim do jovem monarca:

Se foras com bom zelo aconselhado

não vieras com poucos buscar tantos,
Ó Rei, por nosso mal tão esforçado!

Nas vésperas da partida para a jornada de Alcácer-Quibir competiam os nobres em empunhar as mais finas armas, em vestir os melhores veludos, em apresentar mais ricamente fardados os lacaios. Bernardes refere numa elegia o aparato com que os portugueses se apresentaram no Norte de África para combater o numeroso exército dos mouros:

Não só prodigamente enriqueceste
Com despojos reais o pobre mouro,
Mas inda nossa fama escureceste.

Os que pretendem palma e os louros,
Na batalha cruel, feia, sangrenta,
Com ferro se guarnecem, não com ouro...

A vista do que tanto nos contenta,
A pérola e a pedra reluzente,
As forças dos imigos acrescenta.

A riqueza, vencida no Oriente,
Veio num dia só, por vária sorte,
A vencer cá a vencedora gente!

Bravatas e inconsciência redundaram numa tremendíssima derrota. Não se esfumara, no entanto, a vaidade e a ostentação dos nobres, prisioneiros no Norte de África após o desastre de Alcácer-Quibir. Do seu viver ostentoso ficou-nos um preciso retrato na «Crónica d'El-Rei D. Sebastião» durante muito tempo atribuída a Fr. Bernardo da Cruz: «Viviam com tanta opulência e fausto no tratamento de suas pessoas como homens que estavam senhores da terra; e além de cada um ter sua pousada em casas muito formosas de judeus, com ricas camas e tapeçarias, gastavam esplendidamente em vestir mui ricas rendas, e jogar, e comer, fazendo maiores despesas que em Portugal.»

Naquele fim de século o País deslizava célere num declive. Não tardaria a mergulhar bem fundo num lamaçal fedorento.

Santos Chambino

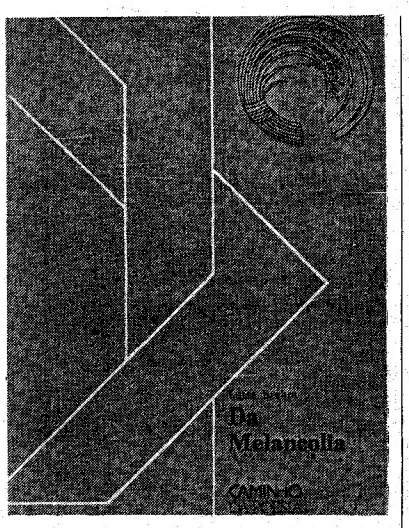
Acabados de Chegar

☐ A formação do Espaço Económico Nacional, David Justino, Vega

Dedicado a Vitorino Magalhães Godinho, a quem o autor tem por «mestre, cidadão e amigo», esta obra, circunscrita ao período português que vai de 1810 a 1913, intessa sobretudo aos que se dedicam à interpretação da temática implícita no tí tulo. Lê-se, em **nota prévia**, que «a primeira versão do trabalho que agora depositamos nas mãos do leitor foi redigida no período compreendido entre Março de 1983 e Agosto de 1985. Ela constitui a dissertação de doutoramento em Sociologia (especialidade Sociologia e Economia Históricas) defendida na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no dia 7 de Janeiro de 1987. Para além da obtenção do respectivo grau académico com a mais elevada classificação, quis a Fundação Calouste Gulbenkian distingir-nos com o Prémio Gulbenkian de Ciência e Tecnologia para a área das Ciências Sociais e Humanas». A este volume seguir-se-á um segundo. Integrado na colecção **Documenta Historica**, uma das rubricas da Vega, sem dúvida que esta editora presta um excelente serviço ao leitor especializado e também ao aluno do ensino superior que optou por investigação do género. (Outras edições da Vega, de cariz diferente, mas todas de interesse, serão aqui apresentadas nos próximos números de **Ler/Escrever**.) Reportando-nos ao livro agora em questão, diremos, com base em elementos fornecidos pela Vega, que se trata de um estudo que pretende avaliar as transformações operadas na economia e na sociedade portuguesa, durante o período correspondente ao que o autor define por **interciclos dos impérios**, precisamente quando Portugal se vê confrontado com a necessidade de redimensionar o seu espaço nacional. Neste primeiro volume o autor define as grandes configurações económicas do território, para meados do século XIX, a partir da geografia das produções, das redes de circulação dos bens, dos padrões de consumo, dos mercados e dos preços agrícolas. Integra a diversidade dos espaços nos diferentes patamares da hierarquia das actividades económicas (do autoconsumo ao capitalismo, passando pela economia de mercado) para fazer salientar as diferentes lógicas de diferenciação regional, especialmente as que opõem Litoral/Interior e Norte/Sul. — Edição patrocinada pelo Instituto Português do Livro e da Leitura.

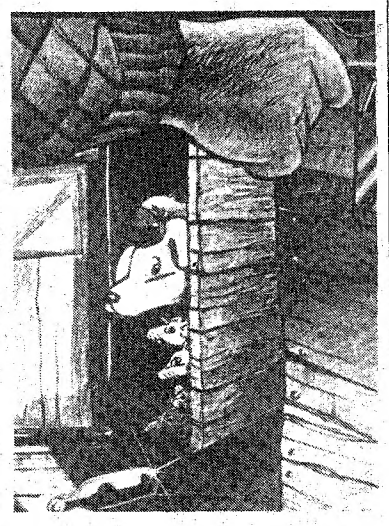
☐ A Estrada Azul, Kenneth White, Relógio d'Água

Durante trinta anos um homem sonha com o Labrador, até fazer dele um país quase mítico. Um dia parte para confrontar o sonho com a realidade. Segue ao longo da costa norte de S. Laurent, passa pelo Quebeque, atravessa todo o plantalto e termina a viagem na remota baía de Ungava. Em cada etapa do percurso, o viajnate põe à prova os seus desejos, invoca recordações, fala com fantasmas, acumula experiências e encontros. Que busca ele, afinal? Bem, a esta pergunta dará o leitor resposta lendo este romance. **A Estrada Azul,** obra sobre a qual nos viremos a pronunciar, diga-se de passagem, é um dos mais belos e enigmáticos livros de Kenneth White, um escritor de origem escocesa cuja obra tem aberto um espaço novo na literatura europeia. Tradução de Maria Regina Louro e capa de Rita Cardoso Pires.



☐ Da Melancolia, Luísa Brehm, Caminho

Afirma a autora, à laia de apresentação: «Falo da banalidade da vida./Da relação humana sem grandes profundezas./Talvez não seja necessário dizer muita coisa/ou contar sobre a ausência.» De quatro partes se compõe o livro: **Do Sonho, Do Amor, Da Solidão e Da Saudade.** Vamos ler, em tempo de mais sossego, e dizer das nossas impressões. Refira-se, entretanto, três livros anteriores da autora: **Baby Lou** (poesia), **Crónicas d'El** (ficção) e **Em cima do mundo nos caminhos deste México** (ensaio).



☐ Os Donos da Praia, Violeta Figueiredo, Colecção Pena Verde

Um livro para crianças, entre os 9 e os 13 anos. Resumo (sem quebrar o «suspense»): Cinco animais numa praia deserta tornam-se amigos. Mas a sua vida tranquila mudará com a chegada do bicho homem... A autora tem já outros dois títulos anteriores: **A História das Portas** (1979) e **Marilu Micifu** (1981). Ilustrações, leves, de Jorge Barros, José Bandeira e Vasco Cordovil.

"Lua de Fogo": primeira aposta da Querco nos domínios da ficção

Com um projecto mais vasto, que aponta para interessantes novidades nas áreas da Educação, da História e da Ficção, a Editorial Querco acaba de lançar a mais recente e famosa obra de um jovem romancista argentino, Mempo Giardinelli. Trata-se da «Lua de Fogo», que valeu a Giardinelli o Prémio Nacional de Romance do México, atribuído pela primeira vez a um estrangeiro.

Relato denso, amargo, irónico e vertiginoso, com um vago sabor policial, de uma estranha relação erótica de um quarentão com uma fascinante e não menos preversa adolescente (quantas «Lolitas» no tropical hemisfério sul-americano...), a «Lua de Fogo» é também uma passagem, ainda que breve ou esbatida, pelos sinais da, felizmente já derrubada, ditadura militar argentina e uma viva interrogação sobre os limites da vontade e dos valores humanos.

Com obras já publicadas no México, Estados Unidos, Alemanha, Itália, Holanda, França e Brasil (onde a «Lua de Fogo» obteve assinalável êxito) e, naturalmente, na Argentina, onde reside agora e edita e dirige a revista cultural «Puro Cuento», Mempo Giardinelli abre esta incrível «Lua» com a citação de Canetti: « A morte é o facto primeiro e o mais antigo. Quase me atreveria a dizer: o único facto. Tem uma ida - de monstruosa e é eternamente nova».

O eu nos outros

O bárbaro

LEONARDO, no alto da escadaria, entretinha os olhos nos convidados, efusivos no piso inferior, uns saudando-se com taças cintilantes, outros conversando de charuto na mão. O som das vozes, as vogais misturadas, os risos, outros ruídos, ascendiam até ele qual uma nuvem, um **bar-à-bar** quase sem pausas, desorientando-o e fazendo-o hesitar na descida dos degraus.

«Que **bar-à-bar!** Que bárbaros eles não são! **Barbaroi...**» — e Leonardo sorriu-se ao recordar o termo grego, os tempos já passados da Faculdade de Letras, a iniciação nos pré-socráticos, os diálogos de Platão... Encolheu os ombros, foi descendo os degraus, alguém, cá em baixo, lhe meteu o braço.

— Cecília — disse Leonardo.

Cecília retirou o braço:

— Pensei — disse — que dirias o meu nome com um ponto de exclamação no fim.

Ele tomou-lhe os ombros, beijou-a de leve na testa e contemplou-a por momentos — e **viu-a** num outro tempo, preenchendo-o todo, sumindo os minutos em segundos, aumentando os minutos em horas. O mergulho nas ondas, os beijos translúcidos, as palavras moldadas na areia... Cerrou os olhos, afastou-se um pouco, serviu-lhe uma taça de espumante, ficou olhando o ouro da sua. E disse:

— O que passou, passou.

Ela disse, os olhos levemente húmidos:

— Pois fica sabendo que vim cá só para te ver! — Leonardo sentiu o ponto de exclamação da confissão de Cecília, da sua coragem em saber estar com ele, o marido ao longe, rodeado por um grupo, exibindo um aceno de amistosa saudação.

— E como vais tu com Rogério...? — perguntou.

Cecília, seca, pousando a taça:

— Vai.

Rogério veio até eles, felicitou-o pelo prémio literário, enlaçou os ombros da mulher. «Um triângulo — pensou Leonardo. — Será que um triângulo terá de ter sempre três lados...? Porque não conceber um triângulo só com dois lados...? É fácil: basta que eu me retire. Ficam dois lados visíveis, Cecília e Rogério — e o lado invisível que sou eu depois de me ter retirado. Ora aqui está um triângulo nunca concebido por Euclides!» — Baixou a cabeça, sorriu a ambos e...

— Já nos deixas...? — admirou-se Rogério, Cecília com um traço de fúria nos lábios.

Leonardo, na verdade, iniciara a subida da escadaria, ensismemado no triângulo de dois lados que acabara de criar. «Lá se vai o lado invisível» —e, degrau a degrau, uma vez mais se encontrou só no alto da escadaria, contemplando os convidados cá em baixo. «**Barbaroi!**» — disse a meia voz, encaminhando-se rápido para o seu gabinete de escritor. Aí, diante da máquina de escrever, teve a noção absurda de ter criado um novo triângulo, agora só com um lado, ele e só ele. Os outros dois lados, Cecília e Rogério, eram agora lados invisíveis. Afinal, um triângulo sempre tinha três lados... Sentou-se, fechou os olhos, íntimo exclamou: «Que bárbaro», mas que bárbaro, eu não sou!».

Pedro Alvim